

REVISTA

MEMORIAL

CULTURAL

Ano 2 | Edição 2

Cusco respira arte

A cosmovisão andina refletida no dia a dia da antiga cidade imperial

De *O Eternauta* a *Superpunk*

Uma relação entre HQ e sociedade latina

Além da dor

Katú Mirim explora o amor e a felicidade no álbum *Cura*



Governo do Estado de São Paulo

Tarcísio de Freitas
Governador do Estado de São Paulo
Marília Marton
Secretária de Estado de Cultura, Economia e Indústria Criativas

Fundação Memorial da América Latina

Conselho Curador
Almino Monteiro Álvares Afonso
Presidente do Conselho
Marcelo Fernandes Pereira
Vice-presidente do Conselho
Marília Marton
Secretária de Cultura, Economia e Indústria Criativas
Vahan Agopyan
Secretário de Ciência, Tecnologia e Inovação do Estado de São Paulo
Antonio José de Almeida Meirelles
Reitor da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP
Carlos Gilberto Carlotti Júnior
Reitor da Universidade de São Paulo – USP
Pasqual Barretti
Reitor da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP
Marco Antonio Zago
Presidente da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP
Max Perlingeiro
Membro do Conselho

Diretoria executiva
Pedro Mastrobuono
Diretor-Presidente
João Carlos Corrêa
Diretor de Atividades Culturais
Roberto Bertani
Diretor do Centro Brasileiro de Estudos da América Latina
Lucas Jordão
Diretor Administrativo e Financeiro

Conselho editorial
Pedro Mastrobuono, João Carlos Corrêa e Roberto Bertani

Diretor e Editor-chefe
João Carlos Corrêa

Editoras assistentes
Marcella Fonseca e Nathalin Gorska
Redação e preparação dos textos
Marcella Fonseca e Nathalin Gorska

Revisão
Marcella Fonseca e Nathalin Gorska

Projeto gráfico
Marcella Fonseca

Design de capa
Marcella Fonseca

Fotos das capas
Paloma Bazán

Ilustração e Diagramação
Marcella Fonseca, Paula Albino Dias e Mayko Jordan

Produção
Danielle Baleeiro, Laís Camile C. Barbosa e Gabriel Rutschka Weber

Textos
Ana Reis, Conrado Parra, Gabriella Emim, Giovanna Rigamonti, Guilherme Bryan, Isabella Vilela, Juliana Castro, Leila Rabello de Oliveira, Lucca Rodrigues, Marcella Fonseca, Maria Paula Santos, Mayra Cardozo, Nathalin Gorska e Shamuel Bailão

Colunistas
Donny Correia, Fábio Banderó, Laura Cánepa, Renata de Albuquerque e Nivaldo Ferraz

Os textos são de total responsabilidade dos autores.

É expressamente proibida a reprodução, por qualquer meio, do conteúdo da revista.

MEMORIAL CULTURAL é uma publicação da Diretoria de Atividades Culturais da Fundação Memorial da América Latina.

Av. Mário de Andrade, 664, Barra Funda, São Paulo, SP, Brasil.
CEP: 01156-001.

Tel.: +55 11 3823-4600
www.memorial.org.br



Tapeçaria em lã
de Tomie Ohtake

É com imensa satisfação que apresentamos a segunda edição da Revista Memorial Cultural, fruto da colaboração inédita e enriquecedora entre a Fundação Memorial da América Latina e o Centro Universitário Belas Artes.

Reafirmando seu compromisso como agente transformador e catalisador de conexões sociais e acadêmicas, o Memorial convidou alunos do curso de pós-graduação em Jornalismo Cultural e de Entretenimento da BA para uma participação ativa na construção desta edição. Esta iniciativa pioneira só foi possível graças ao empenho dos doutores Pedro Mastrobuono e Roberto Bertani, membros do Conselho Editorial da Revista Memorial Cultural e professores da Belas Artes.

Para mim, como editor-chefe e também aluno dessa pós-graduação, é um momento de especial alegria. Ao lado das talentosas editoras-assistentes Nathalin Gorski, e Marcella Fonseca – que foi incorporada ao time da Fundação Memorial –, tivemos o privilégio de coordenar o desenvolvimento de matérias e projetos especiais elaborados por nossos colegas de turma. O foco editorial desta edição busca aproximar o leitor das ricas culturas peruana e argentina, além de celebrar os 35 anos de nossa instituição - uma jornada que você, caro leitor, está convidado a explorar ao longo destas páginas.

Nosso time de colunistas foi enriquecido com a participação de docentes da Belas Artes, que trazem reflexões profundas sobre suas especialidades acadêmicas. As matérias abordam temas diversos e instigantes, como a exploração do conceito de identidade latino-americana em “O ser Latino”, pela perspicaz análise da Nathalin, e um mergulho na vida e obra do ícone Luiz Gonzaga, sob o olhar

sensível do colega Conrado, entre muitos que, tenho certeza, você vai amar. São convites irresistíveis para uma tarde de leitura enriquecedora, acompanhada de um bom café.

Destacamos ainda a criação de um caderno especial dedicado à diversidade, apresentado pelo Dr. Pedro Mastrobuono, trazendo à tona pautas fundamentais como a importância histórica e cultural do Largo da Banana e um perfil exclusivo da talentosa rapper Katú Mirim, ampliando nosso olhar sobre a pluralidade da cultura latino-americana.

Assim, com orgulho e expectativa, entregamos a você, estimado leitor, esta edição da Revista Memorial Cultural. Que estas páginas sejam um convite à reflexão, ao conhecimento e à celebração da rica tapeçaria cultural que nos une como latino-americanos.

Desejamos a todos uma leitura inspiradora e transformadora. •

João Carlos Corrêa – Editor-Chefe

*Diretor Cultural e de Comunicação da
Fundação Memorial da América Latina*

Marcella Fonseca – Editora Assistente

*Gerente de Comunicação Social da Fundação
Memorial da América Latina*

Nathalin Gorska – Editora Assistente

*Pós-graduanda no curso de Jornalismo Cultural
e de Entretenimento na Belas Artes*



Fotos: arquivo pessoal

Diversidade e criatividade unem Belas Artes e Memorial

Dada a relevância histórica, social e cultural, a parceria entre o Centro Universitário Belas Artes de São Paulo e o Memorial da América Latina era inevitável. Mais do que isso. Chega num ótimo momento para as duas instituições e se concretiza por meio dessa publicação, que conta com artigos e reportagens realizadas pelos docentes e estudantes da primeira turma do curso de pós-graduação em Jornalismo Cultural e de Entretenimento.

Em andamento desde fevereiro de 2024, o curso de pós-graduação em Jornalismo Cultural e de Entretenimento da Belas Artes foi planejado há alguns anos, exatamente quando outras grandes instituições de ensino de São Paulo e de outros estados brasileiros deixaram de apostar nesta área de conhecimento. A razão é que, desde que foi criada a graduação em Jornalismo, há cerca de 10 anos, muitos estudantes começaram a manifestar que, dentre as várias opções apresentadas pelo curso, desejavam atuar justamente nela.

Muitas vezes vista como uma área menor do Jornalismo, quando comparada a segmentos como o da Política e da Economia, a Cultura firmou-se como uma das mais atuantes e relevantes ao longo de todo o século XX. Basta lembrar, por exemplo, os duelos textuais estabelecidos entre o escritor Monteiro Lobato e a artista plástica Anita Malfatti logo nas primeiras décadas; a modernização do Jornal do Brasil, com a revolução provocada por Zuenir Ventura no Caderno B; e a

criação da Ilustrada e, mais adiante, do Folhateen, na Folha de S. Paulo, que tornou-se o veículo impresso mais consumido entre os jovens e no qual o coordenador do curso da Belas Artes teve o grande prazer de escrever inúmeras reportagens e também de ser entrevistado.

A ideia do curso da Belas Artes é levar os estudantes da pós-graduação a aprofundarem as formações, seja da área da Comunicação Social ou de quaisquer outras, entrando em contato com grandes profissionais do mercado e também da área acadêmica, que atuam em segmentos tão diversos quanto o Cinema, as Artes Visuais, a Música, a Moda e a Literatura. Em sintonia com o mundo contemporâneo, o curso também inclui temas como a Cultura Periférica, a Gastronomia, o Videogame e as HQs.

Além disso, os estudantes são levados a experimentar as mais diferentes linguagens, o que pode ser percebido um pouco aqui nesta publicação do Memorial da América Latina. Ou seja, desde o texto escrito propriamente dito, para jornal e revista; passando pela produção radiofônica, incluindo os podcasts; até chegar na linguagem audiovisual da televisão, das séries documentais das plataformas de streaming e dos grandes portais de notícias.

Nada mais em sintonia com a filosofia do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo do que valorizar a própria história praticamente centenária – completará 100 anos em 23 de setembro de 2025 –,



Ateliê livre da Belas Artes

e acompanhar o que é exigido pelo atual mercado de trabalho, apostando na economia criativa. Mas também proporciona aos estudantes a reflexão e as condições para desenvolverem projetos criativos que resolvam os problemas do presente e criem as condições para um país muito melhor no futuro e em sintonia com os países vizinhos da América Latina.

O fundador Pedro Augusto Gomes Cardim participou ativamente da vida artístico-cultural de São Paulo, como a criação do Theatro Municipal de São Paulo, a Academia Paulista de Letras, o Conservatório Dramático e Musical de São Paulo e a Companhia Dramática de São Paulo. Desse modo, foi natural fundar uma instituição voltada ao ensino das artes, criando um espaço de diálogo, troca de conhecimentos e desenvolvimento de criatividade e expressão pessoal.

Foram justamente esses propósitos que levaram o antropólogo Darcy Ribeiro a criar o Memorial da

América Latina, em 18 de março de 1989, para ser um dos mais importantes centros culturais, políticos e de lazer, não apenas da cidade de São Paulo, mas do Brasil e da América Latina. Ele também compartilha a missão de integrar socialmente todos os países desse grande e riquíssimo continente marcado pela diversidade através da cultura, da política e da economia.

Portanto, é desejo do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo que essa parceria com o Memorial da América Latina, que se concretiza com a publicação dessa revista, siga dando muitos frutos em nome do respeito e da valorização das diferenças e da criatividade inerente a todo ser humano. Afinal, trata-se de duas instituições extremamente relevantes para a capital paulista, com uma história riquíssima e com o olhar voltado para o presente a fim de construir um futuro muito melhor. •

Texto por:
Guilherme Bryan
Coordenador dos cursos de graduação em Cinema e Audiovisual e de pós-graduação em Cinema e Jornalismo Cultural e de Entretenimento da Belas Artes.

Leila Rabello de Oliveira
Pró-reitora de Educação Digital do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo.



10 O horror corre nas veias do cinema latino-americano	40 O dom da palavra	84 As guardiãs da viola de cocho
12 Fantástico: o tempo da incerteza	42 Luiz Gonzaga, um cronista do modo nordestino de viver e se expressar	90 Largo da Banana: O berço do samba, mas não só dele
14 A Culinária Argentina: Uma Sinfonia de Sabores e Tradições	46 O samba como patrimônio brasileiro	94 Intolerância Religiosa no Brasil
16 O novo homem segundo os povos originários do Peru	50 O ser Latino	96 Entre ondas e segredos
18 “Artivismo” antropofágico na obra de Thiago Cóstackz	54 CUSCO respira cultura	
20 35 anos de história e transformação	60 Conhecendo culinárias vizinhas	
28 Conheça o Cine Clube do Memorial da América Latina	66 Na imensidão da Patagônia	
32 A retirada dos tapa-olhos	70 A Amazônia é Latina!	
34 Uma relação entre HQ e sociedade latina	78 Katú Mirim explora o amor e a felicidade no álbum <i>Cura</i>	

O horror corre nas veias do cinema latino-americano



Cena do filme *La Llorona*, de Jayro Bustamante, 2019 (Reprodução)

Eduardo Galeano descreveu o continente latino-americano como uma terra marcada pela exploração sem fim, e usou uma metáfora violenta que consagraria a sua obra *As Veias Abertas da América Latina*, publicada pela primeira vez em 1971. Segundo ele, “a América Latina nasceu sangrando, e continua a sangrar até hoje”.

O escritor uruguaio certamente contribuiu para inspirar a mexicana Sayak Valencia, que, quarenta anos depois, publicou o tratado *Capitalismo Gore* (2010), proposto como uma evolução do conceito de necropolítica, desenvolvido pelo filósofo camaronês Achile Mbembe. Valencia se apropriou da palavra *gore* (subgênero dos filmes de horror que alude à violência gráfica) para descrever um tipo de necro-empoderamento que ocorre nas nações da periferia do capitalismo. Segundo ela, as nações periféricas – na maioria das vezes, ex-colônias – estão relegadas a um ambiente de selvageria no qual tanto os Estados quanto o crime organizado fazem um uso predatório dos corpos, dilacerando-os de forma impiedosa e performática, como parte de um processo de acumulação de capital.

Ao lermos Valencia e Galeano, é difícil não ver a América Latina como um grande cemitério indígena (outra referência às histórias de horror), que abriga também boa parte da diáspora africana e de outras regiões empobrecidas do planeta.

A ideia de uma América Latina que sangra ao relento encontrou no século XXI um campo de expressão até então pouco visitado pelos seus artistas: o cinema de horror. Na produção audiovisual contemporânea de países como Argentina, México, Brasil e Chile, mas também

Colômbia, Costa Rica e Guatemala, o horror tem adquirido papel de destaque, aparecendo em festivais, canais de TV e plataformas de *streaming*, e podendo chegar eventualmente às telonas, nos intervalos entre os *blockbusters* de ocasião.

Exemplo disso pode ser encontrado no sucesso guatemalteco *La Llorona* (Jayro Bustamante, 2019), história de fantasma sobre o genocídio indígena que venceu o Globo de Ouro na categoria de Melhor Filme em Língua Estrangeira, em 2021, tornando-se um dos longas mais destacados do cinema da Guatemala neste século. É o caso também de *Morto Não Fala* (Dennison Ramalho, Brasil, 2019); *O Mal Que Nos Habita* (Aterrorizados, Demián Rugna, Argentina, 2023); *El Conde* (Pablo Larraín, Chile 2023) e *Huesera* (Michelle Garza Cervera, México, 2022), que articularam lendas locais a histórias de violência contra pobres e minorias em seus respectivos países, recebendo atenção da mídia especializada, festivais e exibidores internacionais.

Tratado quase sempre como um gênero menor, o horror também se tornou referência para realizadores de prestígio que atuam para além do âmbito do cinema de gênero, como a argentina Lucrécia Martel (*A Mulher Sem Cabeça*, de 2008), o mexicano Carlos Reygadas (*Post Tenebras Lux*, 2012) e o brasileiro Kleber Mendonça Filho (*O Som ao Redor*, 2012, e *Aquarius*, 2015).

Essa geração de cineastas foi alimentada na infância e adolescência pelos filmes de horror estadunidenses que inundaram as telas do mundo inteiro nos anos 1980, com seu amplo bestário de *slashers* e *gremlins*. No entanto, foi também capaz de articular as tendências mundiais do

gênero às tradições do gótico tropical e do realismo mágico da América Latina. Isso originou filmes nos quais a própria realidade local serve como elemento de assombração e temor, como se percebe em longas brasileiros como *O Animal Cordial* (Gabriela Amaral Almeida, 2017), *As Boas Maneiras* (Marco Dutra e Juliana Rojas, 2017) e *O Fim da Picada* (Christian Saghaard, Brasil, 2009).

Nesse contexto, vale lembrar que o horror latino-americano já encontrara, no século passado, cineastas capazes de produzir metáforas sangrentas e traumáticas. Impossível não lembrar do brasileiro José Mojica Marins (criador do personagem Zé do Caixão a partir de *À Meia Noite Levarei Sua Alma*, 1964), do chileno radicado no México Alejandro Jodorowsky (*El Topo*, 1970; *Santa Sangre*, 1989) e do mexicano Juan López Moctezuma (*Alucarda*, 1977), que interpretaram a loucura e a violência autoritária em filmes que se tornaram clássicos incontornáveis do cinema de horror mundial.

As obras de horror contemporâneas da América Latina dão continuidade à tradição iniciada por esses pioneiros, abordando questões como violência, desigualdade social e identidade cultural, mas concentram-se predominantemente em experiências cotidianas, como em *A Região Selvagem* (Amat Escalante, México, 2016), *Bem Perto de Buenos Aires* (Historia del Miedo, Benjamin Naishat, Argentina, 2014) e *Mate-me Por Favor* (Anita Rocha da Silveira, 2015).

Acompanhar essa produção nos permite observar certas tendências cinematográficas globais – entre as quais o realismo sensório e o cinema de fluxo – reelaboradas por cineastas capazes de refletir a experiência coletiva diante de uma história de séculos de violência. O sucesso popular desses filmes ainda não se fez nas telas grandes, mas muitos deles estão disponíveis para assombrar um *streaming* perto de você. •



Cena do filme *O Animal Cordial*, Gabriela Amaral Almeida, 2017 (Reprodução)



Texto por:
Laura Cánepa
Doutora em Multimeios pela Unicamp, com pós-doutorado em Meios e Processos Audiovisuais pela ECA-USP. É docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista e da Pós-graduação em Jornalismo Cultural e de Entretenimento do Centro Universitário Belas Artes.

Fantástico: o tempo da incerteza

“Toda linguagem é um alfabeto de símbolos cujo exercício pressupõe um passado que os interlocutores compartilham; como transmitir aos outros o infinito Aleph, que minha tímida memória mal e mal abarca? (...) O que meus olhos viram foi simultâneo; o que transcreverei será sucessivo, pois a linguagem o é. (...) Cada coisa (o cristal do espelho, digamos) era infinitas coisas, porque eu a via claramente de todos os pontos do universo”¹.

Eu era bem jovem quando li pela primeira vez *O Aleph*. Foi meu primeiro contato com a literatura fantástica. E as palavras que abrem este texto me atingiram como um soco: por meio do narrador, Jorge Luis Borges quer escrever sobre algo de que a linguagem não dá conta. É a busca, fracassada na gênese, de uma totalidade impossível.

No fim da adolescência, sempre temos a pretensão de poder tudo. Mas, Borges avisava a uma jovem estudante de jornalismo, que queria fazer da palavra sua profissão, que a palavra não podia tudo, mas que deveria continuar tentando.

Isso que não se conforma – no sentido de não caber em uma forma ou um molde – é parte integrante do fantástico, um gênero que confronta o real e o transcendente – ou o sobrenatural. Muitas vezes amálgama-os “pela contradição e pela recusa mútua e implícita de duas ordens”, como afirma a pesquisadora Ana Luíza Silva Camarani. E o faz para trazer estranhamento ao leitor, que nem sempre consegue explicar a razão desse desconforto. Mas, nem sempre há delicadezas ou sutilezas nesse processo: a interferência do sobrenatural pode ser, muitas vezes, brusca.

O fantástico não trata necessariamente de fantasmas ou histórias de terror macabro. No caso d’*O Aleph*, escrito por um dos mais importantes

escritores argentinos do século XX, o sobrenatural é uma esfera por meio da qual tudo pode ser visto ao mesmo tempo. Nesse gênero, as narrativas subvertem as leis naturais do universo real. O que pode parecer exagero quando se toma distância do texto é, ao mesmo tempo, aquilo que atrai o leitor e o fisga para dentro da ficção. A contradição, de alguma forma, abraça aspectos que parecem inconciliáveis para dar-lhes um verniz natural. É assim que, na superfície, as águas desse universo são calmas; mas é nas profundezas que encontramos os mais desafiantes e perturbadores elementos.

O autor como guia

Na literatura fantástica, o que seria impossível acontecer em um mundo regido pelas regras sob as quais vivemos, acontece. Tzvetan Todorov, autor da *Introdução à Literatura Fantástica* e precursor no estudo desse gênero, explica que existem duas possibilidades para isso: ou estamos diante de uma ilusão de sentidos (um produto da imaginação) ou a realidade é regida por leis que desconhecemos e tudo isso existe, mas raramente pode ser visto. “O fantástico ocupa o tempo desta incerteza”, escreve ele. Assim, o fantástico só existiria pela hesitação. As explicações seriam responsáveis por dissipar o efeito que essa ficção causa no leitor.

Borges explora essa fronteira imprecisa com maestria: nos jogos de duplo, nos labirintos, nas bifurcações, nas bibliotecas, nos espelhos, na escrita que se repõe. Sua vasta erudição permite várias possibilidades de leitura, a depender do repertório que cada leitor traga consigo. Tudo em sua obra multiplica-se em um efeito, de certa forma, caleidoscópico.

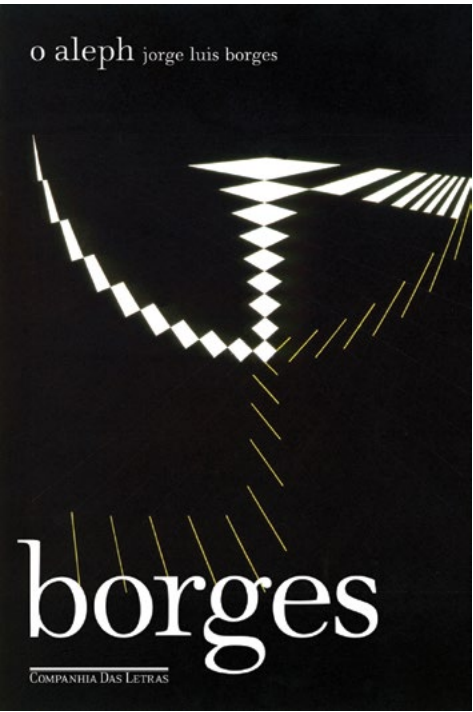
“Não são as respostas que importam, mas sim as perguntas que é possível elaborar a respeito daquilo que nos cerca.”

Em Borges, o leitor caminha vacilando como quem se embrenha em um emaranhado de ideias, tendo como único guia o autor e sabendo que nem sempre chegará a uma clareira. Em sua obra, o autor argentino consegue desestabilizar a ideia de realidade e, como que a mimetizar a progressiva cegueira que o acometeu a partir dos 30 anos, borra os limites entre realidade e ficção. Ambas se irmanam para jogar com o leitor e provocar nele uma perplexidade que desperta o desejo de continuar a mergulhar neste universo.

Ao intitular um de seus livros de contos de *Ficções*, Borges alerta: sua obra não deseja reproduzir o mundo, mas sim reinventá-lo, para que o leitor possa tirar dessa experiência prazer estético, de certa forma blindando-se da realidade enquanto vivencia situações que só poderiam acontecer dentro da lógica do texto; não externamente a ele.

Se à primeira vista esse mecanismo pode parecer alienante, uma observação mais atenta mostra que o leitor sai dessa experiência mais questionador e curioso em desvendar as obviedades do mundo real. Afinal, não são as respostas que importam, mas sim as perguntas que é possível elaborar a respeito daquilo que nos cerca. •

¹BORGES, Jorge Luis. *O Aleph*. Trad: Flávio José Cardozo. Globo: São Paulo, 1996. p. 124-125



Capa da versão e-book de *O Aleph*, de Jorge Luis Borges. Versão de 2016 da Companhia das Letras (Reprodução)



Texto por:
Renata de Albuquerque
Jornalista, Mestre em Literatura Brasileira pela FFLCH/USP, autora da dissertação “Senhoras de si: o querer e o poder de personagens femininas nos primeiros contos de Machado de Assis”.

A Culinária Argentina: Uma Sinfonia de Sabores e Tradições

A Argentina é um verdadeiro paraíso gastronômico, em que cada prato conta uma história de tradição e paixão pela comida. Além da renomada carne, influenciada pela tradição gaúcha e pelos vastos campos de pastagens, a gastronomia abraça uma mistura de sabores e técnicas de culinária do mundo todo. Com uma história de imigração que remonta ao século XIX, a Argentina recebeu influências culinárias de países como Itália, Espanha, França e Alemanha, cada um deixando sua marca única na cozinha local. Essa fusão de culturas culmina em uma rica diversidade de pratos, desde os clássicos italianos como pizza e massas, até os famosos doces franceses e os tradicionais pratos espanhóis.

A herança gaúcha e a carne argentina
A carne argentina é, sem dúvida, uma das mais celebradas no mundo. A tradição gaúcha, com suas raízes profundas na cultura dos pampas, define a forma como a carne é criada, preparada e apreciada. Os pampas, com suas vastas e férteis pastagens, fornecem o ambiente perfeito para a criação de gado de alta qualidade. Este gado é criado de forma natural, alimentando-se de pasto, o que resulta em carne tenra e saborosa.

O churrasco, ou asado, é a estrela da culinária argentina. Mais do que uma simples refeição, o asado é um evento social, uma celebração da amizade e da família. Preparado em uma parrilla *[grelha]* ou em uma fogueira aberta, o asado inclui uma variedade de cortes de carne, como costela, chorizo, morcilla *[linguiça de sangue]* e matambre *[um corte fino*

e suculento]. A carne é temperada de forma simples, geralmente apenas com sal, permitindo que seu sabor natural brilhe. Acompanhamentos tradicionais incluem chimichurri, uma salsa de ervas, alho, vinagre e azeite, que complementa perfeitamente a carne grelhada.

Influências culinárias europeias
A onda de imigração no século XIX trouxe uma rica mistura de influências europeias para a Argentina, cada uma deixando sua marca na culinária local. Os italianos, por exemplo, introduziram pratos que rapidamente se tornaram pilares da dieta argentina. A pizza argentina, com sua massa espessa e coberturas generosas, é uma adaptação única da versão italiana. Outro prato italiano popular é a milanesa, uma carne empanada que pode ser servida de diversas maneiras, incluindo a milanesa à la napolitana, coberta com molho de tomate e queijo derretido.

Os espanhóis também desempenharam um papel crucial na formação da culinária argentina. Pratos como a tortilla espanhola *[omelete de batata]* e a paella são comuns, mas adaptados ao estilo e ingredientes locais. A empanada, uma massa recheada que pode conter carne, frango, milho ou outros ingredientes, é uma iguaria espanhola que foi abraçada pelos argentinos e se tornou um símbolo da culinária nacional.

Os franceses e alemães contribuíram com técnicas de confeitaria e panificação que enriqueceram ainda mais a culinária argentina. Os croissants *[ou medialunas, como são conhecidos na Argentina]* e uma variedade de doces e pães mostram a influência francesa, enquanto os alemães trouxeram técnicas de panificação robustas e pratos como o chucrute.

O papel dos cafés e a cultura alimentar urbana

Em Buenos Aires, a capital e maior cidade do país, a cultura dos cafés é uma parte integral da vida cotidiana. Estes estabelecimentos não são apenas lugares para beber café, mas também centros sociais onde os argentinos se reúnem para conversar, ler e desfrutar de refeições leves. Os cafés portenhos oferecem uma variedade de bebidas quentes, acompanhadas por delícias como medialunas, facturas *[uma variedade de doces e pães]* e alfajores *[biscoitos recheados com doce de leite e cobertos com chocolate ou açúcar em pó]*.

Além dos cafés, Buenos Aires é lar de restaurantes de classe mundial que refletem a diversidade culinária do país. Chefs renomados criam pratos que destacam os ingredientes locais, ao mesmo tempo que incorporam técnicas modernas e influências globais. Este ambiente vibrante e inovador garante que a gastronomia argentina continue a evoluir e surpreender.

Ingredientes frescos e de alta qualidade

A base da culinária argentina é a qualidade dos ingredientes utilizados. O país é abençoado com uma terra fértil que produz uma abundância de produtos frescos. Frutas e legumes sazonais, como a batata, o milho, os tomates e os pimentões, são amplamente utilizados no dia a dia. Além disso, o litoral argentino fornece uma rica variedade de frutos do mar, incluindo camarões, lulas e peixes frescos.

Os argentinos têm um profundo respeito pelos ingredientes naturais e um compromisso com a sustentabilidade e a produção local. Este enfoque garante que cada prato seja não apenas delicioso, mas também respeitoso com o meio ambiente.

Doces e sobremesas: uma Explosão de sabor

A doçaria argentina é uma área em que as influências europeias se manifestam de maneira espetacular. O doce de leite, uma espécie de caramelo

feito a partir de leite condensado, é um ingrediente fundamental em muitas sobremesas argentinas. É utilizado para rechear alfajores, tortas, e até mesmo como cobertura para sorvetes.

Outro doce popular é a facturas, que inclui uma variedade de pães doces e bolos, frequentemente recheados com doce de leite ou creme pasteleiro. A pasta frola, uma torta com cobertura de treliça geralmente recheada com marmelada ou doce de batata doce, é outra sobremesa tradicional que exemplifica a fusão de técnicas europeias e sabores argentinos.

Vinhos argentinos: um complemento perfeito

Nenhuma exploração da culinária argentina estaria completa sem mencionar os seus vinhos. A Argentina é um dos maiores produtores de vinho do mundo, com uma reputação especialmente forte para o Malbec. As regiões vinícolas de Mendoza, Salta e Patagônia produzem vinhos de alta qualidade que são aclamados internacionalmente. Estes vinhos são o complemento perfeito para a rica e variada culinária do país, elevando cada refeição a uma experiência sensorial completa.

A experiência gastronômica completa

Em resumo, a culinária argentina é uma celebração de sabores, tradições e inovação. Desde a icônica carne até a fusão de influências europeias, a gastronomia argentina oferece uma riqueza de experiências que refletem a diversidade cultural e a paixão dos argentinos pela boa comida. Seja desfrutando de um asado com amigos, saboreando um alfajor em um café de Buenos Aires, ou explorando os vinhedos de Mendoza, cada prato e cada bebida conta uma história de tradição, qualidade e amor pela culinária.

A Argentina, com sua vibrante cena culinária, continua a encantar paladares e a inspirar chefs ao redor do mundo, solidificando seu lugar como um verdadeiro paraíso gastronômico. •



Texto por:
Fabio Banderó
Mestre em Gestão de Alimentos e Bebidas pela Universidade Anhembi Morumbi, especialista em Gestão de Alimentos e Bebidas, especialista em Cozinha Contemporânea, Ciência dos Alimentos, Panificação e Confeitaria pela Faculdade Metropolitanae Graduado em Gastronomia. Atua principalmente nas seguintes áreas: Alimentação, Gestão de Negócios, Gastronomia, Gestão de Pessoas e Alimentos e Bebidas.

O novo homem segundo os povos originários do Peru

Há tempos o deus Pachacámac havia criado o mundo, tempo em que o homem era uma pedra, grande e forte. Isto trazia consequências, uma vez que, por ser pedra, esmagava as plantas e os animais em seu entorno. Ao observar essa situação, o deus Pachacámac pensava em voz alta: “como poderia melhorar o homem, porque se continuar assim, terminará com tudo” [...] plantas e animais se reuniram para responder ao deus. Então os juncos disseram: –Para que esse novo homem tenha mobilidade e não caia, nós vamos dar a ele nossos talos, que possuem nós para suas extremidades. As cabaças disseram: –Nós vamos ceder nossa casca para que seja sua cabeça. As batatas doces disseram também: –Para que seus ossos estejam cobertos de carne, nós vamos entregar nossa polpa, nosso corpo. As plantas de talos longos e magros que se arrastavam pelo solo, juntamente com as trepadeiras, complacentes com o novo ser, exclamaram: –Para que o novo homem mova com facilidade suas extremidades, mãos e pés, nós entregaremos nosso talos para que sirvam de nervos para seu corpo. Os animais do lugar não ficaram para trás. Ao chegar, as vicunhas disseram: –Nós vamos entregar nossa lã para cobrir sua cabeça. –E o corpo desse novo homem vamos cobrir bem bonito com nossa casca, agregaram as lúcumas [árvore tropical das Américas cujos frutos são usados em doces]. Os beija-flores se somaram à tarefa:

–Para que esse homem seja inteligente e reflexivo, vamos dar nosso cérebro. –Para que esse novo homem veja, vamos dar nossos olhos, falaram fal-cões e gaviões. –Para que esse novo homem fale, nós vamos lhe dar nossa língua, disse a raposa [...] E os talos de milho disseram: –Para seus dentes nós daremos nossos grãos. Quando se acabava por fazer o novo homem, os caracóis apareceram e disseram: –Para as unhas dos dedos das mãos e pés nós lhe daremos nossa casca. Posteriormente apareceram os gansos e ollucos [tubérculos peruanos], entraram na tarefa, dizendo: –Para que o novo homem tenha seus genitais, nós daremos nosso corpo. Assim, esse homem terá pênis e testículos. Mas os gansos e ollucos não eram abundantes, de modo que as doações não alcançaram muitos. Por isso, os que foram alcançados se tornaram homens. Em contrapartida, os que não foram alcançados se converteram em mulheres. Assim Pachacámac criou o homem novo, com ajuda das plantas e animais, e animou os homens com seu sopro divino, para começarem a povoar a terra deste mundo.

Esta história, escrita pela estudante de Antropologia, Margaret Tintaya Pachari, a partir da narrativa da mãe dela, está em um cartaz na entrada do Museo Carlos Dreyer, no centro de Puno, sudeste do Peru, cidade às margens do lago Titicaca. Ela ilustra a relação dos povos

originários do país, muitos deles pré-incaicos, com a natureza, em que nossa espécie se forma por doações de outras espécies. Ao fazermos parte delas, torna-se evidente que eliminá-las é o mesmo que nos eliminar. Pachacámac é um deus da criação do mundo, adorado pelos povos originários da costa do Peru, nos arredores do que hoje é a capital, Lima. Essa lenda reflete uma constituição cultural que se inicia com povos que habitaram a região costeira do Pacífico onde hoje é América do Sul, e se espalha pelos Andes e pela floresta amazônica peruana, entre 10 mil e 11 mil a.C., segundo registros arqueológicos. É, portanto, muito longo e ancestral o conhecimento e a sabedoria de que não se explora a casa onde se vive, não se esgotam as dádivas que Pachamama (Mãe Terra) nos dá. Mas, quando os europeus pisaram no território que batizaram de América, começou uma grande mudança a destruir a cosmovisão dos povos originários de toda a região, a atingir agressivamente a cultura dos povos do que hoje se conhece como Peru. A sabedoria desses povos passou a valer menos de um punhado de ouro. O extrativismo, marca inicial e contemporânea da agressão à Terra, segue nos dias de hoje com uma alta taxa de exploração de minérios nas montanhas peruanas e, aparentemente, há muito ainda a explorar. Séculos depois da chegada dos espanhóis e portugueses, as declarações de independência, de repúblicas e formações dos países na forma geopolítica que se encontra hoje, forçaram o território batizado a descontinuar as identidades territoriais dos povos origi-

nários, numa oportuna estratégia de enfraquecimento cultural: “dividir para governar”. O povo Aymará, por exemplo, possui viventes espalhados pela Bolívia, pelo Peru, pela Argentina e pelo Chile. Depois de golpes e contragolpes que forçaram nosso território americano do sul quase por igual, europeus, seus descendentes de muitas gerações e mestiços reedificaram o Peru na base da exploração sem fim, modernizando os modelos exploratórios e destrutivos de culturas aplicados pelos espanhóis. De uma maneira que o país pluricultural, com centenas de diferentes práticas, maneiras e costumes específicos de conceber a vida e o mundo, é dominado e submetido a uma forma de exploração que vinga até hoje, inspirada pelo modelo de dominação europeu. Mas há resistência nos Andes, na selva, na costa do pacífico e, por extensão, nas florestas, nas margens de rios, nas costas do Atlântico, nos territórios de origem em toda a América. Resiste-se tanto no espaço urbano, com as demonstrações de revoltas, passeatas, greves, reivindicações de uma camada de peruanas e peruanos esclarecidos. Resiste-se também nas ilhas habitadas do lago Titicaca, como Aramantí e Taquile. É possível ver ainda um brilho nos olhos cansados do trabalho na terra daqueles povos originários. Ali, na pele curtida, nas ranhuras da terra, nas unhas esfoladas do trabalho na agricultura familiar, na culinária a base de inúmeras espécies de batata e quinoa, nas decisões comunitárias, se sente que o “novo homem”, criado com ajuda dos seres da natureza, como diz a lenda, segue vivo e resiste! •



Texto por:
Nivaldo Ferraz
Mestre e doutor formado pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo e jornalista formado pela Universidade Metodista de São Paulo. Professor do Centro Universitário Belas Artes.

Arquivo pessoal

“Artivismo” antropofágico na obra de Thiago Cóstackz

Eu poderia iniciar este breve artigo recheando o primeiro parágrafo de analogias, metáforas e termos empolados sobre a arte contemporânea nos trópicos para impressionar leitores e estudiosos, críticos e curadores, professores e pesquisadores, cuja parcela significativa se compraz num universo muitas vezes tido como exclusivo e rebuscado demais para o mundo dos mortais. No entanto, prefiro iniciar este trabalho com uma citação: “Não entre em pânico, mas o planeta será destruído. Junto com ele, toda a humanidade será aniquilada. [...] Ela será devastada por nossa própria ação (ou, em muitos casos, inação). A não ser que tomemos alguma atitude imediata, afinal [...] resistir não é inútil”. Que o diz é Arara Xestal, atriz, performer e poeta, para o prefácio ao livro *Tupiland goes to Greenland: SOS Terra*, de Thiago Cóstackz.

Natural de Natal (RN), de origem tcheca e indígena Potiguar Ibirapi, Cóstackz é artista plástico, cineasta, músico, performer e um ativista das causas ambientais. Se estivéssemos na era renascentista, diríamos que ele é um polímata, vez que transita entre a arte, a literatura – que vai de Machado de Assis a Kafka como inspiração para seus trabalhos – e a ciência, que dá base a suas incursões em prol da conscientização para que o mundo que julgamos dominar não nos torne vítimas de uma fagocitose irreversível.

Se hoje a pauta ambiental é algo que permeia nosso cotidiano desde os jornais matinais até os documentários jornalísticos do horário nobre da TV, para Thiago Cóstackz o assunto já era sua principal preocupação desde que chegou a São Paulo, em 2006, aos 22 anos de idade, trazendo consigo somente um desejo: viver da arte e usá-la para expressar temas candentes. Aquela época, a catástrofe climática era um tema pouco importante. Pen-

sava-se que se o mundo acabasse em chamas, ou engolido pelos oceanos, ou ainda destruído por geadas e tempestades, isso tudo ficaria para ser lido por nossos netos ou bisnetos. Que ironia... Aqui estamos, presenciando nosso próprio fim enquanto o artista, tal qual Tirésias, antevia o precipício.

Entre sua chegada e os anos de 2007 e 2008, Cóstackz teve acesso a várias instituições culturais de peso, como MASP e Casa das Rosas. Em alguns lugares foi prontamente ouvido e incentivado, mas sua causa também foi alvo de galhofa e desrespeito por parte de alguns ditos intelectuais que parecem, até hoje, habitar o Monte Parnaso (que deve desmoronar também quando tudo implodir).

O artista potiguar utilizava, desde a época, apenas materiais ecologicamente sustentáveis, tintas especiais, colas à base de água e materiais biodegradáveis para criar pinturas, esculturas, painéis, instalações etc. Seu afino e persistência o levou a ser patrocinado por marcas importantes, como Puma, por exemplo. Também o colocou no circuito frequentado por nomes do calibre de Naomi Campbell e Fernanda Tavares, expoentes da moda, ou Carolina Dieckmann e Christiane Torloni, atrizes consagradas que posaram para seus trabalhos com *body art*.

A poética de Thiago Cóstackz reflete a natural antropofagia da arte brasileira. Uma antropofagia iniciada com os modernistas, mas depurada ao longo das décadas, passando pelos tropicalistas até chegar no século 21. Se para Oswald a questão partia do dilema “Tupi or not Tupi”, e para Gil, Caetano, Torquato e a trupe toda a pajelança era regada a “Bat-Macumba”, Cóstackz parece ter colocado na grelha sagrada dos Tupis a Pop Art, o Kitsch, o conceitualismo e as premências sociais para serem assa-



Registro de performance na Groenlândia

dos com pele, pelos e vísceras e degustadas não sem um certo riso nervoso atizado pelos alertas quanto ao estado de coisas que a Natureza nos regurgita. Seu trabalho mais ousado, empreendido desde 2018 é o projeto “Tupiland goes do Greenland”.

Este projeto, que levou o artista das belas esculturas e murais que passou a espalhar pela Avenida Paulista e uma trilha pelos sertões, pelo cerrado e pela caatinga; pela Mata Atlântica e pela Floresta Amazônica, em busca não só de uma ancestralidade pessoal, mas de um espólio cultural sintetizado pelos atávicos arquétipos de um povo complexo como o brasileiro. Daí em diante, cruzando o Atlântico, aventurou-se pelo Ártico, passando pela Groenlândia e Islândia, onde testemunhou os danos aos biomas locais e o degelo que parece inestancável. Em cada passagem, assimilou a cultura local e a transformou em performances que resgatem o inconsciente coletivo da humanidade e compõem seu filme *Caminhando sobre a Terra: Uma viagem a 10 lugares ameaçados no Planeta*, realizado de forma totalmente independente ao longo de uma década e que registra suas performances e suas intervenções com esculturas e objetos em cada ponto visitado.

Livro e filme complementam-se e registram os percalços pelos quais a diminuta equipe que acompa-

nhou Cóstackz ao longo da jornada teve de enfrentar, como por exemplo ao registrarem uma performance xamânica no topo de um iceberg que se desmanchava lentamente, rodeado por leões marinhos que poderiam devorar artista e equipe caso uma queda ocorresse, e ursos polares camuflavam-se na imensidão branca à espreita de uma presa.

Foram mais de 100.000 km percorridos em mais de uma década não para conscientizar empurrando proselitismo goela abaixo de uma humanidade cega e mouca, mas para reforçar o conceito de que só a arte pode salvar consciências e vidas.

Operário da expressão artística, Thiago Cóstackz não se contenta com a repercussão de seu trabalho no circuito da arte contemporânea e com os efeitos que suas convicções éticas e estéticas causam por onde passa. Frequentemente, dispõe-se a falar de sua trajetória a alunos de escolas públicas e privadas e de cursos superiores, com a intenção de ser um replicador. Vê-lo falar de seu trabalho reforça no ouvinte a máxima cunhada por Ferreira Gullar, quando afirmava que “A arte existe porque a vida não basta”.

Você pode conferir a poética completa de Thiago Cóstackz em sua página oficial: costackz.com. •



Texto por:

Donny Correia

Mestre e doutor em Estética e História da Arte (USP), membro da ABICA e Abraccine. É poeta, cineasta, escritor e pesquisador, atualmente professor de Cinema e Artes Visuais no Centro Universitário Belas Artes (São Paulo). É autor de nove livros, sendo cinco deles de poesia e os outros quatro sobre estudos de artes e cinema.

35 anos de história e transformação

Do sonho de Darcy Ribeiro e Oscar Niemeyer ao ícone cultural de São Paulo, o Memorial celebra três décadas e meia de histórias e união latino-americana

Ao procurar pela palavra “memorial” no dicionário, encontramos a descrição de uma instituição permanente, de interesse geral, voltada para a preservação e propagação de informações históricas compostas de dados, documentos e imagens relativas a pessoas, instituições ou lugares.

Quando aplicado ao museu localizado na linha vermelha em São Paulo, a interseção entre “memorial” e “memória” se revela de forma tangível e simbólica. O espaço, conhecido por seus festivais, eventos e exposições, carrega as memórias coletivas da América Latina, onde são preservadas e celebradas.

Inaugurado em 18 de março de 1989, o Memorial da América Latina foi concebido como um espaço de integração e celebração das culturas que compõem nosso vasto continente. Para seus idealizadores, o Memorial ia muito além de uma simples obra arquitetônica e se manifestava como a realização do sonho de garantir a união dos povos e exaltar sua diversidade cultural. Cada estrutura do complexo, desde a Biblioteca Latino-Americana Victor Civita até o Auditório Simón Bolívar, foi pensada para ser um ponto de encontro de ideias, expressões artísticas e diálogos entre os países latino-americanos.

O samba de uma nota só de Oscar Niemeyer

“Esse edifício parece que flutua”, ao entrar na Biblioteca Latino-Americana pela primeira vez, essas foram as palavras de Lúcio Gomes, arquiteto modernista brasileiro, famoso mundialmente pelo Plano Piloto de Brasília.

O episódio é contado com entusiasmo por Ciro Pirondi, arquiteto e urbanista com mais de 40 anos de carreira. Ex-diretor da Fundação Oscar Niemeyer, Ciro atualmente integra o conselho diretivo e dirige a Escola da Cidade em São Paulo e a Fábrica Escola de Humanidades.

Durante a conversa com a *Revista Memorial Cultural*, Ciro relembra com clareza o encontro. “Lúcio tinha vindo a São Paulo uma vez, em 1933, para convidar outro arquiteto a fazer a Escola de Belas Artes do Rio. Em 1989, 50 e poucos anos depois, consegui trazê-lo de volta a São Paulo para um Congresso Brasileiro de Arquitetura, e o Memorial estava recém-inaugurado. Ele disse: ‘Ciro, a primeira coisa que eu quero ver é o Memorial’”.

Com uma mistura de nostalgia e orgulho, Ciro conta como levou Lúcio ao museu, acompanhado por sua filha e neta. Ao entrarem na biblioteca, Lúcio se acomodou em uma cadeira no meio do salão e, com um olhar atento, observou cada detalhe do ambiente. “Ele falava: ‘Esse Oscar, hein? Ele é formidável! Olha essa estrutura! Parece que flutua, você não vê onde estão os apoios’. Era a visão de um mestre da arquitetura sobre outro mestre”, diz.

Para Ciro, a biblioteca é a joia do Memorial. Segundo ele, existe a harmonia, a proporção e o espaço cultural como elementos que tornam o edifício tão importante. Quando questionado sobre o que o próprio Niemeyer dizia sobre as críticas referentes ao eco produzido pelo espaço, Ciro conta que o arquiteto ficava bravo com a pontuação. “Ele falava para mim com aquele sotaque carioca forte: ‘Pirondi, essas pessoas não entendem que biblioteca é para ficar em silêncio’”.





A Biblioteca Latino-Americana

“Costumo dizer que é como o samba de uma nota só, em que um único elemento é usado para criar um complexo de mais de 80 mil metros quadrados. Isso é, sem dúvida, uma maravilha.”

Ciro Pirondi

A verdade é que não há nenhum livro de história da arquitetura do século XX, em qualquer parte do mundo, da Ásia ao Ocidente, que não coloque Niemeyer entre os 10 principais arquitetos do século. Esse fato por si só é uma honra imensa, pelo simples detalhe dele ser brasileiro.

De acordo com Pirondi, o Memorial é colocado numa dimensão que abrange as quatro fases do trabalho de Oscar Niemeyer. Com uma vida longa e produtiva, sua obra pode ser dividida em várias etapas, sendo a última destacada por dois trabalhos considerados fundamentais na visão do professor: o Museu de Arte Contemporânea de Niterói e o Memorial da América Latina. Esses dois projetos representam, em conjunto, a maturidade da produção do gênio da arquitetura mundial.

O Memorial da América Latina pode ser entendido sob dois aspectos fundamentais, na opinião dele, a partir de duas forças essenciais: a primeira é a maturidade do trabalho, que se manifesta através de três elementos básicos com os quais Niemeyer construiu todo aquele complexo extremamente desa-

fiador. “Construir um teatro ou uma escola é relativamente comum, com referências estabelecidas. No entanto, quando lhe é pedido para criar um memorial da América Latina, não há precedentes a seguir”, aponta Ciro.

A partir de um programa totalmente inovador, Niemeyer utiliza três elementos construtivos essenciais – o pilar, a viga e a cúpula – para erguer o complexo. Isso demonstra uma genialidade impressionante, segundo Pirondi. Niemeyer estabeleceu uma identidade única ao lugar, apesar das críticas sobre preferências pessoais, como a presença ou ausência de árvores, que são secundárias dentro de uma análise mais profunda da invenção arquitetônica. “Costumo dizer que é como o samba de uma nota só, em que um único elemento é usado para criar um complexo de mais de 80 mil metros quadrados. Isso é, sem dúvida, uma maravilha”, acrescenta.

A Praça Cívica é marcada pela imponente escultura *Mão*. A peça é um poderoso símbolo que revela um mapa da América Latina esculpido na palma da mão. A obra atua como um ponto de reflexão para os visitantes, simbolizando o sangue derramado e os sacrifícios feitos pelos povos do continente, e serve como um lembrete constante da luta pela liberdade e justiça social.

Por trás desse símbolo, porém, reside uma rica tradição arquitetônica que foi iniciada pelo arquiteto sueco mais influente do século XX, Le Corbusier.

Em 1936, Le Corbusier foi convidado por Lúcio Costa a vir ao Brasil para colaborar no projeto do Ministério da Educação e Saúde. Naquela época, um jovem Oscar Niemeyer era estagiário de Lúcio e teve a chance de trabalhar lado a lado com o renomado arquiteto. Le Corbusier, conhecido por sua sede do governo de Chandigarh na Índia, projetou uma estrutura emblemática conhecida como *Mão Aberta*, que simboliza a paz a partir de uma estrutura em concreto.

Oscar Niemeyer estava familiarizado com essa “mão aberta”. Em sua própria criação, ele desenvolveu uma mão diferente, mas igualmente aberta, e no centro incluiu a América do Sul e Cuba, marcada com um traço vermelho que representa o sangue derramado devido ao boicote norte-americano à ilha. “Ele tinha plena consciência do significado dessa referência a Le Corbusier e demonstrava grande carinho por esse desenho da mão. Mostrava para todo mundo antes mesmo da inauguração do Memorial”, conta Ciro.

A visão de Darcy Ribeiro

Se Oscar Niemeyer foi o gênio que desenhou a estrutura do principal complexo cultural de São Paulo, então quem teve a visão brilhante que originou essa ideia?

A resposta é revelada em cada passo dado pelo Pavilhão da Criatividade.

Darcy Ribeiro, cujo nome batiza o pavilhão, foi um antropólogo e intelectual brasileiro que tinha uma perspectiva crítica e, ao mesmo tempo, compreensiva sobre o relativismo cultural. Ele defendia a importância de entender e respeitar as diversas culturas em seus próprios termos, sem julgamento aos padrões externos ou etnocêntricos.

Para Ribeiro, cada cultura possui um valor próprio e deve ser analisada dentro de seu contexto histórico e social. Ele enxergava o relativismo cultural como uma ferramenta importante para combater preconceitos e promover uma convivência mais harmoniosa entre diferentes povos. No entanto, Darcy também alertava sobre os perigos do relativismo absoluto, que poderia justificar práticas violadoras de direitos humanos fundamentais.

A criação do Memorial da América Latina está profundamente enraizada na obra e nos ideais de Darcy. Sua obra, *O Povo Brasileiro*, é um testemunho de sua paixão pela diversidade cultural e pela integração social.

Para o antropólogo, o Memorial significava a materialização de sua visão de uma América Latina unida e forte, capaz de reconhecer e celebrar suas raízes enquanto se projeta para um futuro de solidariedade e cooperação. Em suas palavras durante a inauguração, o museu é “o primeiro gesto realmente brasileiro de chamar os latino-americanos para congregiar. Ele estará funcionando diariamente para todas as crianças de escola visitarem para ver seus ancestrais e terem orgulho de serem descendentes de negros, indígenas ou imigrantes. Isso daqui é um ato de integração. É a nossa cultura latino-americana olhando para si mesma, com orgulho de si e se cultivando”.

Em 2024, ao celebrar seus 35 anos, o Memorial da América Latina ofereceu uma programação especial de aniversário que inclui uma série de eventos que destacam a relevância contínua do Memorial como um centro de troca cultural e conhecimento. Mostra de cinema, apresentações artísticas e feiras são apenas algumas das atividades realizadas durante o ano.

Com o centenário do professor completado em 2022, a celebração do museu é uma oportunidade para refletir sobre os desafios e as conquistas da integração latino-americana ao longo das últimas décadas. O Memorial da América Latina permanece como uma demonstração da continuidade dos ideais de Darcy, inspirando novas gerações a valorizar e lutar pelo rico horizonte cultural de nossos povos.

Do terreno baldio ao centro cultural

Ao longo de 35 anos, o Memorial da América Latina trouxe cultura e união a toda a região, além de provocar uma transformação irreversível no bairro da Barra Funda.

Na década de 1970 e 1980, a Barra Funda era um bairro tranquilo, com poucas ruas pavimentadas, escasso comércio e infraestrutura limitada, distante da imagem urbana e moderna que

conhecemos atualmente. Hoje, o bairro é um centro completo, com espaços para shows, arranha-céus, shopping centers e um estádio de futebol reconhecido em todo o Brasil.

“Onde hoje é o Memorial, era um terreno baldio”, lembra Claudio Magalhães, morador da Barra Funda há mais de 50 anos. “Antes do Memorial e do metrô, só tínhamos as indústrias Matarazzo. Quando a estação começou a funcionar na década de 1980 e o Memorial foi inaugurado logo depois, tudo começou a mudar”.

Claudio compartilha como a chegada das universidades Uninove e UNIP, prédios e grandes redes de supermercados nos anos 1990 transformaram o bairro. “Antes, tínhamos que ir até o centro para fazer compras maiores de itens básicos”.

No entanto, nem todas as mudanças foram positivas. “O crescimento foi desordenado”, diz Claudio. “Muitos construtores e empresários não consultaram os moradores antes de construir, resultando em inúmeros prédios e pouco verde”. Ele explica que essa desordem levou a problemas na estrutura do bairro e no cuidado do próprio Memorial. “Antes, tudo era uma vila, mas foi derrubada para dar lugar a vários edifícios”.

A rápida urbanização trouxe desafios, incluindo a insegurança. “As histórias das crianças brincando no terreno baldio e nas linhas de trem que passavam de hora em hora são coisa do passado”, reflete Claudio.

Em contrapartida, a contribuição cultural do Memorial foi inestimável. “Muitos moradores e paulistas não teriam tido a oportunidade de assistir a shows, peças de teatro ou exposições sem o Memorial”, conta. “Minha mãe e minha tia assistiram aos primeiros shows da vida delas nos anos 1990 no Auditório Simón Bolívar”.

Claudio, que é curador de eventos e exposições, organizou há alguns anos o *BaFu*, uma homenagem ao bairro que ele tanto ama, trazendo artistas locais e da região central para expor suas criações. “Assim como os antigos moradores da vila dos ferroviários, meu amor pelo local continua vivo”.

Perguntamos a Claudio sobre a importância de novos expositores latino-americanos no Memorial. Ele considera incrível. “É maravilhoso para a visibilidade e para unir as nações, um trabalho que é feito desde a abertura do espaço”.

Da virada do século ao legado cultural

Para a maioria das pessoas, o ano de 1999 representava a certeza do fim dos tempos. Para Laís Camile Camargo Barbosa, gerente de produção cultural e projetos do Memorial da América Latina, a virada do século marcava o início de uma jornada profissional repleta de dedicação e experiências que moldariam sua carreira pelos próximos 24 anos.

Após passar no único concurso público que oferecia apenas uma vaga para atender às demandas da Fundação, Laís conquistou o cargo em 27 de abril de 2000, uma data que ela lembra com orgulho e precisão, sendo a primeira pessoa concursada a ser chamada para trabalhar no Memorial.

Laís conheceu o museu quando ele ainda era uma criança de 10 anos. Sua primeira função foi no Centro Brasileiro de Estudos da América Latina (CBEAL), onde eram realizados eventos de nível acadêmico. “Aqui, nesse lugar, nós já recebemos grandes escritores e artistas como Lúcia Fagundes Telles, Antônio Cândido, José Mindlin. Recebemos também a exposição do Botero, além da exposição dos painéis *Guerra e Paz* de Cândido Portinari. O Memorial foi o primeiro lugar a receber a itinerância dos painéis restaurados no Brasil antes de voltarem para a ONU”, relembra.

Como um verdadeiro aniversário latino, o Memorial divide a festa com o *Coala Festival*, que completa 10 anos em 2024. O evento homenageia grandes nomes da música brasileira e abre portas para a nova geração, sendo pioneiro na tropicalização dos festivais no país. Nomes como Jorge Ben Jor, Péricles, Jards Macalé, Fafá de Belém e Simone já marcaram presença em edições passadas.

Ao falar do setor musical, Laís guarda com carinho a lembrança do espetáculo que reinaugurou o auditório Simon Bolívar após o trágico incêndio de 2013, um evento que ela teve a honra de produzir e dirigir. “Esse foi um momento muito marcante para nós, porque trabalhávamos naquele espaço e foi um incêndio de grande porte. O espaço ficou fechado por mais de quatro anos. Esse show de reinauguração chamava *Jazz&Divas*, uma homenagem a Elza Soares. Tivemos a participação da Brasil Jazz Sinfônica, além da própria Elza”, conta.

O evento também contou com Sandra de Sá, Rosana, Baby do Brasil, Vânia Bastos, Paula Lima e a atriz Vera Fischer como mestre de cerimônia. O show foi um marco para os funcionários e teve transmissão na TV Cultura.

Sobre o incêndio, Laís lembra exatamente como o dia se desenrolou. Ela estava no local até meia hora antes do fogo começar. “Eu me emociono muito, porque amo trabalhar aqui e aquele momento foi bem assustador, pois não sabíamos de fato o que estava acontecendo. Foram 13 horas de combate ao incêndio e mais de 100 viaturas do corpo de bombeiros vieram até aqui. Foi marcante e difícil, e, depois de 4 anos, tive a honra de reinaugar esse auditório”.

Contudo, ao longo de 24 anos na Fundação, não foi apenas um momento que impactou e marcou a memória de Laís. Ela destaca duas exposições que chamaram a atenção do público: a do *Chaves* e a do *Castelo Rá-Tim-Bum*, símbolos da cultura brasileira e latino-americana. Ambas foram imersivas e carregaram a bagagem emocional da infância e adolescência do público brasileiro.

Laís conta com carinho sobre o *Revelando São Paulo*, festival dedicado à cultura paulista, realizado normalmente no mês de setembro. O evento é um resgate das tradições do estado e acontecia no Parque da Água Branca. Tradicionalmente, o cortejo partia do Memorial da América Latina e seguia até o parque levando a imagem de Nossa Senhora Aparecida.

Naquela época, o festival reunia produtores de alimentos, artesãos e artistas de todas as regiões de São Paulo. Havia shows de violeiros, tropeiros, congadas e apresentações de música sertaneja, entre outras manifestações culturais. O artesanato paulista também era um destaque, com várias barracas e exposições.



Arte feita pelo artista JAL para o evento de 35 anos do Memorial

Atualmente, a Secretaria da Cultura realiza versões menores do *Revelando São Paulo* em cidades do interior, mas antigamente o evento principal acontecia apenas na capital. “Minha filha mais velha, que hoje tem 27 anos, participou de um dos cortejos quando tinha uns 10 anos. Ela adorava andar no carro de boi e, em uma dessas ocasiões, montou até em um cavalo. Lembro também de um show do Almir Sater que aconteceu. Ela estava toda vestida de caubói, com chapéu e tudo, e ele a chamou no palco. Na época, ela tinha uns 12 anos. Esses momentos são lembranças queridas da nossa participação na vida cultural do Memorial da América Latina”, diz.

A importância do museu pode ser encontrada

em todos os cantos dos seus 84.840m² de extensão. Isso porque há uma imponência intrínseca ao espaço que carrega nas suas costas o símbolo de memória de um povo em busca de sua identidade coletiva. “Mesmo antes de eu começar a trabalhar aqui, este lugar já havia sido visitado por ícones como Mercedes Sosa, Ballet de Cuba, Chico Buarque, Milton Nascimento, Djavan, Beth Carvalho e Fidel Castro”, ressalta Laís.

A lembrança desses nomes ilustra como essas e outras figuras dialogam de alguma forma com as gerações que vieram antes, durante e depois dos 35 anos de existência e resistência desse espaço, consolidando-o como o maior ponto de encontro latino-americano nas Américas. •



Texto por:

Isabella Vilela

Jornalista, pós-graduada em Jornalismo Cultural e de Entretenimento com foco em diversidade, narrativas imersivas e análise crítica.



Texto por:

Lucca Rodrigues

Formado em Publicidade e Propaganda e agora aluno de pós graduação em Jornalismo Cultural e de Entretenimento, adora se comunicar pelos mais diversos meios. É apaixonado por TV, Podcasts e por grandes metrópoles.



Expressão artística

Edição por: Conrado Parra

Textos por: Ana Reis, Conrado Parra, Giovanna
Rigamonti, Lucca Rodrigues e Shamuel Bailão

Ilustração: Mayko Jordan

mayko

De debates acadêmicos a festivais de cinema: Conheça o Cine Clube do Memorial da América Latina

Foto: reprodução

A Biblioteca Latino-Americana Victor Civita abriu as portas para receber o Cine Clube, idealizado por Paulo Lannes, no início de 2023, com a proposta de unir o streaming À La Carte, do grupo Belas Artes, e o Memorial da América Latina. A ideia, desde o começo, era fazer a exibição de um filme do catálogo da plataforma e um debate, no qual contava com um especialista nativo do país para falar sobre a obra.

Longa-metragens de diversos territórios foram exibidos: Colômbia, Guatemala, Peru, Chile e Cuba, dentre outros. Os encontros aconteciam toda quarta-feira. Já em 2024, a parceria é com a Universidade de São Paulo (USP) e os debates e exibições retornam no segundo semestre do ano, a partir de agosto, em conjunto com professores e um Edital de cinema latino-americano. A catedrática da bolsa do Edital será a responsável pela curadoria dos filmes, com o objetivo de expandir as aulas que ela dará aos alunos, que também serão gratuitas e abertas ao público geral. Agora, o intuito é que a cada ano a parceria do Cine Clube seja com uma universidade diferente.

A equipe da *Revista Memorial Cultural* conversou com Paulo, criador do clube, que relatou o quanto é incrível ter parcerias com universidades, pois, além da exibição de filmes que podem estar fora do circuito comercial, com os debates ministrados por professores o evento se torna mais atrativo e didático.

Lannes fala, inclusive, da importância de ressignificar o espaço da Biblioteca Latino-Americana, pois já faz tempo que as pessoas vão apenas para ler livros: “As pessoas vêm *[à Biblioteca]* para fazer alguma atividade cultural. Acredito que é primordial transformar a biblioteca em um espaço que seja de convivência para ela continuar existindo”, comenta, uma vez que hoje em dia muitos livros são digitais e as pessoas não têm mais o mesmo hábito de pegar livros físicos.

Essa integração com a biblioteca deu muito certo, dando vida ao espaçoso e envidraçado local além das páginas dos livros. Os estudos se tornam mais proveitosos, e é um espaço acessível por ser aberto à população.

Festival de Cinema Peruano

Entre os dias 23 e 26 de julho, a Biblioteca ministrou o Festival de Cinema Peruano, em celebração do Bicentenário da Independência do Peru. Foi uma seleção de cinco filmes, dentre eles dramas e documentários. A equipe da *Revista Memorial Cultural* assistiu a três deles.

Na abertura, no dia 22, foi transmitido o documentário *Yakuñan, Caminhos da Água* (2022), de Juan Durán Agurto, e, após a exibição, apresentações de danças típicas peruanas. A mesma obra foi reexibida no fechamento do Festival.



Cena do filme *Deliciosa Fruta Seca*



Luis Armando Monteagudo Pacheco, cônsul-geral do Peru em São Paulo



Cena do filme *Peso Gallo*

Foto: João Vítor; reprodução

Com a casa cheia de representantes do Peru no Brasil, foi realizada a abertura com falas do Cônsul Geral do Peru Luis Armando Monteagudo Pacheco e do Diretor Cultural João Carlos Corrêa.

Em entrevista exclusiva com Luis Armando, foi refletida a falta de visibilidade de filmes peruanos que muitas vezes não chegam ao nosso país. “Acredito que o cinema comercial está mais interessado em ver filmes de ação, os nossos filmes, por contar histórias, estão mais em festivais e premiações de cinema”.

O cônsul ressalta que há ainda muitos projetos e planos aqui, que querem fortalecer a ponte Peru-Brasil e ambas as culturas. Uma das ideias é aproveitar as festas pátrias que aconteceram por lá em julho, e trazê-las para cá, além de um Festival Fotográfico previsto para o final do ano, no próprio Memorial.

Já na terça-feira, o evento foi aberto ao público, de forma totalmente gratuita. O filme exibido foi o *Peso Gallo* (2022), de Hans Matos, que conta sobre a trajetória de um menino que sonhava em ser lutador como seu avô falecido, mas a difícil vida acaba por trazer muitos contratempos, não bastando apenas ter talento. Apesar de não ter apoio dos pais, conta com a ajuda da avó para atingir seu sonho. A história é muito bonita, mostra superação, os vários conflitos entre sonhos de um adolescente e a vida real cheia de desafios.

Na quarta, foi exibido o *Deliciosa Fruta Seca* (2017), com direção de Ana Claridad Sánchez, que debate o

etarismo e a redescoberta dos prazeres da vida após os 50 anos. A protagonista, Marialicia, fica viúva aos 60 anos, e, após problemas financeiros, se muda para uma casa menor, em um bairro mais humilde, e começa a criar novos laços a partir das aulas de dança marinera na qual ingressa. Em momentos, a própria filha a diminui por ser “velha demais” para dançar marinera, e as antigas amigas falaram para ela retornar à vida de antes, na alta sociedade. Marialicia não dá ouvidos e continua seguindo seus desejos, até que entra na competição nacional da dança com seu professor, que se torna, também, seu namorado. O longa debate a liberdade feminina e que sempre é possível continuar se (re)descobrimdo. A vida, afinal, não acaba aos sessenta.

O festival foi finalizado com o documentário *Hatun Phaqcha: Tierra Sana* (2021), de Richard Claus e César Zelada, na quinta, e, na sexta, com exibição dupla de *Manco Cápac* (2021), de Henry Vallejo, seguido por *Yakuñan, Caminhos da Água* (2022). •



Texto por:

Ana Reis

Jornalista e pós-graduanda em Jornalismo Cultural e de Entretenimento, é profundamente interessada por música e poesia, usando a última como ferramenta de reflexão sobre pertencimento (ou a falta dele) ao existir como mulher racializada e lésbica.



Texto por:

Lucca Rodrigues

Formado em Publicidade e Propaganda e agora aluno de pós graduação em Jornalismo Cultural e de Entretenimento, adora se comunicar pelos mais diversos meios. É apaixonado por TV, Podcasts e por grandes metrópoles.

A retirada dos tapa-olhos

A expedição para recuperar a ancestralidade saqueada



A autora Gabriela Wiener

Considerado um patrimônio cultural peruano, os *huacos retratos* são artefatos feitos de cerâmica e, às vezes, de madeira. Possuem formatos de cabeças e rostos e são encontradas em *huacas*, templos sagrados. Segundo as lendas, essas esculturas conseguem prender as almas das pessoas e, por isso, eram tão iguais aos povos originários. *Huaco Retrato* é o título do livro de Gabriela Wiener, lançado aqui no Brasil em 2024, dois anos após seu lançamento na Espanha, com o nome de *Exploração*.

Wiener nasceu em 1975 na capital do Peru, Lima. Atualmente, vive na Espanha. Além de conhecida por seus livros, ela é cronista, jornalista, poeta e ensaísta. Em *Exploração*, Wiener busca na ancestralidade uma forma de compreender sua própria identidade e suas escolhas na vida



Exploração, de Gabriela Wiener. Edição de 2023 da Editora Todavia. 144 páginas

Fotos: Daniel Mordzinski hi res; reprodução

contemporânea. No livro, a autora precisa enfrentar o luto de ter perdido seu pai e, ao regressar ao Peru, se debruça sobre as heranças de seu tataravô judeu-austriaco Charles Wiener, um arqueólogo renomado que quase descobriu Machu Picchu. A partir de suas análises, ela desdobra aspectos de sua própria trajetória. O livro escrito por Charles é considerado um tesouro pela família e, ao ler seus relatos, muitas dúvidas começam a surgir em relação à veracidade de alguns fatos escritos. Tudo o que ela buscava eram respostas. A obra de seu parente conta suas aventuras no país, levando uma criança indígena consigo – que foi comprada da mãe por algumas moedas –, descrevendo os povos originários, mapas, etc.

Diversos temas são abordados pela autora que escreve em primeira pessoa, aproximando-se dos leitores de forma direta e quase educativa, sem medo da autocrítica. O racismo, xenofobia, ciúmes, insegurança, luto e a dificuldade de se encontrar na era pós-colonial.

No processo de autoconhecimento, de ser – ou não ser – parente direto do homem branco saqueador, que tirou de um rico país uma parte de sua cultura para expor em um outro apenas para que mais brancos buscassem um sentido na arte dos povos originários, a autora coloca em crise o eurocentrismo e o próprio sobrenome que carrega. Ela acaba por se identificar muito mais com as figuras de estudo do livro do que com o próprio autor, um distanciamento que vai além da geração, mas também de princípios.

A autora relata que seu falecido pai possuía uma adorável amante com quem trocava e-mails e os quais Gabriela lia para conhecê-lo melhor. Em todos os momentos de sua vida dupla, ele utilizava um tapa-olho. O motivo era um mistério para sua mãe, que não sabia do apetrecho, e para a amante, que só o conhecia desta forma. O acessório era usado para esconder uma parte de sua existência, podendo regular o que deseja ver e o que prefere cegar. Mas em *Exploração*, Gabriela arranca o tapa-olho dos leitores e de si própria.

A autora compartilha momentos íntimos com franqueza. Com rebeldia e ternura, ela possui um jeito único de lidar com situações pessoais, histórico-sociais e todas as contradições encontradas no caminho. Ela é curiosa e não esconde sua determinação em explorar, algo que a aproxima de seu tataravô. Além da busca por respostas e sentidos, ela gera uma reflexão em toda curva que seu destino faz.

Nesta envolvente biografia familiar, a autora compartilha muito mais que informações históricas e luta pela descolonização dos corpos e material. A sexualidade e o poliamor são abordados com naturalidade, as dores são expostas e ninguém é poupado, muito menos a família Wiener. •



Texto por:
Giovanna Rigamonti
Bacharel em
Editoração e aluna
de pós-graduação em
Jornalismo Cultural e
Entretenimento, sua
maior paixão é deixar
sua imaginação criar
asas nas histórias que
lê e escreve. Gosta de
aprender um pouco de
tudo e se aventura em
diversos idiomas.



DE O ETERNAUTA A SUPERPUNK: uma relação entre HQ e sociedade latina

*Distopia argentina e super-heroína brasileira trazem gerações
distintas de artistas pensando sobre suas culturas*

Ilustração: arquivo pessoal

“A maior HQ argentina já feita”. Essa é uma definição que pode ser ouvida quando se fala de *O Eternauta*, série de quadrinhos criada por Héctor Germán Oesterheld (HGO) e Francisco Solano López. Na verdade, o seu impacto deixa marcada a *historieta* não apenas como uma das maiores da Argentina, mas também da América Latina, de tal modo que a figura do protagonista Juan Salvo se sedimentou no imaginário argentino e novas histórias foram feitas por diferentes quadrinistas após a conclusão do trabalho de seus criadores.

Sua importância poderá ser sentida no Brasil e no restante do mundo nos próximos meses. O quadrinho original, bem como *O Eternauta II*, está sendo republicado no país, após anos fora de circulação, em dois volumes, pela editora Pipoca & Nanquim. A primeira edição foi lançada em outubro de 2024, enquanto a segunda tem previsão para 2025. Ao mesmo tempo, a HQ ganhará uma série em live-action produzida pela Netflix, prevista para 2025.

Sob a escrita de Oesterheld, há três versões de *O Eternauta*. A original, com os desenhos de Solano López e lançada entre 1957 e 1959; o remake, com arte de Alberto Breccia, publicada em 1969; e *O Eternauta II*, com a volta de Solano López no lápis e lançada em 1976. Segundo Douglas Pigozzi, professor com estudo de doutorado baseado em *O Eternauta*, cada uma das obras está entrelaçada com o contexto histórico e político em que foram concebidas, ao passo que o próprio HGO foi se politizando com o transcorrer das décadas. “*O Eternauta* original tem algumas temáticas principais, como, por exemplo, a questão do meio ambiente, mas, nesse momento, Oesterheld é um escritor de aventuras”, explica Pigozzi.

Em meio ao cenário de Guerra Fria e aos golpes de Estado que marcaram a história argentina entre as décadas de 1930 a 1970, HGO trouxe uma maior carga política para *O Eternauta* de 1969. Um exemplo é a invasão alienígena, que passa a atacar apenas os países de Terceiro Mundo após um acordo feito entre os invasores e as nações de Primeiro Mundo, livrando-as do conflito. No entanto, como aponta

Pigozzi, a HQ não foi devidamente concluída, já que o tom político da história desagradou aos editores da *Revista Gente*, que a publicava regularmente, encerrando o quadrinho prematuramente.

Com *O Eternauta II*, a politização de Oesterheld se intensificou. Com a repressão cada vez maior da Ditadura Militar de Rafael Videla, HGO, as quatro filhas e os genros se juntaram aos Montoneros. De acordo com Pigozzi, isso se refletiu na HQ: “*O Eternauta II*, embora também seja uma história de aventura, já é numa época da vida do Oesterheld em que ele está mais politizado. Juan Salvo já tem um discurso da guerrilha montonera. [...] Então, já é um quadrinho de resistência à opressão”.

Infelizmente, o cenário da produção do quadrinho tomou contornos de tragédia. HGO, envolvido com os Montoneros, escreveu a historieta na clandestinidade e nunca chegou a ver a obra dele concluída. “A ditadura do Rafael Videla matou as quatro filhas do Oesterheld e seus genros. Ele mesmo é um detido e desaparecido que, até hoje, o corpo não foi encontrado”, lembra Pigozzi. O que possibilitou a finalização de *O Eternauta II* foi a emigração de Solano López da Argentina, conseguindo finalizar o quadrinho na Espanha.

O Eternauta se tornou a *magnum opus* de HGO, que, por sua vez, se tornou influente ao ponto de surgirem duas gerações de quadrinistas “oesterheldianos”. Um dos artistas da segunda geração, lembra Pigozzi, é Salvador Sanz, autor de *O Esqueleto* (2013), lançado pela editora Zarabatana no Brasil. Além disso, as obras de Oesterheld encontraram espaço em outras regiões no globo. “Ele tem uma produção bem menor de quadrinhos no Chile do que na Argentina, mas era um quadrinista importante no Chile e era conhecido em toda a Europa”, destaca Pigozzi.

Para Miguel Angel Foncueva, escritor de livros sobre HGO e organizador de exposições voltadas à memória do autor na Argentina, o legado de *O Eternauta* se encontra na ideia de que não há um herói individual, mas um coletivo e sem superpoderes, indo na contramão dos super-heróis dos comics americanos. Para os argentinos, segundo Foncueva, a admiração por O Eternauta se equivale à de Maradona.

Entre quadros

A América Latina guarda obras e artistas tão singulares quanto uma cor chamada *Fliets*. Desde a alegria humorada de Condorito, do chileno Pepo; passando pela perseguição da Mônica atrás do Cebolinha, do brasileiro Maurício de Sousa; seguindo o caráter questionador da Mafalda, do argentino Quino; até o humor vingativo das charges do mexicano Rius. Há uma variedade considerável de nomes cruciais à sedimentação das HQs na região, bem como de novos talentos nas atuais gerações.

A história desses artistas, dessas obras e da própria história em quadrinhos na América Latina em geral está amarrada com seus devidos contextos sociais e políticos. Entender a relação das HQs com a sociedade ajuda a compreender aspectos da história e do povo latino-americano. Para auxiliar na percepção desses temas, a *Revista Memorial Cultural* convidou para falar a respeito Ivan Lima Gomes, professor de história moderna e contemporânea pela Universidade Federal de Goiás e pesquisador de quadrinhos, tendo publicado o livro *Os novos homens do amanhã: Projetos e disputas em torno dos quadrinhos na América Latina* (Brasil e Chile, anos 1960-1970), além de variados artigos sobre o assunto.

Revista Memorial Cultural: Quais artistas e obras você considera relevantes para a cena de quadrinhos latino-americanos, seja por estabelecer convenções e fundamentos, seja pelo impacto cultural, entre outros motivos?

Ivan Lima Gomes: Pergunta difícil, pois envolve critérios e demanda seleções inevitáveis. Alguns nomes são óbvios e bem conhecidos – quase sempre homens, como HGO, Maurício de Sousa, Quino, Rius, Ziraldo etc. Sob o risco de cometer grandes injustiças com muitos nomes queridos, trago alguns artistas do cenário atual, valorizando outras perspectivas para os quadrinhos:

- A argentina Lauri Fernandez, com a HQ documental *Turba: Memórias de Malvinas*, sobre as memórias em torno da Guerra das Malvinas.

- A chilena Panchulei, com a série em quadrinhos *El Otro Archivo*, dedicada a narrar episódios de luta e resistência subalterna.

- A equatoriana Powerpaola, autora de *Vírus Tropical* e *Todas as Bicicletas Que eu Tive*, que lidam com temas relativos à sexualidade, à família e ao feminismo, numa perspectiva bastante pessoal.



“As HQs podem contribuir para tornar o hábito de leitura como parte do dia a dia”, afirma Ivan Lima Gomes

- A colombiana Lina Florez, roteirista de *Emilia* e *Tres Horizontes*, ambas com desenhos de Pablo Pérez.

- O brasileiro Lino Arruda, autor de *Monstrans: Experimentando Hormônios* e a trilogia transfuturista *CISFORIA: o pior dos dois mundos*.

RMC: A América Latina como um todo sofreu, ao longo das décadas de 1960, 1970 e 1980, golpes de Estado e períodos de regimes ditatoriais. De que maneira isso afetou e se refletiu nas HQs da região?

ILG: Afetou diretamente. Obviamente, a censura e a vigilância são histórias bem conhecidas, mas também cabe indicar dois outros aspectos pouco mencionados. O primeiro envolve o desaparecimento político de artistas. Podemos mencionar o caso do chileno Luis Giménez, que foi preso em 1973, logo após os primeiros dias de ditadura no Chile, devido à sua atuação como militante no Movimiento de Izquierda Revolucionaria (MIR). O outro aspecto envolve a vigilância em torno do potencial de informação subversivo que estaria presente nos quadrinhos. É conhecido o relato de Ariel Dorfman indicando que forças militares incineraram nas ruas de Santiago exemplares de *Para leer al Pato Donald*, escrito em co-autoria com o belga Armand Mattelart, publicado em 1971 no Chile e um verdadeiro clássico dos estudos de comunicação (e do pensamento social) na América Latina. Mas há casos, por exemplo, no Brasil, de temores manifestados pelos órgãos de

“Mesmo em meio às adversidades, o campo cultural das HQs brasileiras é plural e multifacetado.”

Ivan Lima Gomes

inteligência quanto ao potencial subversivo das HQs serem utilizadas por “comunistas” para disseminar informações. É exemplar, neste sentido, o documento do SNI analisando a revista cubana *C-Línea*, voltada para a crítica ideológica dos quadrinhos.

RMC: No Brasil, boa parte das HQs publicadas anualmente são compostas por comics americanos e mangás. Nesse contexto, há espaço para gibis nacionais?

ILG: Há muito espaço. Na verdade, o Brasil vive um momento muito interessante para as HQs produzidas no país. Mesmo em meio às adversidades de um mercado retraído e com os custos de produção que seguem muito altos, o campo cultural dos quadrinhos é plural e multifacetado. Além do forte diálogo entre artistas e públicos incentivado pela lógica muito própria das redes sociais e das formas de financiamento coletivo que se desdobram desta troca, destacaria aqui outras iniciativas relevantes: a profusão de festivais de HQs, dentre os quais merece destaque o Festival Internacional de Quadrinhos, que ocorre em Belo Horizonte e conta com espaço para debates e para divulgação de quadrinistas do Brasil inteiro; editais de fomento à cultura, que incluem apoio para a publicação de HQs em regiões como Norte, Nordeste e Centro-Oeste, indo além do eixo Sul-Sudeste que segue forte no mercado editorial brasileiro; e como um desdobramento de tais processos, a diversidade temática dos quadrinhos brasileiros, que incluem temas ligados à história e à cultura brasileiras, pensadas desde temas até então pouco explorados, como as dimensões de raça e gênero. Não por acaso, chama atenção a presença expressiva de pessoas negras, trans, indígenas, mulheres etc., no mercado, afirmando as HQs enquanto um espaço de promoção da diversidade cultural brasileira.

RMC: Esse processo se reflete também em outros mercados de quadrinhos da AL?

ILG: De certo modo, sim, ainda que cada país apresente suas particularidades históricas. Um aspecto interessante a reforçar o ponto anterior,

por exemplo, envolve a articulação de artistas feministas entre diversos países latino-americanos – Clitóris, na Argentina; Minas de HQ, no Brasil; Altaís Comics [de Lina Florez e Pablo Pérez], na Colômbia... –, que inclui projetos coletivos e divulgação mútua. Em países como Argentina, Chile, Colômbia e México, é possível encontrar festivais e projetos públicos voltados para a valorização dos quadrinhos. Neste sentido, temos uma espécie de história latino-americana que atualiza a percepção de que as HQs podem ser uma via para a afirmação de uma identidade latino-americana sensível à elaboração de uma interpretação crítica sobre a nossa realidade. Também gostaria de ressaltar os trânsitos envolvendo tais debates artísticos e o mundo acadêmico, sugerindo desafios quanto às formas de produção do conhecimento e um diálogo qualificado dentro e fora da academia. Neste sentido, destaco a Red de Investigadores en Narrativas Gráficas en Latinoamérica (RING), que inclui pesquisadores e artistas dedicados a compreender as especificidades da produção latino-americana de quadrinhos.

RMC: Qual a importância dos gibis infantis, representados por nomes como Mauricio de Sousa e Ziraldo, para a fomentação da leitura no Brasil? Esse segmento de quadrinhos ainda se mostra relevante na atualidade?

ILG: Apesar da crescente transformação dos hábitos de leitura de HQs nas últimas décadas, o público infantil segue importante. Valorizar a leitura de quadrinhos inclui destacar a importância da multimodalidade no processo formativo da criança. As HQs podem contribuir para desmistificar o hábito de leitura, tornando-a parte do dia a dia. Elas também possibilitam um acesso a um universo simbólico e imaginativo muito forte para a criança, ampliando o repertório de referência para a interpretação da realidade ao seu redor. Tanto é que poucas são as crianças brasileiras que desconhecem personagens como Mônica, Cebolinha ou Menino Maluquinho. Elas convivem com estes e outros personagens e, neste diálogo da imaginação, constroem sua própria personalidade e seus modos de interpretar o mundo.



Superpunk, de Mirtes Santana e Guilherme Petreca

HQ é punk

Na periferia de uma cidade paulista, uma menina de 13 anos anda de skate ouvindo *Rebel Girl*, da banda Bikini Kill, em um toca-fitas dado de presente pelo avô. Certa vez, com uma curiosidade rebelde, ela colocou uma das fitas ao contrário para ver o que acontecia. O resultado foi que monstros de outra dimensão apareceram na cidade, mas a garota também ganhou superpoderes e passou a usá-los para combater as forças do mal. Ela é Violeta, a Superpunk!

Essa é a premissa da HQ homônima de Mirtes Santana e Guilherme Petreca, lançada em julho de 2024 pelo selo Original da editora Pipoca & Nanquim em parceria com o estúdio de animação Chatrone. Seu conceito surgiu pelo Petreca como projeto de animação, primeiro testando a partir de um *zine*, tipo de revista independente e mais artesanal na sua produção, feito em 2017. Depois de continuar desenvolvendo a ideia de animação até 2022, o estúdio apresentou ao Petreca a Mirtes, que ajudou a aprofundar a história e a mitologia desse universo.

Durante a publicação da HQ, a proposta de série animada ainda está sendo vendida ao mercado, mas está rendendo bons frutos. “Tivemos boas conversas com streamings, com produtores executivos, a gente foi para Annecy no ano passado, que é o maior festival de animação do mundo, e com o projeto embaixo do braço para conversar com as pessoas”, disse Mirtes. Em paralelo, os dois revelaram que há intenção de criarem novos quadrinhos de *Superpunk* no futuro, destacando o método de realimentação entre HQ e animação, em que ideias de uma podem ser transpostas a outra e vice-versa.

Esse projeto transmidiático não se restringe apenas aos dois meios. Na trama, Violeta ouve diversas músicas *punk*, de Ramones até Ratos de Porão. Essas músicas podem ser encontradas em uma playlist da HQ no Spotify, acessada também a partir de um QR Code presente no quadrinho, para que o leitor possa usá-las como trilha sonora enquanto o lê.

Superpunk incorpora referências multiculturais que refletem a bagagem de seus autores. Além de trazer muito do movimento *punk* e dos *comics* de super-heróis no enredo, há construção de um ambiente típico de uma cidade de São Paulo, como arquitetura dos prédios e grafites de rua; homenagens a personagens dos gibis brasileiros como Mônica e

Bob Cuspe; *easter-eggs* de animes como *Pokémon* e *Meu Amigo Totoro*. Nesse aspecto, a obra carregaria consigo um pouco da corrente da antropofagia cultural, idealizada por Oswald de Andrade e simbolizada pela pintura *Abaporu*, de Tarsila do Amaral, também presente na HQ.

Justamente por conta dessas várias referências globais, houve um cuidado para que *Superpunk* ainda tivesse uma cara de gibi brasileiro. “A gente queria que se parecesse com um quadrinho brasileiro de alguma periferia fictícia, mas que tem um pouco de cada vivência nossa”, conta Petreca.

Traçando a jornada com quadrinhos

A leitura de HQs desde a infância foi importante para a formação de Mirtes e Petreca como artistas. Para a roteirista, mesmo que o contato fosse maior com literatura, há recordações de ler com as irmãs *Turma da Mônica* e *Tio Patinhas* e de brincarem como se fossem os netos do pato mais rico do mundo. Na adolescência, a conexão com os animes a levou à leitura de mangás como *Slam Dunk*, de Takehiko Inoue, e *Sakura Card Captors*, do grupo Clamp. Ao longo do tempo, uma historietista que se mostrou influente para Mirtes foi *Mafalda*. “Mafalda é essa pessoa que está no mundo das crianças questionando os adultos, e acho que a Violeta também entra um pouco nesse caminho de questionar as autoridades nesse sentido”.

Embora sua carreira profissional seja como roteirista no meio audiovisual e *Superpunk* seja seu primeiro quadrinho, o trabalho da Mirtes se cruzou com obras de Ziraldo e Mauricio de Sousa, ao escrever para os desenhos *O Menino Maluquinho* (Netflix) e *Turma da Mônica Clássica* (Max) e o live-action *Turma da Mônica: A Série* (Globoplay). Segundo ela, a responsabilidade em lidar com esses legados é enorme, embora houvesse diferenças na abordagem dos projetos. Enquanto a turminha do Limoeiro tinha referenciais muito sedimentados no imaginário popular devido às diversas adaptações para outras mídias, houve uma necessidade maior de exploração com o menino com macaquinhos na cabeça no formato de série. “A gente teve a brecha de um trabalho de construção um pouco maior, porque o livro em si não dá muitas pistas do que pode ser o universo dele”, explica ela. “Tivemos que pensar onde que é esse universo, então escolhemos uma cidade do interior de Minas Gerais para poder trazer um pouco da Caratinga, onde Ziraldo cresceu, para daí pensar um pouco como essa infância seria retratada numa época mais atual”.

Fotos: Divulgação; arquivo pessoal

“A gente queria que *Superpunk* se parecesse com um quadrinho brasileiro de alguma periferia fictícia, mas que tem um pouco de cada vivência nossa.”

Guilherme Petreca

Com o Petreca, a entrada nas HQs se deu por intermédio do pai, que já as colecionava e incentivava o filho na leitura. Por conta disso, sempre havia gibi dentro de casa, seja com os *Recruta Zero*, *Asterix* e *Fantasma* do pai, seja as revistinhas da *Turma da Mônica*, dos *Looney Tunes* e da *Herói* que os pais compravam para ele quando criança. Na adolescência, houve o contato com mangás e com alguns quadrinhos brasileiros, como *Combo Rangers*, do Fábio Yabu, publicado pela editora JBC na época, e *Chiclete com Banana*, do trio Laerte, Glauco e Angeli. “Angeli é um cara que eu acho muito incrível até hoje, o traço dele é uma coisa maravilhosa”, diz Petreca.

Conforme crescia, mais artistas foram importantes para sua formação. Com Lourenço Mutarelli, encontrava um de seus “artistas favoritos da vida”, tanto nas HQs quanto na literatura e na atuação. Nos quadrinhos europeus, descobria a fluidez do francês Moebius, virando referência para seu traço junto com animes da infância, como *Digimon*, *Sakura Card Captors* e *Shaman King*, e os filmes do Studio Ghibli, embora Petreca afirme sua preferência por deixar seu desenho seguir um caminho próprio. “Cada história pede uma identidade e eu fico bem satisfeito de poder caminhar entre estilos diferentes, mas a minha base eu acho que é sempre a mesma”, completa.

Uma figura muito importante para todo esse processo foi Francisco Marcatti, autor de *Frauzio*. “É surreal que tivesse um quadrinho desse tipo disponível, porque é uma escatologia, uma coisa muito transgressora e isso estava na banca de jornal para você pegar e ler” comenta Petreca. “Depois, quando eu comecei a fazer quadrinhos, foi um cara que me incentivou bastante, me apoiou logo no meu primeiro quadrinho, foi muito gentil comigo. Então, além de uma admiração artística e estética, tenho muito agradecimento também”. •



Texto por:

Shamuél Bailão

Jornalista, fotógrafo e pós-graduando em Jornalismo Cultural e de Entretenimento, é um grande admirador de cinema e quadrinhos, buscando sempre trazê-los para uma perspectiva crítica e reflexiva.

O dom da palavra

Selva Almada utiliza seu poder de eloquência e nos torna seus seguidores

Ganhador do prêmio Romance do Ano pela *Revista Ñ* em 2012 e do *First Book Award* do Festival Internacional do Livro de Edimburgo com a tradução para a língua inglesa em 2019, *O Vento que Arrasa*, pode ser considerado um dos clássicos da literatura latina contemporânea.

Apesar do livro ter chegado ao Brasil em 2015 – três anos após sua primeira publicação –, teve seu relançamento no ano vigente e recebeu uma adaptação para o cinema em 2023, que foi vencedora do prêmio da Federação Internacional de Imprensa Cinematográfica (FIPRESCI) na 44ª edição do Festival Internacional do Novo Cinema Latino-Americano em Havana, dando mais destaque para a cultura latina.

Selva Almada nasceu em 1973 na província argentina de Entre Ríos, mas logo se mudou para Buenos Aires. Essa troca de cenário contribuiu para a inspiração da autora ao visualizar as diferenças sociais e utilizar de seu dom da escrita para mostrar essa realidade para seus leitores.

Em *O Vento que Arrasa*, encontra-se o calor insuportável antes da tormenta. Nessa calmaria, um problema com o carro obriga o Reverendo Pearson e sua filha Leni a pararem a viagem que tinha o intuito de espalhar a palavra do Senhor em outras províncias, como Chaco. Gringo Brauer, um mecânico indômito doente, e Tapioca, seu assistente, prontamente começam a atuar no carro para que a família seguisse seu caminho. Ao se deparar com a pureza de Tapioca, o Reverendo entende a falha de seu veículo como um sinal divino para que pudesse usar seu dom no jovem que lhe recebeu com o coração aberto.

Os quatro se veem forçados a ficar no mesmo ambiente tanto por conta do carro quanto por conta do calor estridente e, depois, por conta da chuva pesada. Essa proximidade é representada pelo uso de lembranças e conversas entre gerações para esperar o mau tempo passar e acabam por justificar os atos das curiosas personagens, dando razão aos seus papéis na trama: Reverendo com sua fé inabalável, Leni e seu conflito interno em relação ao pai, Tapioca com a necessidade de acreditar em algo e encontrar propósito, e por

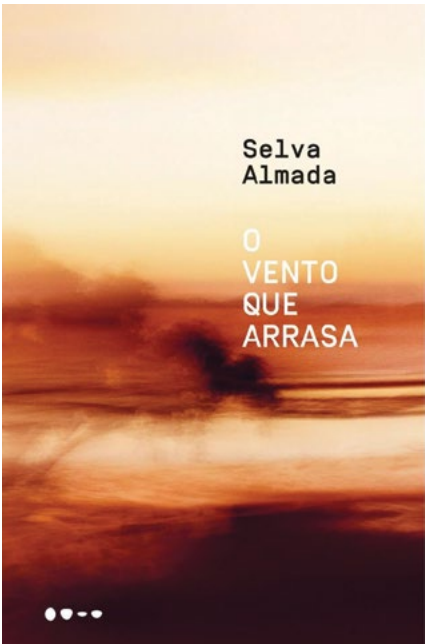


A autora Selva Almada



Texto por:
Giovanna Rigamonti
Bacharel em
Editoração e aluna
de pós-graduação em
Jornalismo Cultural e
Entretenimento, sua
maior paixão é deixar
sua imaginação criar
asas nas histórias que
lê e escreve. Gosta de
aprender um pouco de
tudo e se aventura em
diversos idiomas.

Fotos: Vale Fiorini; reprodução



O Vento que Arrasa, de Selva Almada.
Edição de 2024 da Editora Todavia,
112 páginas

LUIZ GONZAGA,

UM CRONISTA DO MODO NORDESTINO DE VIVER E SE EXPRESSAR

A importância de Luiz Gonzaga para a cultura brasileira

Luiz Gonzaga do Nascimento nasceu no município de Exu, localizado no Estado de Pernambuco, no dia 13 de dezembro de 1912 e morreu em Recife no dia 2 de agosto de 1989, aos 76 anos. Cantor, compositor e multi-instrumentista, ganhou o apelido de Rei do Baião e até hoje é considerado um dos nomes mais importantes da música nordestina e também da música popular brasileira.

Gonzagão, como era conhecido, retratava e homenageava a vida e a cultura do povo nordestino por meio de suas músicas e das roupas que vestia durante as apresentações. Inspirado nos trajes gaúchos do colega de rádio Pedro Raimundo, Luiz começou a usar vestimentas nordestinas nas suas apresentações em 1943. Seu figurino é repaginado a partir de 1947 e, assim, passa a se apresentar nos shows com o mesmo estilo de se vestir de Lampião, figura importante e polêmica da cultura do Nordeste. Lampião, o cangaceiro mais famoso do Brasil, era seu herói na juventude. Gibão de couro, cartucheira e chapéu – o uniforme de um cangaceiro – se tornaram parte da performance do Rei do Baião. Com esta roupa de guerra, ele conquistava e desbravava o Brasil inteiro, assim como seu ídolo.

Além desta estética própria do cangaço, que até hoje é associada à cultura nordestina, os temas das canções de Gonzaga também versam muito sobre a realidade das pessoas nascidas no Nordeste. As letras de Gonzagão costumavam ser compostas em parceria com outros letristas, como Humberto Teixeira, Zé Dantas e João Silva. As temáticas tratam do modo de vida do nordestino e seus representantes (como o vaqueiro e o migrante), fazem críticas sociais e denúncias sobre a fome, a seca e a miséria, falam sobre costumes próprios da região, celebram as comidas típicas, as danças e as expressões populares e gírias do falar nordestino

– que quase se configuram como uma linguagem própria. A fauna e a flora da região também são homenageadas por toda sua discografia. É como se Gonzagão operasse antes como historiador e cronista para reunir todos esses elementos e histórias da sociedade nordestina e depois transformasse tudo isso em música.

A influência da música de Luiz Gonzaga

Asa Branca (1947), uma de suas músicas mais conhecidas, é considerada o hino não-oficial do Nordeste. Ela ocupa o quarto lugar entre as músicas brasileiras mais gravadas no país, segundo o ranking do Escritório Central de Arrecadação e Distribuição (Ecad) de 2024. Nesta faixa, que foi composta em parceria com Humberto Teixeira, muitos dos temas recorrentes de Luiz estão presentes, como a denúncia à seca e as referências aos animais, aos costumes e à vegetação da região.

A versão mais famosa desta canção, depois da original, talvez seja a releitura de Caetano Veloso, que encerra o disco homônimo de 1971. Durante o auge do tropicalismo, movimento cultural brasileiro do final dos anos 1960, a música de Gonzagão, que estava esquecida pela cena *mains-tream* fora do Nordeste, voltou aos holofotes da cultura nacional.

Segundo o jornalista e pesquisador musical José Teles, Luiz Gonzaga foi o mais influente artista da música brasileira. “Bem antes do tropicalismo, já está na música de Gil e Caetano, sobretudo de Gil. *Viramundo* e *Procissão* [músicas de Gilberto Gil] são baiões. Os ritmos nordestinos que estilizou foram incorporados à biblioteca de gêneros da MPB. Está em Tom Jobim, em Edu Lobo, Chico Buarque, Djavan, Alceu Valença, em praticamente todo mundo, inclusive artistas do século XXI”, comenta.

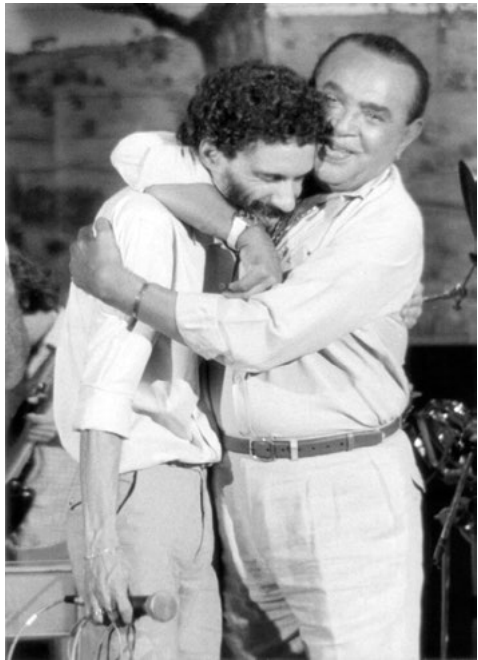


Foto: Domínio Público

Apesar de também saber tocar forró pé de serra, xaxado e xote, Gonzaga era mais conhecido por ser um dos popularizadores do gênero baião e por isso ganhou o apelido de Rei do Baião. Sua parceria com o advogado Humberto Teixeira, o chamado Doutor do Baião, foi crucial para o estabelecimento do gênero em nível nacional. Gravada em 1947, a música *Baião*, fruto da parceria dos dois, é emblemática para a consolidação nacional do baião. O auge do estilo se deu entre os anos 1940 e 1950.

Em entrevista para o tradicional programa *Roda Viva* da TV Cultura em 2022, Gilberto Gil disse que Luiz Gonzaga foi o primeiro artista pop do Brasil, por ter sido o responsável pela massificação do baião por todas as regiões brasileiras, além do Nordeste.

“O Gilberto Gil diz que o Luiz Gonzaga foi o primeiro popstar do nosso país. Acho que o sucesso dele na carreira foi toda a inteligência que ele teve na construção de sua carreira, uma visão de negócio mesmo, de marketing, além de todo o talento musical, claro. Ele foi o primeiro a fazer turnês por todo o país, com o figurino de cangaceiro (algo que ele não usava no início de sua carreira, mas que se tornou um diferencial), patrocínio de uma grande marca, transmissão dos shows pelo rádio... A Anastácia, que era da banda dele, conta que eles saíam pelas cidades onde iam se apresentar anunciando o show pelos alto-falantes. Além disso, era uma figura extremamente carismática”, explica a jornalista e pesquisadora musical Kamille Viola.



O filho Gonzaguinha e o pai Luiz Gonzaga se abraçam



Luiz Gonzaga com seu famoso chapéu e sua sanfona

Gonzagão, Gonzaguinha e a MPB

Gonzaga herdou a habilidade de fazer música de seu pai Januário, que também era um grande sanfoneiro, e depois repassou-a para o seu filho adotivo, Gonzaguinha (1945-1991), figura importante da MPB. A música *Respeita Januário* retrata essa relação de Luiz com seu pai. Já a relação de Gonzagão com Gonzaguinha é bem mais conturbada e foi retratada no filme *Gonzaga: De Pai pra Filho* (2012), dirigido por Breno Silveira. O longa documenta essa ambiguidade de sentimentos e o convívio entre duas pessoas de personalidades e estilos de música tão diferentes. Gonzagão e Gonzaguinha chegaram a compor canções juntos, como a clássica *A Vida do Viajante* e a faixa

Fotos: luizluagonzaga.com.br

Da Vida presente no disco *De Volta ao Começo* (1980) de Gonzaguinha. Pai e filho também se apresentaram juntos nos anos 1980 durante a turnê do show A Vida de Viajante, que marcou a reconciliação pública dos dois e se transformou no disco homônimo lançado em 1981.

“A música sempre foi, de alguma forma, um elo de ligação entre os dois, já que o pai gravou músicas do filho ao longo de sua carreira, antes de Gonzaguinha estourar. Acho que, ao ver que o filho tinha talento, Gonzagão passou a respeitá-lo como artista, mesmo com as visões de mundo diferentes que eles tinham. Musicalmente, até aquele momento, Gonzagão não parecia ter tido muita influência na música do filho. A reconciliação entre eles só veio a acontecer mais tarde. No momento de abertura política, Gonzaguinha passou a compor músicas que caíram mais no gosto popular e da mídia e foram regradas por grandes artistas. *Explode Coração* (1969), por exemplo, se tornou um grande sucesso na regravação de Maria Bethânia, no disco *Álibi*, de 1978, que vendeu um milhão de cópias. Com ele tão em evidência, a madrastra que havia rejeitado Gonzaguinha a vida inteira pede ajuda a ele para reerguer a carreira do pai, àquela altura bem distante do enorme sucesso que ele havia tido no passado. Gonzaguinha, então, propõe a ideia de fazerem a turnê juntos (e foi quando Gonzagão recebeu este apelido, aliás, demonstrando a importância do filho naquele momento). A partir daí, um passa a conhecer melhor a história e a carreira do outro, e o Luiz Gonzaga pede perdão ao filho”, comenta a pesquisadora.

Além do próprio filho Gonzaguinha, Luiz Gonzaga colaborou com vários artistas importantes durante sua longa carreira, como Gal Costa, Fagner e Dominginhos. Muitas outras grandes personalidades da história da música brasileira admitiram a influência de sua música, como Alceu Valença, Caetano Veloso, Gilberto Gil e Raul Seixas.

“Muitos artistas devem sua sonoridade a ele. Além dos já citados tropicalistas, incluindo Mutantes, Gal, Caetano, Tom Zé (e o Gilberto Gil retornaria a essa raiz do forró e do baião outras vezes na carreira dele, como, por exemplo, no álbum *Refazenda*, de 1975, *Gilberto Gil* e as *Canções de ‘Eu, Tu, Eles’*, de 2000, e *Fé na festa*, de 2010), Maria Bethânia, o Jorge Ben Jor (que disse diversas vezes que o Luiz Gonzaga era parte de sua formação musical), Sivuca, Hermeto Pascoal, Egberto Gismonti, Tim Maia (logo no disco de estreia, ele gravou um forró, *Coroné Antonio Bento*). Dominginhos, Anastácia e Marinês, é claro, o Raul Seixas, a geração pernambucana contemporânea do Alceu Valença e do Geraldo Azevedo, Elba Ramalho, a geração do mangue beat pernambucano, Zeca Baleiro, Chico César, Marisa Monte”, complementa Kamille.

A música do Rei do Baião está eternizada na história da música brasileira e sua importância deve ser ressaltada todos os dias. Ele se aventurou e dominou os mais variados gêneros musicais durante sua longa carreira. “A obra de Gonzaga é imensa. Além dos vários ritmos nordestinos estilizados por ele e parceiros, que formam o coletivo forró, cantou mazurca, marchinha de carnaval, valsa, polca, balancê, samba, choro, calango etc.”, explica o jornalista José Teles.

“A obra de Gonzaga é imensa. Além dos vários ritmos nordestinos estilizados por ele e parceiros, que formam o coletivo forró, cantou mazurca, marchinha de carnaval, valsa, polca, balancê, samba, choro, calango etc.”

José Teles

“Nos dias de hoje, existe um número imenso de artistas do forró, do mais tradicional ao eletrônico, passando por gêneros afins, como o piseiro, de Mestrinho a João Gomes, pela Lucy Alves, Xand Avião etc., que não existiriam sem o Luiz Gonzaga. Isso para falar da influência mais explícita e direta, porque artistas de outros gêneros também bebem dessa fonte. A Juliette, que é uma cantora pop, lançou recentemente uma interpolação (uma versão com nova letra) da melodia de *Pagode Russo*, por exemplo. Duda Beat foi outra que já gravou pelo menos dois forrós. O forró (em suas diversas vertentes, popularizadas pelo Luiz Gonzaga) é um ritmo muito presente na música brasileira ainda hoje (aqui no Rio de Janeiro, por exemplo, sinto que estamos vivendo um revival do forró – como tivemos nos anos 2000 –, com bandas como Forró da Taylor, Tocaia e Pedro Miranda e Forró da Gávea), sozinho ou misturado. Enfim, eu acho que a sonoridade do forró é tão presente na vida do brasileiro que muitos artistas cresceram ouvindo isso mesmo sem buscar, e muitas vezes isso acaba inconscientemente absorvido por eles”, explica Viola.

Gonzagão espalhou toda a riqueza da cultura e da música nordestina por todo o Brasil. São incontáveis os números de clássicos que Luiz Gonzaga produziu em sua carreira e o valor artístico associado a elas. Suas composições também têm o valor histórico de documentar o Brasil e o Nordeste. O baião, o forró, a MPB e a história da música brasileira carregam o DNA de Luiz Gonzaga do Nascimento. •



Texto por:

Conrado Parra

Jornalista, pós-graduando em Jornalismo Cultural e de Entretenimento, crítico de cinema, resenhista de livros e eternamente fascinado pela riqueza da música brasileira.

O samba como patrimônio brasileiro

A relevância histórica do samba na cultura brasileira e a sua ancestralidade afro

Bailarina, coreógrafa, mestranda em Artes da Cena e professora da graduação da Escola Superior de Artes Célia Helena, Solange Ferreira desenvolve um trabalho de pesquisa, resgate, divulgação e ressignificação da cultura afro através da dança, trazendo uma linguagem e visão que evidencia a força da identidade cultural brasileira. “A importância do samba na cultura brasileira é incontestável, pois, além de fazer parte da cultura e da identidade, é reconhecido como Patrimônio Cultural e Imaterial do Brasil”, explica Solange. Confira, na sequência, a entrevista.

Revista Memorial Cultural: Como a ancestralidade afro foi essencial no surgimento do samba no Brasil?

Solange Ferreira: A palavra samba refere-se às várias danças de matrizes africanas e origina-se de um dos vários idiomas africanos dos Povos Bantos, como o *chôcue* ou *quioco*, de Angola. Registra-se o verbo “seмба”, com sentido de cabriolar, brincar, divertir-se como cabrito. No idioma quipungo também tem o significado de uma dança em referência a um movimento, produzido pela umbigada, a sua principal característica. Eu aprecio muito o sentido de brincar, divertir-se, o samba como uma celebração. As tradições africanas estão enraizadas no samba, as ligações íntimas com religiosidade preservam traços sagrados trazidos pelos povos africanos. Transmissão dos saberes e conhecimentos passados de geração a geração. Como ressalta o sambista e escritor, Haroldo Costa, “o samba não é apenas um ritmo ou expressão coreográfica, mas sobretudo um universo de sons e lembranças que os nossos ancestrais negros trouxeram da mãe África, na sensibilidade e na memória”.

RMC: Qual a relevância do samba na cultura popular, enquanto um patrimônio brasileiro?

SF: Como todas as manifestações culturais de matriz africana, o samba também sofreu repressão e discriminação. O gênero foi visto com muito preconceito pela sociedade, e depois que se tornou popular, outros subgêneros surgiram. A importância do samba na cultura brasileira é incontestável, pois, além de fazer parte da cultura e da identidade, é reconhecido como Patrimônio Cultural e Imaterial do Brasil. Considerando que o reconhecimento e a valorização da diversidade cultural pressupõe uma reeducação das relações étnico-raciais, além dos muros escolares. Ainda podemos refletir sobre a trajetória da construção desse patrimônio como um longo processo de luta para o reconhecimento da cultura afro-brasileira. A construção do patrimônio cultural é percebida como uma prática social. Ela evidencia força simbólica no processo de constituição da memória coletiva e de grupos portadores de uma historicidade. O samba - tanto como gênero musical quanto como dança -, é um elemento muito tradicional da nossa cultura e está diretamente relacionado ao carnaval brasileiro. Diante disso, precisamos estar atentos na questão da espetacularização e exploração da indústria e do capitalismo, que afetam as organizações carnavalescas. Colocam à margem o elemento tradicional e formador de respeito à tradição histórica, esvaziando seu verdadeiro sentido pelo apagamento de suas narrativas.

RMC: Em sua opinião, como podemos evitar essa “espetacularização do samba”?



Solange Ferreira

SF: Acredito que é fundamental cada vez mais valorizar as tradições do samba e do carnaval, a consciência da história e da luta e resistência que se fez e se faz potência nas festas populares de rua, como ferramenta democrática e agregadora. A desmaterialização do patrimônio possibilitou a ampliação do acervo da brasilidade, saberes e fazeres de identidade e de pertencimento. Também vinculados aos valores que indivíduos ou grupos atribuem a determinados como signos da cultura, referenciais de identidade e de memória social. Além do samba, em maio de 2023, foi sancionada a lei que reconhece o carnaval, os desfiles das escolas de samba, e as manifestações de rua, como Patrimônio Nacional. Uma grande conquista, também!

RMC: Quais e quantos tipos de samba existem no Brasil hoje?

SF: O samba como um símbolo de união nacional, tem no pé a marca de negritudes, das mais de 500 danças que fazem integração de cultura, de Norte a Sul do Brasil. São três pilares étnicos: o indígena, com a dança dos caboclinhos, o europeu, com a dança dos pezinhos, e a influência africana, via dança dos orixás. É comum vermos as transformações e execuções tomadas do Candomblé na Bahia, do Caxambu fluminense, do Xangô de

Pernambuco, Alagoas e Paraíba, da Congada de Minas Gerais, da Jardineira do Rio Grande do Sul, do Jongo no Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo, do Bailado Guerreiro Moçambicano de Goiás, do Batuque e Samba Caipira de São Paulo, do Tambor de Mina do Maranhão, do Lundu do Paraná, e do Maxixe do Rio de Janeiro. Essas são apenas algumas citações e exemplos de onde está a raiz do nosso samba. Essa pluralidade é a razão desse fascínio da criatividade e da corporeidade afro-brasileira, que executa e cria constantemente esse saber ancestral, dialogando a impulso do ritmo que é visceralmente espontâneo.

RMC: Atualmente, qual o papel das Escolas de Samba em relação ao samba, enquanto Patrimônio Cultural?

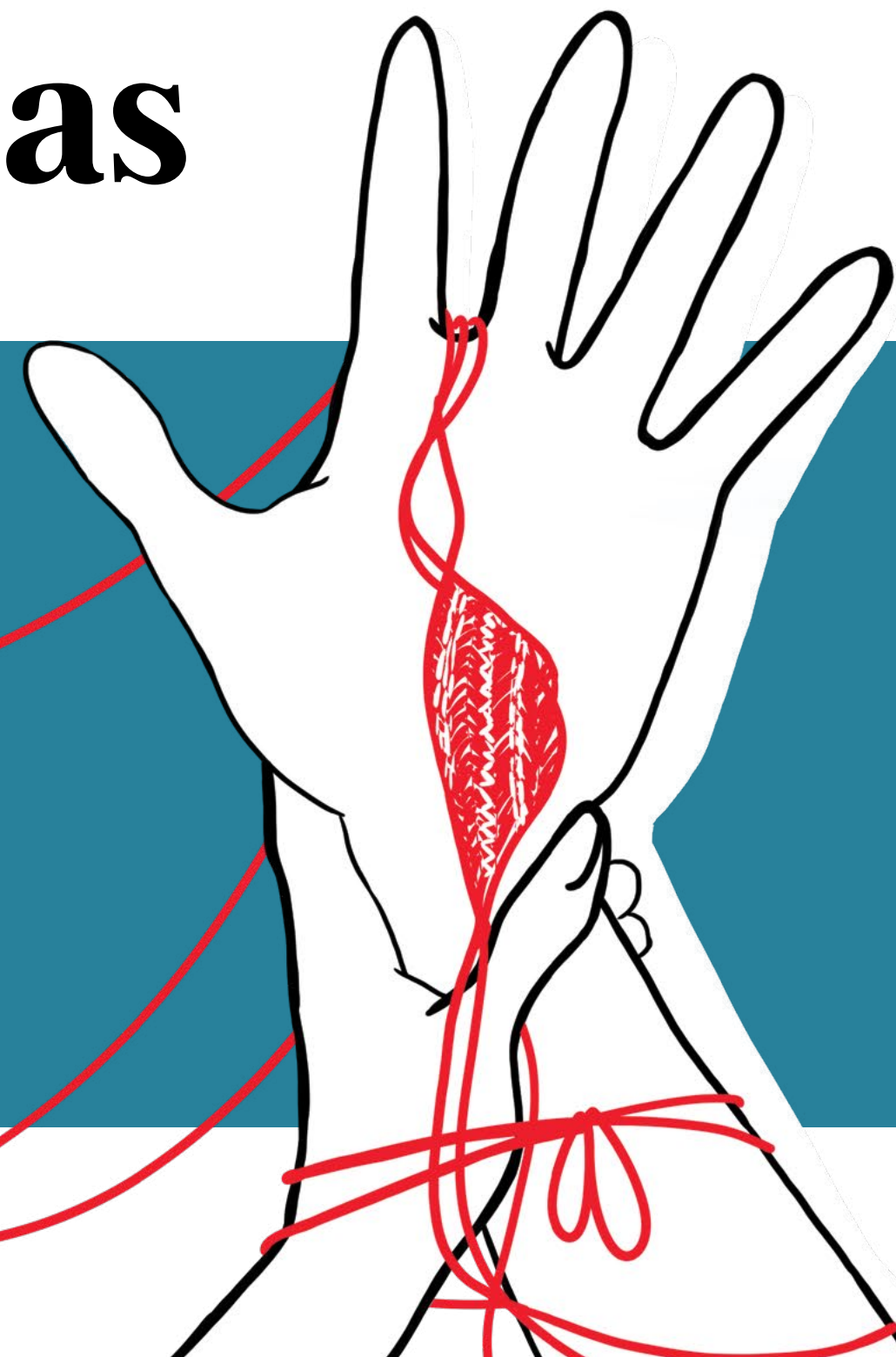
SF: As escolas de samba atuam como um pólo de resistência e responsabilidade social, que interfere diretamente no fortalecimento da comunidade. Antes de ser entretenimento, é cultura. Tem vivos os símbolos relacionados às tradições negras, para que continuem sendo retratados nos temas de desfiles de carnaval, exaltando as histórias que foram escondidas e não contadas. Por isso, nas escolas de samba tradicionais vivemos aquilombamentos como uma das principais dimensões do samba. As ações de uma escola de samba ultrapassam muito o senso comum de que elas atuam apenas em função do desfile carnavalesco, trabalhando em projetos sociais, que são referência para as comunidades. Como um olho do amanhã, fazem a qualificação profissional de moradores de sua comunidade. Também criam possibilidades de convivência, de participação em ações diversas, de acesso ao ensino, à assistência social. As escolas de samba são como ferramentas de lazer para a comunidade, além disso, não se aprende nelas só o samba, mas também a cidadania, através dos projetos e ações. As escolas de samba são espaços de construção, conhecimento e democratização, com responsabilidade social. •

Texto por:
Redação Memorial

Veias Latinas

mayko

Edição por: Nathalin Gorska
Textos por: Gabriella Emim, Marcella Fonseca,
Maria Paula, Mayara Cardoso e Nathalin Gorska
Ilustração: Mayko Jordan



O ser Latino



Ruta 40, Argentina

*Resistência, cultura e identidade:
O que nos faz sermos latinos?*

Composta por 20 países, a América Latina se estende desde a Terra do Fogo, um arquipélago de ilhas na América do Sul até o México, na América Central. Com um território rico em beleza natural, cultura e muita resistência, possui uma identidade cultural muito diversa, resultante de vários fatores externos e internos.

A colonização da América Latina começou com a chegada dos europeus ao Novo Mundo no final do século XV. Cristóvão Colombo, explorador e navegador italiano, em 1492, chegou na América Central junto de sua tripulação e iniciou a ocupação e dominação dos territórios. As ações abriram portas para a dominância dos impérios ibéricos na região: Espanha e Portugal, que não apenas invadiram as terras, mas promoveram extermínio, escravidão e genocídio, transformando grande parte do território da América do Sul em colônias de exploração. Enquanto a Espanha estabeleceu suas colônias principalmente na América Central, América do Sul e partes da América do Norte, Portugal ficou com o Brasil.

A utilização do termo “América Latina” surgiu no Século XIX, para se referir aos países falantes de línguas derivadas do Latim na América (espanhol, português e francês). É impossível falar sobre a dominação e colonização da América sem a ressalva de que, nesse período, os territórios colonizados sofreram com grandes perdas culturais, tendo parte de suas características apagadas por seus exploradores. Novos costumes culturais não foram os únicos impostos, o catolicismo também foi disseminado nas Américas, e é fortemente presente até hoje na cultura Latina.

Ainda no Século XIX, com os avanços de ideias revolucionárias, que buscavam a liberdade das colônias, uma crescente onda de independência varreu as Américas, começando pelo Haiti em 1804, sendo



Patagônia Argentina

o primeiro país da América Latina a ser independente. O ato foi seguido por outros territórios e, pouco a pouco, a América Latina se viu livre de ações diretas de seus colonizadores, apenas para cair em outra terminologia frequentemente utilizada nos dias de hoje: o imperialismo norte-americano.

Outro fator característico da América Latina na atualidade é a fragilidade e instabilidade das democracias, fruto do nosso modelo de colonização, industrialização tardia e dos governos que sofreram interferências diretas dos Estados Unidos, especialmente após a ascensão vitoriosa dos líderes políticos Che Guevara e Fidel Castro na derrubada da ditadura de Fulgencio Batista.

Com a disseminação de ideias socialistas cada vez mais próximas das Américas, os Estados Unidos e a CIA iniciaram, então, uma série de ataques às democracias latino-americanas, apoiando a ascensão de ditadores no governo, como aconteceu em 1973 no Chile, com a derrubada do presidente socialista Salvador Allende pelo General Augusto Pinochet, ou no Brasil, com o golpe que destituiu João Goulart em 1964, além da participação ativa na Operação Condor, uma coligação entre as ditaduras do Cone-sul, como conta Raísa Gomes de Oliveira no artigo Operação Condor: O terrorismo de Estado no cone sul e o papel hegemônico dos Estados Unidos.

Apesar de anos de resistência, as inúmeras manifestações culturais e tradições encontradas no vasto território Latino não foram apagadas.



Castillo Wulff, Viña del Mar, Chile



Palácio de La Moneda, Chile

Fotos: Jess Pádua; Gustavo Rodrigues de Moraes

“A criatividade que existe nessa multiorigem dá forma a ideias que, às vezes, eu sinto que só poderiam acontecer aqui. É tão improvável que encanta e traz uma magia muito única.”

Jess Pádua

A identidade latina

Somos, por chamado da terra onde pisamos, lutadores. Em música lançada em 2022, o cantor porto-riquenho René Joglar, mais conhecido como Residente, publicou um dos maiores símbolos atuais da luta Latina, a música This Is Not América, que denuncia os crimes e interferências em que o povo latino é acometido. Em uma viagem desde a colonização do território americano até a exploração da mão de obra e governos autoritários, Residente mostrou que cada vez mais a comunidade Latina passa a reconhecer e vangloriar a cultura e história de uma região tão marcada por apagamentos históricos.

A pauta da valorização da cultura latino-americana cresce cada vez mais, principalmente no meio digital. Por anos, as Américas do Sul e Central foram representadas em obras cinematográficas baseadas em uma visão eurocêntrica e que não reflete de fato a realidade vivida. Em entrevista com Augusto Gulum, da Fuerza Latina, marca nacional que celebra a arte e a cultura latina, somos levados ao debate sobre o que é, de fato, a identidade dos povos latino-americanos: “Dentro da comunidade, que é gigantesca, as identidades são muitas, as culturas são muitas e os preconceitos também. A gente esquece que, por construirmos povos que foram colônias, há muita influência estrangeira e elas variam muito de região para região. Não existe uma identidade única”, conta.

Ainda sobre a comunidade latina no audiovisual, Augusto acrescenta: “Sempre que há uma representação de quem vê um povo ou cultura ‘de fora’, estereótipos acabam sendo reforçados e detalhes ou pontos importantes que são considerados identitários acabam sendo esquecidos. Não vejo problema de marcas e mídias estrangeiras buscarem falar de povos latinos, mas sinto que, por muitas vezes, falta propriedade, mas isso é porque falta imersão”, finaliza.

Não é só a percepção etnocêntrica que afeta a identificação do que é ser latino. Em decorrência de sua colonização, o Brasil é o único país da América Latina que fala português. Devido à assimilação, grande parte da população mundial classifica os latinos como falantes de espanhol, acentuando e afastando os brasileiros da identidade latina. Jess Pádua, viajante solo e criadora de conteúdo para as redes sociais (@complexica), conta como foi sua experiência ao viajar pelo território latino e se deparar com essas diferenças: “Sinto que muito desse não reconhecimento dos brasileiros como latinos vem das definições errôneas que os EUA dão ao termo ‘latino-americano’ referindo-se somente a ‘americanos de origem ou descendência espanhola’ e também a falta de voos de baixo custo e o desconhecimento sobre nossos países vizinhos”, expressa.

Apesar disso, Jess acrescenta que, mesmo com todas as diferenças culturais que encontramos no território latino, existem questões que nos ligam ainda mais como veias de um único coração: “Vejo isso no cuidado ao próximo. O que mais me toca é esse senso de comunidade, que vem do sofrimento e da dificuldade em comum, e acaba nos deixando mais próximos. Seja nos grupos do trabalho, da família, de amigos ou até com um garçom em um restaurante”, relata.

Questões identitárias passam a se fazer cada vez mais presentes na comunidade de latino-americanos. O entendimento de que somos formados por nossos costumes, música, gastronomia e ancestrais representa o despertar de uma identificação há muito apagada em nossas histórias. Somos formados por frutos de anos de exploração aos quais nossas terras foram submetidas, mas temos muito além disso. Temos em nós a força de um território marcado por resistência e luta: a mata, que traz vida e força; a comida, que gera afeto e calor; e as canções, que passam gerações mostrando que o povo latino resiste e sempre resistirá.

O território latino passa, hoje, a entender que existe aqui uma força que não é encontrada em todos os lugares. Nossas crenças, miscigenadas por tantas influências, nos fazem fortes, nos dão esperança de que, desde que essa terra era ocupada pelos povos nativos, caminhávamos e continuamos até hoje, sendo regados por experiências que mostram quem somos.

“Assisti a uma festa em homenagem à Virgem Maria no Peru em que os cantos eram feitos em língua indígena quéchua e se misturava a procissão de fiéis com foliões de máscaras fazendo bailes típicos de povos originários. Tudo convivendo ao mesmo tempo e em paz”, comenta Jess, quando questionada sobre as características marcantes que podem ser encontradas em nossos povos.

“A criatividade que existe nessa multiorigem dá forma a ideias que, às vezes, eu sinto que só poderiam acontecer aqui. É tão improvável que encanta e traz uma magia muito única”, finaliza Jess.

Entendemos cada vez mais que ser latino é, na verdade, uma identidade cultural, resultado de nossas experiências e vivências, fruto dos anos de resistência que plantamos e que até hoje colhemos. Ser latino é a irmandade que sentimos com nossos vizinhos, é lutar por lugares que são nossos e por nossa história e protagonismo, que foram tomados. Ser latino é a emoção de perceber que, assim como dizia Joaquín Torres García, o nosso norte é o sul. •

Foto: Jess Pádua



Cueva del Jímbo, Ushuaia, Patagônia Argentina



Texto por:

Nathalin Gorska

Formada em jornalismo e aluna da pós-graduação de Jornalismo Cultural e de Entretenimento na Belas Artes, é apaixonada pelo universo geek, livros de fantasia e pela América Latina.



Cusco respira cultura

*A cosmovisão andina
refletida no dia a dia da
antiga cidade imperial*

Foto: Paloma Bazán

No livro *Génesis de la Cultura Andina*, Carlos Milla diz que, ao nos colocarmos como analistas e analisados, compreendemos não só a cultura que estudamos, mas também a nós mesmos. Esse texto permeia os pensamentos de Paloma Bazán, que é peruana, mas também é brasileira.

A fotógrafa e doutoranda em Estética e História da Arte na USP nasceu no Peru, mas veio para São Paulo com cinco anos, onde aprendeu a ler e a escrever em português. Aos nove anos, voltou para Lima e se deparou com as histórias das antigas civilizações peruanas nos livros de História. Antes de atingir a maioridade, voltou para o Brasil, lugar que permanece até hoje.

As referências culturais da jovem estão atreladas a essas mudanças e vivências. A exposição do Picasso que visitou na Oca do Ibirapuera, em 2004, foi tão marcante quanto estar em contato com a cultura e as celebrações locais do país em que nasceu. Seu interesse pelo mundo das artes vem de seus pais, que sempre incentivaram esse contato, e seu olhar sensível para capturar momentos é herdado da família. “Meu bisavô materno viajou por todo o Peru e alguns países da América Latina no início dos anos 1900 como fotógrafo itinerante, usando uma minuter. Meu avô tinha um estúdio fotográfico no centro histórico de Lima, na década de 1950. Meu tio, que é fotógrafo profissional, começou muito cedo, influenciado pelo meu avô, que sempre o incentivou a capturar a espontaneidade, a focar nos olhares e sorrisos e esperar pelo momento certo para fazer o disparo. Ele registrou meus primeiros anos de vida com uma câmera analógica da Leica, que é uma herança muito especial para mim. Costumo brincar que sou a quarta geração de fotógrafos”, compartilha Paloma com a *Revista Memorial Cultural*.

Após terminar sua graduação, aos 22 anos, partiu em uma viagem solo para Cusco. “Minhas fotografias do Peru são uma tentativa de entender minha cultura. Às vezes, me sentia como uma turista, observando com o olhar de uma brasileira. Em outros momentos, me sentia parte do lugar, por ser peruana. Essa viagem me permitiu uma conexão profunda com o passado, trazendo um entendimento pessoal sobre minha jornada e a relação com as minhas origens.”

**Relato de um guia peruano
apaixonado pelo Brasil**

Sou Fermin Apaza Medina, nasci em Cusco e fui uma criança muito tímida - certa vez, ganhei o prêmio de mais quieto da sala. Na minha adolescência, gostava de sair com meus amigos para descobrir novos lugares distantes e caminhar perto dos penhascos. Quanto mais vegetação tivesse, melhor.

Comecei a estudar engenharia porque gostava de eletricidade, mas foi uma decepção quando investiguei como seria minha vida. Um dia, quando estava na praça principal de Cusco, vi muitos turistas andando por lá pedindo informações. Descobri que havia um futuro no turismo, então tomei a decisão de mudar de carreira. Meu pai questionou minha decisão, mas não me arrependo, foi a melhor coisa que fiz na vida.

No penúltimo semestre na Universidade San Antonio Abad, estava estressado com o curso, então fui para a praça principal. Era Corpus Christi, quando os santos retornam às suas igrejas. À minha frente havia uma jovem com cabelos ondulados. Estava observando a procissão quando



ela se virou para falar comigo com um sotaque diferente, me perguntou sobre um santo que eu não conhecia. Conversamos sobre outros assuntos e ela me levou para um café de turistas, onde me incentivou a perder a timidez e conversar com as pessoas. A garota ficou algumas semanas em Cusco estudando espanhol e, então, partiu. Foi muito triste me despedir, mas ela foi o motivo que me fez aprender a língua portuguesa. Meu amor pelo Brasil nasceu por causa de uma garota.

Na universidade, todo mundo estudava inglês, francês e alemão, só eu era interessado pelo português. Procurava revistas que os brasileiros jogavam fora para estudar. Consegui juntar o dinheiro para me matricular no centro de idiomas e fiquei feliz em fazer as minhas primeiras aulas.

Trabalhei muito para ter a oportunidade de realizar o meu sonho de conhecer o país latino que fala português. Fiquei por três meses, trabalhei em um albergue em São Paulo, fiz novos amigos e conheci o Cristo Redentor. Embarquei no avião de volta para casa com saudades do Brasil. Os amigos que fiz lá vieram para Cusco e me pediram para organizar a viagem deles. E esse foi meu primeiro trabalho como agente e guia.



Paloma Bazán em Machu Picchu, ao longo da sua viagem pelo Peru

As ruas repletas de cores, símbolos, comidas, músicas e arte de Cusco que encantaram Paloma, provocam os mesmos efeitos nos nativos e nos visitantes. A cidade, que abriga mais de 3 mil anos de desenvolvimento cultural indígena é reconhecida como Patrimônio da Humanidade por seu excepcional valor universal. Tania Bernuy, presidente da Associação Latino Americana de Arte e Cultura, explica que Cusco foi a capital do Império Inca e exercia o controle político, religioso e administrativo. “Os templos eram cobertos de ouro e pedras preciosas. As ruas e as praças eram cercadas por extensas áreas para a agricultura e para o artesanato. Suas imponentes construções permanecem até hoje, apesar da opressão espanhola que, desde a sua chegada no século XV, destruiu várias construções incas para erguer igrejas e edifícios”, comenta. “O sincretismo cultural é marcante na cidade.”

Segundo Tania, a cosmovisão dos povos originários e suas práticas são realizadas até hoje nos Andes. A natureza contribui com vários tipos de riquezas que devem ser tratadas como um todo harmonioso, destacando três aspectos fundamentais: o trabalho na terra – Pachamama –, que está ligado a força criativa e a fertilidade,

a espiritualidade dos rituais místicos, para compreender as diferentes energias que os cosmos fornecem, e a convivência com os outros seres coletivamente, para a equidade dos recursos.

Os sítios arqueológicos e os lugares sagrados em Cusco ainda reverenciam essa visão do povo Inca. “É realmente um lugar sagrado. A aventura da cidade até Machu Picchu é cansativa, mas emocionante, é difícil explicar a espiritualidade no ar. A sensação que tive ao olhar o Machu Picchu foi que, naquele momento, eu tinha entendido algo de mim mesma. Ver uma cidade de pedras encaixadas milimetricamente, construída no meio da selva há mais de 2400 metros de altura, é testemunhar fisicamente o equilíbrio entre o ser humano e a natureza” conta Paloma.

A herança cultural do Peru, advinda dos povos originários, dos espanhóis e dos afro-peruanos, reflete na arte, na música, na culinária e nas festividades. Cada elemento conta uma história de convergência, resistência e celebração. As tradições cotidianas honram e protegem a profunda ligação com a natureza e o misticismo religioso, já as festas culturais e religiosas são perpetuadas através de uma programação vibrante de comemorações. A representação do Inti Raymi ainda

Foto: Paloma Bazán; arquivo pessoal

“A preservação da arquitetura imponente e requintada dos Incas requer uma visão ampla e multidisciplinar de acordo com a singularidade cultural dos aspectos históricos, conceituais e metodológicos. Isto requer a criação de melhores políticas públicas.”

Tania Bernuy

acontece todo dia 24 de junho, e é a favorita de Tania. “O festival central do calendário Inca era celebrado durante o solstício de inverno no sul dos Andes, em agradecimento pela colheita do ano. Todos os povos dos quatro pontos cardeais ao longo das extensões dominadas pelo império preparavam-se durante meses para o encontro na Cidade Imperial, onde levavam oferendas ao Inca - chefe supremo de todas as regiões -, cercado por suas legiões e familiares.”

Para Paloma, o simbolismo carregado na cultura é o que mais chama a atenção. “A harmonia e o equilíbrio com a natureza e com a sociedade se refletia em tudo que faziam, na estrutura do império, na divisão geográfica, no sistema de trabalho, na organização social, na política e até na agricultura e arquitetura. Nas manifestações artísticas não poderia ser diferente. Os Incas, como outros povos pré-colombianos, contavam suas histórias através da arte. A simbologia persistiu ao longo do tempo e podemos ver isso nas cerâmicas. Um símbolo que particularmente me interessa é a Chakana.”

Identificada como uma cruz de quatro lados iguais escalonada, a Chakana reúne os princípios centrais da cosmovisão andina e reflete a conexão espiritual dos Incas com o mundo. O símbolo milenar é encontrado com frequência em objetos, tecidos, cerâmicas e esculturas. Paloma acredita que a Chakana desempenha um papel importante na preservação da identidade cultural e na continuidade das tradições ancestrais, oferecendo um sentimento de pertencimento para o povo peruano. “O símbolo carrega componentes contrapostos que explicam a cosmovisão andina,

como o masculino e o feminino, o céu e a terra, o sol e a lua, e o norte e o sul, entre outros elementos. Ele organiza princípios, regras e valores para o desenvolvimento de uma sociedade harmônica e equilibrada. Funciona como um “caminho” para alcançar uma sociedade ideal”.

Para chegar nesse caminho ideal, o trabalho de manutenção da cultura e das tradições é importante e deve ser algo desejável, almejado e, sobretudo, alcançável segundo Tania. “A preservação da arquitetura imponente e requintada dos Incas requer umavisão ampla e multidisciplinar de acordo com a singularidade cultural dos aspectos históricos, conceituais e metodológicos. Isto requer a criação de melhores políticas públicas. Outro importante ponto é a garantia ao acesso à educação de qualidade para todos, que aborde questões de diversidade cultural e seus desdobramentos na história, para conscientizar as pessoas e prepará-las como indivíduos e cidadãos.”

A preservação da cultura incentivou, incentiva e incentivará muitas pessoas, como aconteceu com Paloma. Foi em sua passagem solo pelo Peru que a doutoranda descobriu que gostaria de ser pesquisadora, mas uma viagem com a família, quando ainda era criança, implantou esse carinho pela cultura em seu coração. “Quando visitamos as ruínas de Chan Chan, uma antiga cidade de barro da cultura Chimu, fiquei impactada com os desenhos nas paredes. Lembro de ter visto uma Chakana com peixes contornando o símbolo. Guardei um pouco da areia das ruínas no meu boné e levei para casa. Tenho um potinho com elas até hoje.” •



Texto por:
Marcella Fonseca
Formada em Edição e aluna da pós-graduação de Jornalismo Cultural e de Entretenimento na Belas Artes, é interessada por cultura e literatura. Extremamente curiosa, tem como objetivo se aventurar no mundo para escrever sobre diversas histórias.

Conhecendo culinárias vizinhas

A identidade e a força das gastronomias argentina e peruana

A culinária de um país é mais do que uma junção de ingredientes e temperos aos quais os povos que ali vivem têm acesso. Ela é parte fundamental da sua cultura e, por isso, os laços das comidas típicas com as pessoas que as consomem são tão fortes que podem até ultrapassar os limites de espaço.

Prova disso são os imigrantes argentinos e peruanos que, ao se mudarem para o Brasil, buscam os alimentos de seus países de origem, com os quais têm uma memória afetiva. Há até aqueles que abrem restaurantes, apresentando aos brasileiros novos sabores e experiências que estão tão próximas em questão de território, mas com características diferentes.

Nesses casos, a culinária se torna, além de um vínculo com a sua terra natal, uma forma de ganhar a vida em um novo país. Conheça, a seguir, duas dessas histórias.

Argentina – Muito além das carnes

Ricardo Joel Michel e Florencia Pereda são um exemplo de imigrantes argentinos que trouxeram para seu novo lar não apenas as suas vidas, como também a sua culinária. Donos do restaurante Rotiseria Argentina, eles se mudaram para São Paulo em 2005 por questões econômicas, ambos ainda com trabalhos na área da saúde na época.

“A rotisseria nasceu em 2007, na minha casa, como um empreendimento muito pequeno, basicamente pela saudade de alguns alimentos que não conseguíamos aqui. Nessa época, não tinha quase nenhum dos restaurantes *[argentinos]* que existe hoje, então você encontrava carnes e alguma parilla, mas empanadas, medialunas *[massa folhada em forma de meia lua]*, alfajores e sorrentinos *[massa similar ao ravióli]*, não”, diz Ricardo.

Com o passar do tempo, o negócio foi aumentando. Saiu da casa deles para uma garagem até chegar ao espaço no qual está hoje, na Vila Santo Estefano, montado a partir da junção de duas casas. Inicialmente, trabalhavam no esquema de rotisseria, vendendo preparos pré-prontos de pratos típicos argentinos.



Empanadas da Rotiseria Argentina

Fotos: Joel Michel; Luís Vinhão



Ceviche de pescado do Rinconcito Peruano



Medialunas da rotiseria



Rotiseria Argentina

Hoje, o local, ainda com o mesmo nome, se transformou em um restaurante especializado em pratos como empanadas, milanesas, massas e doces, como as medialunas e os alfajores. Apesar de também venderem carnes, elas não são o foco principal do estabelecimento, provando que “nem só de carne vivem os argentinos”.

Comida autêntica argentina

Um dos principais diferenciais da rotisseria é o fato de grande parte dos ingredientes e temperos usados no restaurante serem importados da Argentina. Segundo Ricardo e Florencia, isso faz com que a autenticidade das receitas se mantenha.

A medialuna deles, por exemplo, só se tornou tão boa quanto é hoje e uma das comidas mais procuradas no local quando eles encontraram um importador de farinha argentina. Além disso, mesmo quando ainda não havia a distribuição de certos temperos argentinos no Brasil, Ricardo viajava a cada três meses para buscá-los.

Dessa forma, o restaurante se tornou um “turismo de retorno” para quem já visitou o país. “As pessoas vão a Buenos Aires e voltam procurando aquele sabor que adoraram durante a viagem”, comenta Florencia.

Outra questão interessante da culinária argentina, que aparece nos pratos do estabelecimento, está ligada aos recheios das empanadas. Sabores como marguerita e frango com catupiry não aparecem no cardápio, apesar de serem muito populares no Brasil. Afinal, não são comuns na Argentina.

Em vez deles, há os recheios típicos do país, como queijo com cebola, carne com uva passa, azeitona e ovo cozido, presunto com queijo e pancetta com ameixa e muçarela. “O único sabor especificamente brasileiro que temos é a calabresa, que se chama Paulista e é a nossa homenagem a São Paulo”, explica Florencia.

Com a adição da calabresa, muitos brasileiros começaram a conhecer as empanadas. Depois, como explica o casal, grande parte deles voltam outras vezes e acabam se aventurando com outros sabores mais diferentes para o paladar daqui.

Fotos: Joel Michel



O interior da rotiseria

Mais uma questão que mostra uma diferença entre as culinárias vizinhas, além dos sabores de recheios, são os acompanhamentos para as milanesas. No local, assim como na Argentina, é a batata frita. Porém, não tem arroz, algo muito típico em quase todos os pratos no Brasil.

Ou seja, tudo é feito da forma mais próxima possível do original, o que permite que os imigrantes do país consigam encontrar os gostos com os quais estão acostumados e têm uma ligação afetiva. “As receitas são tradicionais e há certos processos que têm que ser respeitados. Por isso, nunca terceirizei o comando da cozinha da Rotiseria Argentina”, complementa Ricardo.

Uma empanada de qualidade

De acordo com Ricardo, o segredo de uma ótima empanada, muitas vezes esquecido por certos estabelecimentos, é fazer uma boa massa. “Se importam mais com o recheio, que também merece cuidado, mas fazem uma massa péssima. Inclusive, na hora de finalizar, muitos queimam, e a empanada argentina não é queimada”, explica. Já o recheio pode ser de vários tipos, porém sempre vai ser algo untuoso e que não se separa da massa, diferente do que acontece em um pastel, por exemplo.

No seu canal de Youtube (Ricardo Joel Michel), ele compartilha várias dicas para preparar comidas típicas argentinas. A seguir, confira uma receita de massa de empanada fácil para fazer em casa.

Receita de massa de empanada

Ingredientes:

- 1kg de farinha de trigo tipo 1;
- 200g de gordura suína (banha) em temperatura ambiente;
- 350 a 370 ml de água, isto depende da qualidade da farinha;
- 30g de sal fino.

Modo de preparo:

Em um recipiente coloque a farinha, sal e misture.

Adicione a gordura. Com as palmas das mãos, faça movimentos como se estivesse lavando ou esfregando as mãos até ficar “arenado”, igual uma farofa.

Comece adicionando 320ml de água, vá amassando suavemente a massa e adicionando mais água, até que fique homogênea, desgrudando das mãos e do recipiente. A massa nunca deve ser soçada (massa de pão), massa de empanada é relativamente dura e consistente, diferente das de pizza e pão, em que a textura é leve e suave.

Feita a massa, coloque-a para descansar na geladeira por pelo menos 4 horas, podendo deixar até 12 horas.

Após o descanso, estique a massa com um rolo de macarrão ou similar até que fique fina, mais ou menos na espessura de 2 cartões de crédito (2mm).

Com a massa esticada, coloque-a em uma bancada ou mesa, com um cortante de confeitaria redondo de 12 cm de diâmetro, corte para termos os discos de massa, as famosas “tapas”. Caso não tenha um cortante de confeitaria, use um prato com aproximadamente o mesmo tamanho indicado.

Com os discos cortados, coloque-os na geladeira por pelo menos 6 horas ou, se possível, até o dia seguinte. Sempre utilize plástico ou separadores de hambúrguer para que não colem. Cubra para evitar que ressequem. Faça o recheio de sua preferência.



Lomo saltado do Rinconcito Peruano

Peru – Ceviche e muito mais

Quando o brasileiro pensa na gastronomia do Peru, o primeiro prato que vem à mente costuma ser o ceviche. A receita, que consiste em peixe cru ou camarão marinado em suco de limão ou outro cítrico, é realmente comum no país, tanto é que é reconhecida pela UNESCO como expressão da culinária tradicional peruana.

De acordo com o chef Edgar Villar, responsável pelo restaurante Rinconcito Peruano, presente em vários locais da cidade de São Paulo, o segredo para um bom ceviche está no frescor de seus ingredientes. “O mais importante é que os peixes e os frutos do mar utilizados sejam frescos, além do preparo do marinado e dos acompanhamentos”, diz.



Chef Edgard Villar

Porém, apesar de ser o mais famoso fora do Peru, o ceviche não é o único prato incrível da culinária do país. E é isso que o chef prova em seu restaurante, que surgiu em 2004 em um imóvel compacto na Rua Aurora, no Centro de São Paulo.

Edgar, que veio do Peru para São Paulo em 2000, começou a aprender a cozinhar aos 10 anos, com a mãe e a avó. Quando chegou à terra da garoa, a venda de marmitas aos imigrantes peruanos na Rua 25 de Março era a sua fonte de sobrevivência nos primeiros três anos. Foi então que abriu a primeira unidade do Rinconcito Peruano.

No restaurante, que hoje tem 11 unidades, a variedade da gastronomia peruana, além do ceviche, está representada e é apresentada para os brasileiros e pessoas de diversas outras origens. “A nossa culinária também é rica em pedidas quentes, como as chaufas, que são os arrozes fritos, confeccionados com caldos artesanais que propiciam todo o sabor e variadas proteínas e legumes. Temos uma linha de empanados, pratos à base de carne e peixes, além de arroz com frutos do mar e um polvo servido com batatas”, comenta o chef.

O Peru também conta com sobremesas e bebidas bastante típicas. Entre os doces, o mais conhecido é a torta tres leches, feita à base de uma combinação de leites e especiarias. Já no caso das bebidas, existem, por exemplo, as com pisco, um dos destilados mais utilizados na coquetelaria peruana. “Um dos clássicos é o Pisco Sour, a base de pisco, suco de limão, clara, rodela de limão e gelo”, diz Edgar.

Fotos: Luís Vinhão



Torta Tres Leches do Rinconcito Peruano

Comida peruana para os brasileiros

De acordo com Edgar, algumas características marcantes da culinária peruana fazem com que ela seja tão especial. “Toda a culinária se dá pelo seu tempero e ingredientes. Temos as pimentas peruanas, as especiarias típicas, as batatas, os milhos e, falando dos frutos do mar, temos variados tipos de peixe”, exemplifica. Ademais, ele comenta que o frescor dos ingredientes é outra característica importante na comida peruana.

Sobre os temperos, a gastronomia do Peru conta com muitos tipos diferentes de pimenta (como a aji amarillo e a rocoto), sendo que o país produz pelo menos 50 variedades, sem contar outras especiarias típicas. Para trazer essa culinária para os brasileiros, Edgar precisou entender as diferenças do paladar das pessoas daqui para o dos peruanos.

“Morando há mais de vinte anos no Brasil, pude entender as necessidades e as exigências do paladar brasileiro. Dessa forma, fui ajustando a culinária peruana, que é muito rica em condimentos e pimentas, na medida certa para o Rinconcito Peruano”, explica.

A seguir, confira a receitas de ceviche do chef, simples de fazer em casa. •

Receita de ceviche de pescado

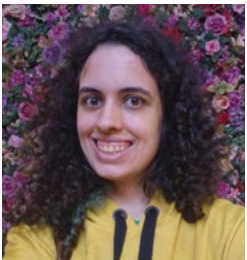
Ingredientes:

- 500 gr de pescado;
- 8 limões taiti;
- 1 colher (sopa) de coentro;
- 2 colheres (sopa) de salsão picado;
- 2 cebolas cortadas à julienne;
- 1 colher (sobremesa) de pimenta dedo de moça bem picadinha;
- 2 batatas doces cozidas, cortadas em rodela grossas;
- 1 colher (sopa) de leite;
- Sal a gosto.
- Caldo base para quebrar a acidez do limão
- 1 xícara de salsão;
- 2 colheres (sopa) de talo do coentro picado;
- 2 dentes de alho;
- 1 colher (sobremesa) de gengibre;
- 1 colher (sopa) de pimenta dedo de moça;
- ¼ de xícara de água gelada ou 04 cubos de gelo (o gelo impede que o alimento cozinhe quando processado).

Modo de preparo:

Processe os ingredientes do caldo base no liquidificador. Reserve. Cozinhe a batata doce sem casca, corte em rodela e reserve.

Num bowl, acrescente os cubos de peixe, adicione o limão, o sal e mexa bem. Coloque o salsão picado, a pimenta dedo de moça, o coentro e três colheres de sopa do caldo base. Por último, acrescente o leite e mexa mais uma vez. Finalize com a cebola salpicada cortada à julienne.



Texto por:

Mayra Cardozo

Formada em Jornalismo e pós-graduanda de Jornalismo Cultural e de Entretenimento na Belas Artes, adora diversas formas de artes, especialmente o teatro, o cinema e a música. Quer buscar cada vez mais novas experiências e oportunidades de escrever sobre cultura e histórias interessantes.

Na imensidão da Patagônia

Explorando as maravilhas naturais e culturais da Argentina, onde o continente Americano se encontra com a Antártida

Se aventurar nos 2,7 mil km² da Patagônia Argentina é encarar uma região de beleza natural e de uma vastidão fascinante. As estradas retas e vazias são cercadas por montanhas, picos nevados, geleiras e lagos glaciais, compondo o cenário perfeito para qualquer entusiasta de viagem. Décio Galina, jornalista há mais de 30 anos, sempre procurou maneiras de viajar. Em sua primeira ida à região, em 1999, fez um bate-volta de São Paulo ao Ushuaia em uma Mercedes Classe A. Dividindo o carro com três colegas, a viagem tinha como objetivo testar o automóvel para a revista *Quatro Rodas* e cobrir o ano novo no “Fim do Mundo” para o jornal *Notícias Populares*.

Entre lembranças, o jornalista compartilha que ele era o único do grupo que não sabia dirigir, por isso sua função era ficar acordado ao lado do motorista. Ao longo das horas na estrada, teve tempo de contemplar a paisagem. “A Patagônia é um grande vazio. É a ausência de pessoas, mas é a presença do vento, do silêncio. Nesse tipo de cenário, você acaba viajando para dentro de si também. A natureza prevalece, é uma coisa incrível”.

A paisagem não encantou apenas Décio, mas também foi um dos motivos que fez com que Luiz Barros, um dos diretores da agência

Brasileiros em Ushuaia, decidisse arrumar as malas, pedir demissão do emprego no Brasil e ir morar com a família na região. “Vim visitar meu irmão em 2015, ele já tinha a agência Brasileiros em Ushuaia, e amamos a cidade, que é espetacular. Resolvi deixar minha vida e meus amigos no Brasil para vir com a minha família morar aqui”.

A Patagônia se transforma completamente ao longo do ano, apresentando uma paisagem diversificada e de beleza impressionante. Luiz explica que as estações são bem definidas, com datas semelhantes às do Brasil. No verão, que acontece de meados de dezembro a março, a região se destaca por seus dias ensolarados e lagos cristalinos, variando entre nuances de azul e verde. O outono traz um cenário romântico e colorido, com árvores em tons de vermelho, amarelo e laranja. Já no inverno, que acontece entre junho e setembro, a Patagônia se cobre de neve, oferecendo uma paisagem branca e deslumbrante, transformando montanhas, árvores e estradas em um espetáculo visual. Finalmente, a primavera chega e colore a região novamente, mantendo os topos das montanhas ainda nevados, proporcionando um contraste único e encantador.

Foto: arquivo pessoal



Foram as cores do outono que receberam a historiadora e estudante de psicologia Nathalia de Freitas na Argentina. Poucos meses após o casamento, ela e seu marido, Filipe Carvalho de Sousa, decidiram partir em sua primeira viagem internacional. Indecisos para escolher qual seria o destino, El Calafate conquistou o coração do casal. “Sempre tive o desejo de conhecer primeiramente a América Latina, devido a diversidade cultural que tanto me encanta, além da biodiversidade riquíssima. Pensamos no Chile, porém ficamos em um grande dilema entre ir para o deserto do Atacama ou para Santiago. Depois cogitamos Cancún, mas o clima não seria dos melhores para estar na praia. Buscando outras alternativas, assistimos muitos vlogs de viagem e conhecemos El Calafate. Foi o match perfeito para nós. Eu amo paisagens naturais e meu marido ama o frio” conta Nathalia.

Seja viajando de carro pelas belas estradas ou celebrando o amor, a Geleira Perito Moreno, na província de Santa Cruz, não pode ficar de fora do roteiro em uma visita à Patagônia. Não é à toa que o glacier é um dos cartões postais mais famosos da Argentina. Nathalia compartilha que o visual indescritível superou todas as expectativas. Caminhar pela geleira é emocionante, mas o verdadeiro show é a sorte de assistir a um dos blocos de gelo se desprender dos paredões – um processo natural – e criar ondas no maior lago glacial da região austral do país. “Na volta da viagem [em 2000], paramos no Perito Moreno. Estava apertado para ir ao banheiro. Esperei horas para ver um bloco cair, sabia que na hora em que eu cedesse, o espetáculo iria acontecer. Quando finalmente me retirei, escutei os gritos de emoções das pessoas lá fora. Só vi as ondas causadas pela queda” conta Décio entre risos.

Além do Perito Moreno, os glaciares Upsala e Spegazzini também oferecem vistas de tirar o fôlego, sendo destinos imperdíveis. Mas as geleiras não são os únicos atrativos em El Calafate. Para Nathalia, a visita ao sítio arqueológico de Punta Walichu foi muito marcante. Conhecer a história dos Tehuelches, primeiro povo nativo da região, despertou muitas emoções na historiadora. “Ver pessoalmente as pinturas rupestres e o local que foi habitado pelos primeiros nativos de El Calafate me deixou fascinada. Tivemos um ótimo guia turístico que contou diversas curiosidades sobre os meios de sobrevivência, os rituais e os costumes desse povo. Para fechar com chave de ouro, tivemos um jantar dentro de uma das cavernas do local. Foi incrível.” Essas experiências gastronômicas da região complementam a beleza natural com sabores locais, como o famoso cordeiro patagônico, o salmão e a merluza-negra, além dos doces típicos, como o doce de leite e os alfajores.

A subida até a base da montanha Fitz Roy, na capital nacional de trekking El Chaltén, também é recomendada. Os 20 km de trajeto não são fáceis, o clima, que muda constan-

temente, pode acrescentar um nível a mais ao desafio, mas a chegada ao topo é recompensadora. “Enquanto subia, minha guia explicava as peculiaridades da fauna e da flora que iam aparecendo. Quando cheguei ao topo, o céu estava fechado, mas logo o tempo abriu, como se fosse uma cortina de teatro, então me deparei com a magnitude do lugar” conta Décio. O jornalista também compartilha que é impressionante olhar as nuances de cores da montanha – que não são visíveis de longe –, e que, graças a esse característico tempo inconstante, foi recebido de volta ao hotel com um arco-íris.

“A gente tem uma troca muito pequena com os nossos vizinhos, principalmente por não falarmos espanhol, mas quando você chega em um lugar tão bonito no seu continente, te desperta um sentimento de ser latino-americano. Quando você vai embora, fica uma eterna vontade de voltar.”

Décio Galina

Conhecida como a “Cidade do Fim do Mundo”, o Ushuaia proporciona uma variedade de atrações. Cerca da pela Cordilheira dos Andes, possui um charme único, com trilhas como as do Lago Esmeralda e Ojo de Albino, que revelam paisagens espetaculares. O Parque Nacional da Terra do Fogo é outro ponto alto, onde os visitantes podem embarcar no histórico Trem do Fim do Mundo para conhecer mais sobre a história local. Além disso, as navegações para avistar lobos-marinhos e o icônico Farol do Fim do Mundo são atividades imperdíveis, sem contar a possibilidade de caminhar entre os pinguins durante o verão. Como destaca Luiz Barros, “essa visita é uma experiência espetacular”.

Para quem busca uma combinação de aventura, cultura e gastronomia, a Patagônia é o destino perfeito. “A gente tem uma troca muito pequena com os nossos vizinhos, principalmente por não falarmos espanhol, mas quando você chega em um lugar tão bonito no seu continente, te desperta um sentimento de ser latino-americano. Quando você vai embora, fica uma eterna vontade de voltar”, compartilha Décio.



Nathalia de Freitas no Parque Nacional Los Glaciares

Cultura e preservação

A Patagônia também apresenta uma rica tapeçaria cultural influenciada por suas raízes argentinas e chilenas. Luiz, que mora na região, destaca que a cultura local é diversa, refletindo um mosaico de influências e tradições. “Temos uma diversidade bem grande de pessoas e são poucas as que nasceram verdadeiramente na Patagônia, e isso acaba sendo bem interessante. A cultura é bastante miscigenada, não tem muitas tradições locais aqui”, explica Barros. Este caldeirão é especialmente visível nas cidades turísticas, onde a presença de visitantes de todo o mundo contribui para essa cultura mais diversa.

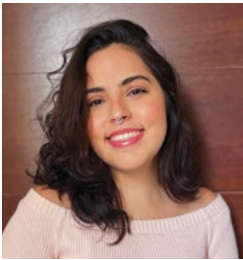
Na Patagônia Argentina, uma das tradições mais marcantes está ligada às Ilhas Malvinas. A disputa histórica entre a Argentina e o Reino Unido pelo arquipélago ainda reverbera na memória coletiva. As ilhas, conhecidas internacionalmente como Falkland Islands, permanecem um símbolo potente de identidade e resistência para os argentinos. Eventos e comemorações em homenagem às Ilhas Malvinas são comuns, refletindo o sentimento nacionalista e a importância histórica do conflito que resultou em significativas perdas humanas. Essa mistura de influências, somada à natureza imponente da região, faz da Patagônia um destino culturalmente rico e fascinante.

Com sua beleza natural intocada, a região enfrenta os mesmos desafios de preservação ambiental que outros locais turísticos ao redor do mundo. Contudo, a proteção ambiental é tratada com extrema seriedade. Luiz ressalta que em destinos como Ushuaia e El Calafate, o turismo é rigorosamente controlado para garantir a preservação dos ecossistemas sensíveis. “Existe todo um cuidado para que as pessoas possam passar perto dos pinguins de uma forma que não gere nenhum desconforto aos animais. O meio ambiente está sendo alterado pelas mãos humanas no mundo todo e aqui não é diferente”, comenta Barros, sublinhando a responsabilidade que cada visitante deve ter ao explorar essas paisagens únicas. A preocupação com o ecossistema fez Nathalia se perguntar como é possível viver tantos dias de sua vida longe do meio ambiente. “Ver o cuidado que os habitantes têm com a preservação do lugar me mudou em muitos sentidos. Agora, valorizo muito mais cada momento em contato com a natureza.”

Apesar dos esforços de fiscalização, as mudanças climáticas e a ação humana têm impacto visível na região, com algumas geleiras, especialmente em El Calafate, apresentando sinais de degelo. Elas, que são verdadeiros patrimônios naturais, estão entre os elementos mais afetados, evidenciando a fragilidade desses ambientes diante das pressões globais. No entanto, a conscientização ambiental é uma prioridade nas visitas turísticas à Patagônia. Os guias locais reforçam constantemente a importância de não deixar rastros, como o lixo, e de respeitar as regras de preservação, garantindo que as futuras gerações possam também desfrutar das maravilhas que a região oferece. •



Décio Galina no Monte Fitz Roy, em El Chalten



Texto por:

Gabriella Emim

Formada em Jornalismo e Publicidade, atualmente pós-graduada em Jornalismo Cultural e de Entretenimento nas Belas Artes. Possui profundo interesse em cultura e política internacional, e adora ouvir histórias e experiências que enriquecem seu olhar sobre o mundo.



Texto por:

Marcella Fonseca

Formada em Editoração e aluna da pós-graduação de Jornalismo Cultural e de Entretenimento na Belas Artes, é interessada por cultura e literatura. Extremamente curiosa, tem como objetivo se aventurar no mundo para escrever sobre diversas histórias.

A Amazônia é Latina!

Um passeio turístico pelas diversas regiões da floresta tropical mais importante do mundo, em diferentes países da América Lartina

Seja por meio da água doce que corre pelos rios ou do vento que ecoa o canto de uma natureza viva e próspera, a Floresta Amazônica é, sem dúvidas, um dos maiores tesouros do planeta. Fonte de vida, sustento e mistérios, concede ao Brasil muito mais do que a regulação climática e uma imensa biodiversidade, ela desempenha um papel crucial no desenvolvimento do país. Hospedar essa terra úmida-tropical é um privilégio, que é grande demais para ser só nosso e, diversas vezes, esquecemos disso: a Amazônia é muito mais do que brasileira, ela é latino-americana.

Sua vastidão se estende por oito países, em cerca de 7 milhões de km²: Brasil, Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana, Peru, Venezuela e Suriname abraçam suas riquezas naturais e dão características únicas da cultura de seus países para ela. Todo esse território é chamado de Amazônia Internacional e, por mais que em alguns desses países ela não seja a principal vegetação, ainda é local de grandes possibilidades econômicas, sustentáveis e turísticas.

Um das organizações responsáveis por promover a cooperação e o desenvolvimento sustentável dessa abundante região é a Organização de Tratado de Cooperação Amazônica (OTCA), como uma organização intergovernamental com apoio de parceiros internacionais, como o Banco Alemão de Desenvolvimento KfW, tem a missão de implementar os acordos e metas estabelecidos desde 1978, quando os países signatários se tornaram membros do Tratado de Cooperação Amazônica (TCA), com o objetivo de impulsionar o desenvolvimento sustentável em cada um de seus territórios, respeitando a governança política, diplomática e cultural dessas regiões.

“O objetivo de um dos projetos que promovemos, por exemplo, é fortalecer a capacidade dos países amazônicos na gestão de sua bio-

diversidade e reduzir as assimetrias de informação entre eles. Assim, podemos agilizar as tomadas de decisões sobre a Convenção sobre Comércio Internacional de Espécies da Flora e Fauna Selvagens em Perigo de Extinção (CITES), por exemplo, ajudando inclusive diretamente na renda local das comunidades amazônidas”, disse Mauro Rufino, coordenador do projeto citado, conhecido como BioAmazônia da OTCA, que também atua apoiando as possibilidades de turismo dessas regiões, como os exemplos que conheceremos a seguir.

O país das orquídeas - Equador

A Amazônia equatoriana é um ótimo exemplo de tesouro em biodiversidade e cultura. Com cerca de 4.200 espécies de orquídeas catalogadas, o Equador é o local com maior diversidade da planta. Ela, que é uma das mais elegantes e belas do mundo, possui um potencial comercial gigantesco, permitindo as mais diversas formas de cultivo e manejo. Foi assim que o governo tomou a iniciativa de desenvolver a Rota Turística de las Orquídeas, que se estende por diversas regiões do país, passando desde a parte costeira até a área andina e, claro, amazônica, nas províncias de Napo, Morona Santiago e Zamora Chinchipe.

À medida que a rota se dirige para o leste, na região amazônica, o clima quente e úmido favorece uma grande variedade de orquídeas, com características ainda da influência andina na temperatura local. Visitas a áreas protegidas e reservas naturais proporcionam oportunidades de cores e aromas únicos, cultivados pelos próprios moradores locais. A rota pode ser explorada por meio de passeios turísticos guiados ou personalizados. Muitos operadores oferecem pacotes que incluem transporte, visitas a jardins botânicos, reservas naturais e locais de cultivo de orquídeas.



Pássaro da Reserva Nacional Tambopata, no Peru

O turismo sustentável ganha força com iniciativas que valorizam o conhecimento e a preservação da biodiversidade local. Fanny Tello, ponto focal do projeto Bio Amazônia no Equador, destaca que os cultivadores de orquídeas da região não estão interessados em comercializar suas plantas raras, mas sim em promover o turismo educativo. “Os cultivadores locais que fazem parte da rota não querem comercializar suas orquídeas, mas sim gerar turismo e levar conhecimento aos visitantes nacionais e internacionais”, explica Tello. A iniciativa também inclui a participação de viveiristas nas províncias envolvidas no projeto, fortalecendo uma economia que alia conservação e desenvolvimento sustentável.

A província de Napo, localizada na região oriental do país, faz parte da vasta bacia amazônica e é uma área caracterizada por suas florestas tropicais, onde o ecoturismo é bastante explorado. A Associação de Napoenses, ou *Asociación de Napoenses*, auxilia as comunidades locais a desenvolver tais atividades, e o Jardim Botânico XX é um dos viveiros que fazem parte do projeto e oferecem visitas guiadas, além de artesanato local e comidas típicas. “Hoje, estamos tentando aprender a melhorar os cuidados com nossas plantas, trabalhamos nesse crescimento desde a pandemia e queremos continuar a seguir fortes no trabalho de ecoturismo na província”, afirmou o proprietário Marco Chuquimarca.

Preservando a Amazônia - Peru

A Amazônia peruana, especialmente a região de Iquitos e o rio Madre de Dios, é um destino incrível para o ecoturismo. A cidade de Puerto Maldonado serve como base para explorar a região e acessar áreas remotas da floresta. Os

turistas podem visitar a Reserva Nacional de Tambopata e a Reserva Nacional de Manu, onde há uma abundância de fauna e flora, incluindo macacos, aves e orquídeas. As atividades incluem caminhadas na selva, passeios de barco e visitas a comunidades indígenas que preservam suas tradições ancestrais. A culinária amazônica também é um atrativo, com pratos exóticos como o juane e a pachamanca.

No departamento de Loreto está Iquitos, situada no nordeste do Peru, ao longo do Rio Amazonas, e acessível principalmente por via aérea, com voos regulares partindo de Lima e outras localidades. É a maior cidade da região amazônica peruana e um dos principais centros urbanos da selva. É um ponto de partida crucial para o ecoturismo e o acesso à floresta tropical.

O Projeto BioAmazonia se concentra na preservação dos ecossistemas vitais da Amazônia, que inclui áreas significativas no Peru. Promovendo a proteção de áreas de alta biodiversidade, ajudando a conservar espécies ameaçadas e habitats críticos, um dos locais que recebe apoio da organização é uma instituição dedicada ao resgate, reabilitação e conservação de animais silvestres que foram vítimas de tráfico ilegal, desmatamento, ou outras formas de exploração e abuso: o Centro de Rescate de Animales Silvestres (CREA).

Após o resgate, os animais recebem atendimento veterinário para tratar doenças, ferimentos e qualquer condição de saúde causada pelas circunstâncias de cativeiro ou abuso. Esses animais passam por um processo de reabilitação que pode incluir recuperação física, ajustes comportamentais e treinamento para reintegração à vida selvagem. Isso é feito com o objetivo de preparar os animais para a soltura, quando possível.

O apoio do Projeto BioAmazonia ao CREA ajuda no fortalecimento do centro ao realizar suas atividades com maior eficiência e impacto. Com recursos adequados, treinamento e infraestrutura, o CREA pôde melhorar significativamente seus esforços e aumentar o número de animais resgatados e reabilitados, como os peixes-bois, que receberam amplificação no espaço e novas baías no espaço.

Cristian Velez trabalha há anos no centro de resgate como coordenador educativo e garante que o espaço faz parte de um processo de aprendizado para a população local: “Aqui são desenvolvidas também atividades educacionais, por isso trabalhamos com as escolas e professores onde desenvolvemos contos amazônicos, apoiados pelo Ministério do Meio Ambiente do Peru, para gerar consciência ambiental nas pessoas. Esse ponto é muito importante para nós, porque se não, no final, quando devolvermos esses animais para seus habitats naturais, eles serão capturados novamente, então eles têm que ser nossos aliados em todo esse processo”.

O Parque Nacional Pacaya Samiria é uma das maiores e mais importantes áreas protegidas do Peru. Conhecido pela

“Estamos tentando aprender a melhorar os cuidados com nossas plantas, trabalhamos nesse crescimento desde a pandemia e queremos continuar a seguir fortes no trabalho de ecoturismo na província.”

Marco Chuquimarca

sua biodiversidade impressionante e pela riqueza dos ecossistemas de várzea e igapó, até o famoso fenômeno encontro das águas, que neste caso acontece entre o rio Maraón e o rio Ucayali, sendo possível avistar por lá durante um passeio de barco.

O parque abriga uma enorme variedade de espécies de flora e fauna, incluindo jaguares, botos-cor-de-rosa, macacos, preguiças e uma vasta gama de aves e peixes, além de ser habitado por comunidades indígenas, como os Kichwa e os Yagua, que têm uma profunda conexão com o ambiente natural e suas tradições, fornecendo uma observação de vida selvagem únicas e sendo o lugar certo para os aventureiros de trilhas, camping e pesca esportiva.

Raridade é aqui! - Colômbia

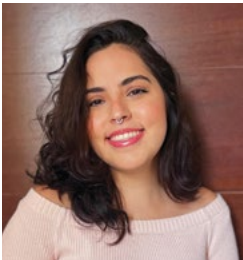
Se você gosta de ver espécies raras em seu habitat natural, tem que conhecer Leticia na Colômbia. Uma cidade que fica na zona da tríplice fronteira com o Brasil e o Peru, e recebe várias influências desses países, mas mantém uma alta pesquisa e proteção da floresta.

O Parque Nacional Natural Amacayacu fica a cerca de 50 km de Leticia, e é acessível por barco, sendo um dos parques nacionais mais importantes da Colômbia. Com uma vasta área de floresta tropical, é uma parada obrigatória aos turistas da região, já que reúne comunidades locais e serve de apoio aos centros de pesquisas, que também são abertos a visitação.

Jacaré pode! - Bolívia

Rurrenabaque é uma cidade localizada no departamento de Beni, na região amazônica da Bolívia. É um ponto de partida popular para explorar as regiões de selva e pântano ao redor, incluindo o Parque Nacional Madidi e a Reserva de Biosfera do Pilon Lajas. Fazer então um Tour pelos Pampas é uma experiência única, já que são áreas altamente alagadas e planas, o que oferece a chance de ver muita vida selvagem, como jacarés.

Foto: Jean Vella



Texto por:

Gabriella Emim

Formada em Jornalismo e Publicidade, atualmente pós-graduanda em Jornalismo Cultural e de Entretenimento nas Belas Artes. Possui profundo interesse em cultura e política internacional, e adora ouvir histórias e experiências que enriquecem seu olhar sobre o mundo.



Texto por:

Maria Paula Santos

Apresentadora e jornalista cultural, ambiental e internacional. Produtora multiplataforma com foco em audiovisual, com documentários, vídeos e programas especiais no currículo. Se aventura pelo marketing de conteúdo mas a verdadeira paixão é a música e a televisão.

Diversidade

Apresentação por: Dr. Pedro Mastrobuono

Edição por: Isabella Vilela

Textos por: Ana Reis, Isabella Vilela e Juliana Castro

Ilustração: Mayko Jordan



Diversidade no Memorial



É com grande honra e imenso prazer que damos início ao caderno de diversidade da *Revista Memorial Cultural*, uma publicação que reflete a pluralidade e a riqueza de culturas, vozes e perspectivas que constituem o vasto tecido social da América Latina. Como presidente da Fundação Memorial da América Latina e integrante deste Conselho Editorial, acredito firmemente que a diversidade não é apenas uma característica a ser celebrada, mas um pilar fundamental na construção de sociedades mais justas, inclusivas e vibrantes.

Sob nossa gestão, o Memorial da América Latina tem se comprometido profundamente com a valorização da diversidade em todas as suas atividades. Um exemplo emblemático é a realização da Feira da Diversidade Sexual, que ocorre contemporaneamente à Parada do Orgulho LGBT, a maior do mundo. Este evento não apenas celebra a diversidade, mas também reforça nosso compromisso em promover a inclusão e respeito. Além disso, o Memorial da América Latina se orgulha de ser um espaço de combate à discriminação em suas diversas formas, incluindo a discriminação religiosa e por etnicidade. Recentemente, celebramos o Dia de Ogum com a presença de várias lideranças das religiões de matrizes africanas, como a Umbanda e o Candomblé, reafirmando nosso empenho em promover o respeito e a valorização das diversas manifestações religiosas. Paralelamente, estamos igualmente dedicados a combater a discriminação por etnicidade, promovendo atividades que reconhecem e celebram a diversidade étnica de nossa região.

Em nossa busca contínua pela inclusão, o Memorial também tem se dedicado a apoiar manifestações culturais de várias origens. Um exemplo notável é a promoção de uma etapa de qualificação da dança *break* para as Olimpíadas, um movimento cultural com raízes profundas nas comunidades urbanas e que hoje é reconhecido como uma expressão artística global. Ao promover esse evento, reafirmamos nosso compromisso com a inclusão e a valorização de todas as formas de expressão cultural, independentemente de sua origem.

Nosso compromisso é promover diálogos que desafiem preconceitos e construam pontes entre diferentes realidades, sempre respeitando e valorizando as singularidades

de cada grupo. Acreditamos que a riqueza cultural da América Latina reside justamente em sua capacidade de se reinventar, de misturar o antigo com o novo, e de criar um espaço onde todas as vozes possam ser ouvidas.

Convidamos todos os leitores a embarcarem nesta jornada conosco, a explorarem as histórias e as experiências que moldam nosso continente, e a se envolverem ativamente na promoção da diversidade como um valor central para o nosso presente e futuro.

Que este caderno seja um ponto de encontro para reflexões profundas, aprendizados significativos, e, acima de tudo, para a celebração da diversidade que nos define e nos une.

Esse texto reflete o espírito de inclusão e o compromisso da *Revista Memorial Cultural* em promover uma sociedade mais equitativa e plural, alinhado às diversas ações e iniciativas inclusivas realizadas no Memorial da América Latina. •



Dr Pedro Mastrobuono

Texto por:
Pedro Mastrobuono
 Advogado (PUC/SP),
 doutor em Proteção ao
 Patrimônio Cultural
 (UFMS) e Pós-doutor
 em Antropologia Social
 (UFMS). Premiado pelo
 Senado Federal com
 a Comenda Câmara
 Cascudo Presidiu o
 IBRAM; a AAMAC
 (MAC/USP); o IAC
 (USP), o INSTITUTO
 VOLPI. Conselheiro
 do IPHAN; MASP;
 Museu Lasar Segall;
 Projeto Leonilson;
 Museu Judaico de SP;
 membro efetivo do
 ICOM-International
 Council of Museums
 da UNESCO.

Além da dor: Katú Mirim explora o amor e a felicidade lésbica e indígena no álbum *Cura*

Em entrevista exclusiva para a Revista Memorial Cultural, a rapper fala sobre sua arte, seus relacionamentos e seu processo de cura

Foto: Thayla Eluá





Foto: Thayla Eluá

“Cansei de ver meus parentes com visibilidade falando apenas de etnocídio... quero fazer música sobre tesão e amor sapatão, e não quero que estranhem isso. Indígenas vivendo além da violência”, diz Katú Mirim em entrevista para a *Revista Memorial Cultural*. A artista Boe Bororo, nascida e criada na periferia de São Paulo, é uma das atrações do Rock in Rio 2024, e, com seu segundo álbum de estúdio recém-lançado, *Cura*, traça um caminho de amor, celebração e autocuidado.

Após uma estreia potente em 2022 com o primeiro disco *Revolta*, que carrega letras críticas e que denunciavam as mortes e todo o apagamento indígena, Katú se aprofundou ainda mais no processo quase terapêutico e cíclico de cura após a ira justificada e causada por um sistema racista, heterossexista e opressor.

Cura conta com 10 canções e a faixa-título, que abre o disco, carrega um tom otimista, de união e orgulho, que se solidifica com a participação do rapper de descendência mexicana e nativo americana Taboo, mais conhecido por ser membro do grupo Black Eyed Peas.

O projeto é ousado e um respiro em meio ao caos. A artista, que também tem raízes no Rock e Nu Metal, agora se entrega mais para o Pop, Funk e Reggaeton – claro que ainda com os elementos clássicos do Hip-Hop –, no entanto, mudando um pouco sonoramente em comparação com o *Revolta*.

Cura quebra com a crença de que uma artista racializada e oprimida só precisa cantar sobre os pesares de seu povo e história. Não deixando de trazer questionamentos sobre a violência estrutural contra os povos originários e denúncia, a rapper mostra ser possível resgatar a felicidade e ancestralidade lésbica e indígena, ressaltando sua veracidade. Talvez o ato de se curar das feridas internas nunca tenha um fim, porém dá para se deliciar com os ritmos e rimas envolventes do álbum enquanto ele ocorre.

Para se aprofundar ainda mais no álbum, no show de Katú no Rock in Rio e seus planos futuros, a *Revista Memorial Cultural* teve a oportunidade de entrevistar a artista. Confira, abaixo, a entrevista completa.

Revista Memorial Cultural: Este ano está sendo bem importante: Você lançou seu segundo álbum de estúdio, *Cura*, e vai tocar pela primeira vez no Rock in Rio. Como você está lidando com as expectativas? E quão importante é que agora os grandes festivais estejam se importando mais com representatividade e visibilidade nacional e indígena?

Katú Mirim: Este ano tem sido realmente significativo. Lançar *Cura* e tocar no Rock in Rio pela primeira vez são marcos importantes. Estou lidando com as expectativas com uma mistura de emoção e responsabilidade. É essencial que grandes festivais estejam mais atentos à representatividade e visibilidade nacional e indígena. Isso abre portas para vozes marginalizadas e traz uma diversidade necessária ao cenário musical. É sobre entender que, depois de mim, ainda haverá artistas indígenas, e espero que muito mais apreciados e valorizados do que eu e as artistas indígenas que conheço. Mas quero poder ter minha arte realmente valorizada em vida! Então, meu objetivo é dizer: “Vocês precisam olhar para a arte de pessoas originárias, como arte pertencente às periferias. Porque também estamos lá”, entre outras coisas. Afinal, como ativista, sempre perdi oportunidades, inclusive no meio da música, por contratantes sentirem medo da denúncia. Mas se o racismo não mora dentro do seu festival em cachês baixos, na não contratação de pessoas originárias, desrespeito ou estereótipos... Por que sentiria medo? A responsabilidade de levar o ativismo comigo e ser leal ao que acredito e sou, sempre deixou mais difícil adentrar os lugares... Mas fico feliz pelos que abrem as portas. Eles sabem para quem estão abrindo.

RMC: Além do Rock in Rio, tem algum outro festival, evento ou lugar no qual seria seu sonho tocar?

KM: Sempre sonhei em tocar no Coachella, pela visibilidade internacional, no Lollapalooza, e no Glastonbury, pela sua história e diversidade musical. Seria incrível levar minha música e minha mensagem a esses palcos.

RMC: Antes de entrar no *Cura*, gostaria de falar um pouco sobre o *Revolta*, lançado há dois anos. Nota-se uma diferença entre eles. Como foi esse processo de mudança? O que te motivou a fazer um álbum que fale do processo de dor e cura, mas também de amor?

KM: *Revolta* foi um álbum de denúncia e de afirmação de identidade, com uma forte influência do hip-rock. *Cura* mantém um pouco dessa essência, mas traz um tom mais esperançoso e otimista, ritmos mais dançantes e letras que falam de outras coisas além da dor, também abordando temas de amor sapatão e questões socioambientais, como o garimpo. Essa mudança reflete meu próprio processo de cura e crescimento pessoal, buscando um equilíbrio entre a dor e a esperança. E um pouco além, fala sobre minha denúncia silenciosa... sobre todos estarem esperando que artistas indígenas falem apenas da dor. Limitar nossa arte a assuntos como luta, demarcação de terras, perda, sofrimento. Somos

mais que isso. Também amamos, sorrimos, sentimos tristeza, mas superamos; temos dor de cotovelo por levar um pé na bunda, nos apaixonamos... É um manifesto que diz: “Opa, sou um ser humano. Sinto tudo que você sente, e não poder me expressar artisticamente além da dor, é uma faceta do racismo”. Afinal, prender pessoas e suas artes apenas em suas dores, é pura desumanização. Cansei de ver meus parentes com visibilidade falando apenas de etnocídio... quero ver trap sobre uma garota por quem estão apaixonadas, um funk dizendo que conquistaram suas coisas... quero fazer música sobre tesão e amor sapatão, e não quero que estranhem isso. Indígenas vivendo além da violência.

“Cansei de ver meus parentes com visibilidade falando apenas de etnocídio... quero ver trap sobre uma garota por quem estão apaixonadas, um funk dizendo que conquistaram suas coisas... quero fazer música sobre tesão e amor sapatão, e não quero que estranhem isso. Indígenas vivendo além da violência.”

RMC: Falando mais do *Cura*, o álbum abre com a música homônima que conta com seu primeiro feat. internacional. Como foi o processo de realizar essa parceria com o Taboo? E há planos de vocês tocarem essa música ao vivo algum dia?

KM: Trabalhar com Taboo foi uma experiência enriquecedora. A parceria surgiu de uma admiração mútua e um desejo de unir forças para ampliar a mensagem de nossas músicas. Quero um dia poder cantar os trabalhos que realizamos juntos, e torço para isso. Quem sabe o que vem por aí.

RMC: Já a música *Bling Bling* debate a ostentação do ouro no meio hip-hop, que é ainda muito predominante. Você esperava que esse debate causaria essa controvérsia toda dentro da comunidade?

KM: Sabia que *Bling Bling* poderia gerar debate, mas a intensidade da controvérsia foi surpreendente. A ostentação do ouro no hip-hop é uma questão complexa e trazer à tona o impacto do garimpo foi crucial para iniciar esse diálogo dentro da comunidade. Acredito que é difícil para pessoas que sempre cantaram ostentação como algo positivo compreender que a ostentação está vindo em cima do meu povo. Que existem pessoas reais, indígenas, que estão pagando pelo ouro que usam com tanto orgulho.



Capa do álbum *Cura*

Mas não me arrependo por um minuto... Afinal, dentro das conversas com outras pessoas indígenas, esse assunto sempre foi incômodo, mas ninguém tinha coragem de falar por conta das represálias e ataques que sabíamos que ocorreriam. Então eu falei! Porque temos que ser ouvidos para poder ter algum poder maior de mudar o fato de que existem crianças indígenas morrendo envenenadas em nome da correntinha de ouro que valida a ascensão social de muitos fazedores e ouvintes de rap.

RMC: E depois de todo o debate, você acredita que as pessoas abriram mais a cabeça para a questão do garimpo e estão dispostas a ouvir o seu lado e ter mais empatia pela dor indígena?
KM: Acredito que houve uma abertura maior para ouvir e entender a dor indígena por um grupo de pessoas, a maioria sendo mulheres e pessoas LGBTQIA+, principalmente mulheres lésbicas. Em geral, sinto maior resistência de homens brancos e racializados de compreenderem a dor indígena e abdicarem da ostentação. Mulheres brancas e racializadas que me seguem, por outra perspectiva, não só entenderam como mudaram seus hábitos e agradeceram. É incrível ver como o que sai da boca de uma mulher indígena, lésbica e rapper não interessa ao público masculino que fala tanto de decolonialidade em suas músicas.

RMC: O tema das suas músicas dialoga bastante sobre cura interna. Em algumas, como *As Estrelas*, você fala que vai se curar, e mesmo na canção *Luto*, do álbum passado, você canta que vai pôr sua dor pra fora para parar de adoecer. Como tem sido esse processo de cura? Levando em conta a sociedade sexista e heteropatriarcal que nos cerca, esse processo um dia termina?

KM: Meu processo de cura é contínuo. A música tem sido uma ferramenta poderosa para expressar e liberar minha dor. Acredito que a cura é um caminho sem fim, mas cada passo traz mais alívio e fortalecimento. Tem dias que dói como se fosse a primeira vez, tem dias que estou fortalecida para lidar com toda essa estrutura. Afinal, o mundo da música reflete todos os preconceitos sociais. Eu sei que se eu botasse minha bunda para jogo e não cantasse música sobre lesbianidade, meu público seria maior e a indústria lutaria por mim, porque é isso que vende. Compreender quem sou, e o que quero passar me leva para outros caminhos, bem mais difíceis e com menos recurso, mas que me mantém fiel a mim. E isso faz parte da cura.

RMC: Gostaria de registrar meu amor pela música *Não Sou Sua Ex*, que é um hit sapatão que tanto precisamos. Em meio a tanta violência e lesbofobia, é bom demais ouvir alegria lésbica, também. Como tem sido cantar abertamente sobre mulheres num espaço (a indústria musical num geral) que, muitas vezes, ainda é lesbofóbico e só nos aceita caladas ou deixando nossos romances nas entrelinhas?
KM: Cantar abertamente sobre mulheres em uma indústria muitas vezes lesbofóbica é desafiador, mas também libertador. *Não Sou Sua Ex* é um hino que celebra a alegria lésbica e tem sido maravilhoso ver a resposta positiva. Assim que começo a cantar, ver tanta mulher dançando e se jogando, cantando olhando para a namorada me faz sentir um quentinho no coração.

É sobre comunidade, sabe? Essa letra foi escrita majoritariamente pela Lua Phablinne. Mc Marie chegou na canetada com a parte dela, e fui fazendo meus ajustes. Todas mulheres lésbicas incríveis e que possuem orgulho do que são. Que não arredam o pé e falam “LÉSBICA”, com a boca cheia. É esse público que quero alcançar, e dar esse orgulho da palavra. Mas, ao mesmo tempo, a indústria está acostumada com letras falocêntricas, heteronormativas e misóginas. Quando não estamos falando sobre homem e nem cantando para homem, as opções são diminuídas para a gente, quanto artista. Sei que, para fazer muito sucesso no meio do rap/pop, muitas vezes artistas se dizem bi mesmo não sendo, para poder cantar sobre relacionamentos heteroafetivos, ser vista e reconhecida como mulher e até mesmo criar uma “falsa sensação” de que homens podem ter chance com essa artista. Quando você é uma mulher lésbica caminhoneira, a mulheridade é arrancada de você. Pessoas e a indústria não te enxergam como mulher, mesmo você sendo. A lesbofobia combinada com padrões de gênero sexistas te coloca numa prateleira invisível, em que muitos não querem ver que você existe e não querem ouvir o que tem a dizer. E, como sabem que sexualmente e afetivamente você não está disponível para homem nenhum, que não acha um máximo o olhar masculino de aprovação, então você não serve para ser ouvida. Afinal, não consigo nem criar a sensação de que teriam uma chance comigo, mesmo não tendo. Meu corpo, minha aparência, quem eu sou... repele qualquer investida antes de acontecer. E, mesmo acontecendo, a resposta é sempre não.

Como tratam mulheres lésbicas na sociedade? Sexualizam, invisibilizam, silenciam, não as validam e as mantêm marginalizadas e sozinhas. Basicamente é isso que a indústria musical reproduz, mas com nomes chiques e com repertório o suficiente para não serem cancelados.

RMC: Sobre *Sou Eu*, achei que foi um fechamento bem positivo para o álbum. Isso reflete sua visão sobre o futuro? Quais são seus próximos passos?
KM: *Sou Eu* reflete uma visão positiva sobre o futuro, reconhecendo minha jornada e abraçando minha identidade. É uma declaração de amor para mim mesma. Meus próximos passos incluem continuar compondo, colaborando com outros artistas e expandindo minha mensagem de resistência. E claro, manter o processo de cura.

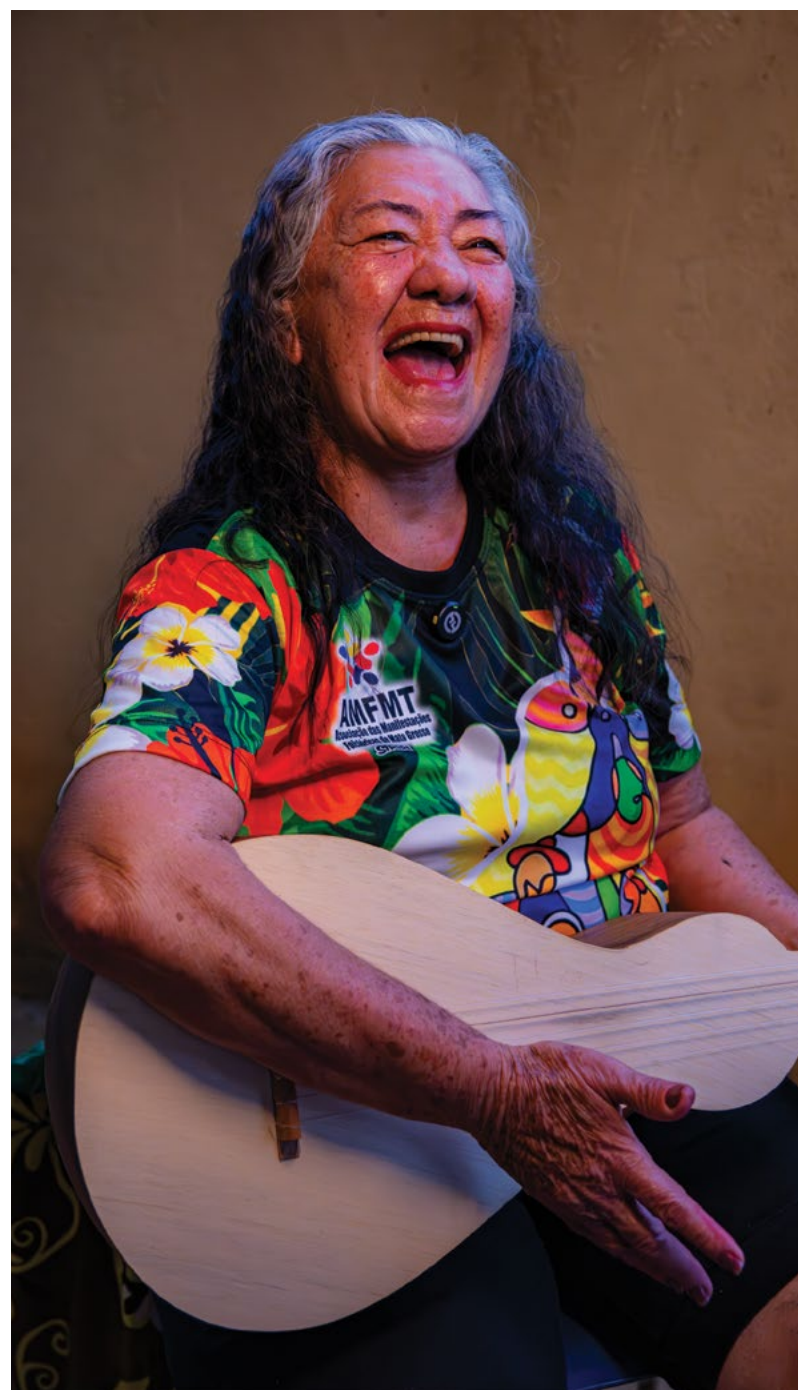
RMC: Mudando um pouquinho de assunto. Também sou filha adotiva, e creio ser muito difícil poder falar abertamente sobre adoção ainda. E tem toda a pressão para ser uma filha mais-que-perfeita e dentro dos moldes brancos e héteros. Você é filha de uma mãe preta e pai indígena Boe Bororo, certo? Como tem sido sua relação com sua comunidade e com seus pais biológicos?
KM: Minha relação com meus pais biológicos é uma jornada delicada. Meu pai era Boe Bororo, mas morreu nas ruas de Jundiaí na minha adolescência; foi morador de rua por muito tempo. Antes de eu entender de fato o que era a identidade que ele tinha me entregado ao me procurar para falar que tínhamos um povo, ele partiu. Minha mãe biológica faleceu há um tempo atrás também, mas, como uma mulher negra sem letramento nenhum, que entregou a vida à religião, não aceitava quem eu era. Parou de falar comigo assim que descobriu que me relacionava com mulheres. Hoje, eu só tenho minha mãe adotiva. Começamos a criar uma relação linda e uma conexão saudável depois de muitos anos. E eu entendo que não teria como ser diferente hoje em dia. Ela tinha medo do meu pai

adotivo, de sofrer violência, então, não tinha boca para nada. Ficava quieta sempre que eu sofria algum racismo ou apanhava, porque sabia que a violência poderia vir para ela. Dona Dalva passou a vida cuidando de um marido - que a usava como empregada - e da minha irmã com Síndrome de Down. Quando minha irmã faleceu na pandemia, nós nos aproximamos e pudemos nos olhar como mãe e filha. Mesmo ela procurando alguém para cuidar, ou algo para limpar na minha casa na tentativa de ser “útil”. A cura veio de nos enxergarmos como mulheres que estão lá uma para a outra, mas que estão aprendendo a se priorizar. Visitar minha comunidade em maio foi um momento de reafirmação de identidade e fortalecimento dos laços culturais e familiares. Meu povo sempre me recebe muito bem, e sempre que estou no território, sinto que recarrego para a luta diária. É voltar pra casa.

RMC: Para finalizar, qual mensagem você gostaria de passar para outras meninas e mulheres indígenas / racializadas se encontrando – desde resgatando sua ancestralidade, ou família biológica, ou se entendendo enquanto lésbicas – e que buscam referências de outras mulheres parecidas? Qual conselho ou mensagem de cura você falaria?
KM: Para outras meninas e mulheres indígenas ou racializadas, minha mensagem é de resistência e amor-próprio. Resgatar nossa ancestralidade e entender nossas raízes é fundamental. Se encontrar como lésbica ou em qualquer outra identidade é um processo poderoso. Nunca subestime a força da nossa voz e da nossa história. Digo que dói muito o processo de cura, porque tem que tocar na ferida... mas vale a pena, pois, no caminho, você encontra parceiras que estão no mesmo objetivo. Por mais solitário que pareça, sempre tem uma mulher para segurar sua mão. Seja uma amiga, uma mãe, uma namorada, uma tia... famílias que a gente escolheu. Então, que cuidemos uma das outras nessa jornada, para ser um pouco mais fácil. •



Texto por:
Ana Reis
 Jornalista e pós-graduanda em Jornalismo Cultural e de Entretenimento, é profundamente interessada por música e poesia, usando a última como ferramenta de reflexão sobre pertencimento (ou a falta dele) ao existir como mulher racializada e lésbica.



As guardiãs da viola de cocho

Mulheres perpetuam a tradição da Toada de Cururu em Mato Grosso

O Cururu e o Siriri, manifestações culturais das regiões do Pantanal e do cerrado brasileiro, associadas ao complexo poético-coreográfico do Modo de Fazer Viola de Cocho, são expressões vivas da alma das comunidades de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Esses gêneros estão intrinsecamente ligados à viola de cocho, o coração dessas celebrações.

No Cururu, o canto sponsorial é a alma da festa. Enraizado em desafios poéticos, onde cantadores improvisam ou repetem versos conhecidos, a prática mistura devoção e arte. As letras, muitas vezes inspiradas em histórias de santos e passagens bíblicas, são cantadas em festas religiosas, como as de São Benedito, São Gonçalo e Santo Antônio. Nesses momentos, a comunidade se reúne para celebrar sua fé e para fortalecer os laços culturais que os unem. A viola de cocho, com seu ritmo cadenciado, sustenta as vozes em um diálogo musical entre o solista e o coro, criando um ambiente de reverência e conexão.

Já o Siriri é uma celebração da vida cotidiana, uma dança que transforma qualquer ocasião em festa. Ao som vibrante da viola de cocho, mocho e ganzá, os dançarinos – homens, mulheres e crianças –, formam rodas e fileiras, se movendo com um ritmo acelerado e coreografias simples, mas cheias de energia. O Siriri, ao contrário do Cururu, é predominantemente secular. Suas músicas falam de temas leves, como o dia a dia, a natureza e as relações humanas, refletindo o espírito alegre e comunitário das celebrações. É comum que o Siriri aconteça logo após as festividades do Cururu, marcando a transição da devoção para a pura alegria coletiva.

Fotos: Leandro Vinicius de Andrade @fabrica.onze

A importância cultural do Cururu e do Siriri está diretamente ligada à presença da viola de cocho. Sem esse instrumento, essas manifestações perderiam uma parte vital de sua essência. A sonoridade do instrumento define o caráter dessas músicas e danças e conecta as comunidades pantaneiras à sua identidade cultural, mantendo viva uma tradição que resiste ao tempo e às transformações da modernidade. Cada acorde, cada verso e cada passo são um testemunho da resiliência e da beleza dessas expressões culturais, que continuam a ecoar nas festas e nos corações das pessoas que as mantêm vivas.

Em 2005, o Modo de Fazer Viola de Cocho foi registrado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil, e inscrito no Livro de Registro dos Saberes. Um reconhecimento que vai além do valor do instrumento em si, alcançando as raízes profundas das tradições pantaneiras e cerradeiras. O dossiê de registro (2009) documenta essa prática e mergulha na alma de comunidades que, por gerações, moldaram esse instrumento com as mãos e com o coração.

De acordo com Edilberto Fonseca, professor de Produção Cultural na Universidade Federal Fluminense (UFF) e pesquisador do dossiê “Modo de Fazer Viola-de-Cocho”, a origem do instrumento vem a partir de dois pesquisadores alemães, Karl von den Steinen e Max Schmidt, que estiveram no Brasil no início do século XX realizando pesquisas etnográficas no Centro-Oeste brasileiro e associaram as violas aos povos Guató e à população ribeirinha da região pantaneira.

“As informações que temos sobre as origens são essas, mas, na verdade, é algo difuso. Não existe um momento específico em que a viola-de-cocho foi criada, ela foi se adaptando por várias populações que interagiram naquela região desde o século XX até ganhar o formato que tem atualmente”, diz.

O interesse de Edilberto pela viola de cocho começou em 2003, quando passou a trabalhar no Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular do IPHAN, popularmente conhecido como Museu de Folclore. Em 2000, o decreto 3551 de Patrimônio Imaterial, que regulamenta o registro de patrimônio do Brasil, levou o IPHAN a realizar uma série de pesquisas. Foi registrado o modo de fazer panela no Espírito Santo, o complexo do Boi no Maranhão, o modo de fazer acarajé, além do samba de roda na Bahia, que também já havia sido objeto

de pesquisa. “Fiquei de 2003 a 2010 participando de inúmeras pesquisas, mas a primeira e principal com a qual me identifiquei foi a da viola-de-cocho. Fui para Cuiabá e fiz toda a pesquisa etnográfica na região da Baixada Cuiabana”, conta o pesquisador.

Na região, os pesquisadores sondaram os artesãos da viola-de-cocho e todas as manifestações que envolviam o instrumento, o que os levou a estudar seu uso no Cururu e no Siriri.

Tradição artesanal

Segundo o pesquisador, o processo do modo de fazer as violas-de-cocho envolve uma interação cuidadosa e respeitosa dos artesãos com a natureza. Antes da retirada da madeira para a confecção da viola, há toda uma preparação e, basicamente, duas madeiras são utilizadas: o sarã e a ximbuva, árvores típicas da região pantaneira. Porém, outras espécies de madeiras com mangueira e jacote (seriguela), já foram testadas e aprovadas pelos mestres artesãos de viola de cocho como sendo apropriadas para a confecção do instrumento.

“Essas madeiras precisam ser retiradas durante a lua minguante, pois, se forem cortadas na lua cheia, ficarão propensas a infestações, comprometendo sua qualidade. Os artesãos, por tradição, sabem exatamente qual é o tempo certo para a retirada das árvores, garantindo que a madeira seja adequada para o uso”, explica.

O tempo é de figueira, uma madeira de qualidade especial. Ela é trabalhada no próprio local da retirada em um formato mais grosseiro para facilitar o transporte. Ali, já é feito um trabalho artesanal inicial, moldando a madeira de maneira mais bruta para se aproximar do formato da viola, mas ainda não no formato final. Depois, as peças são levadas para oficinas, que geralmente são os quintais das casas dos artesãos. “O cocho é a parte central da viola, que não é montada como um violão, com várias partes laterais e fundo. A viola de cocho, como o nome sugere, tem um formato que lembra um cocho, um local onde os animais se alimentam. O corpo da viola é totalmente escavado na própria madeira”, acrescenta o professor.

A parte de trás e a paleta, onde as cordas passam, são feitas separadamente e, depois, coladas ao cocho. Eles usam cola de madeira para juntar a parte superior ao corpo da viola. Após a montagem, o acabamento é feito com lixamento até alcançar o formato final da viola que conhecemos.



Apresentação da Toada de Cururu com as alunas da AMFMT

As cordas, que eram tradicionalmente feitas de tripa de bugio ou macaco, foram substituídas por cordas de nylon há muitos anos. “As fitas que ficam penduradas na ponta da viola são um símbolo de devoção. Elas geralmente são de cor escura e representam a devoção aos santos católicos, manifestada em vários momentos rituais ao longo do ano”, diz.

Segundo o pesquisador, essa tradição está espalhada por toda a região da calha do Rio Paraguai até Cuiabá. A proximidade entre essas populações é grande devido à interação histórica entre elas, como migrações e casamentos, que facilitavam o contato entre os grupos. A pesquisa feita por Edilberto e equipe focou no Brasil e não incluiu o Paraguai, portanto, não há informações atualizadas sobre a situação atual nesses 20 anos após o dossiê. “Essa interação cultural é significativa na região. Embora nossa pesquisa não tenha abordado a parte fora do Brasil, a troca cultural é evidente e marcante. Na ocasião, estávamos concentrados na preservação do patrimônio imaterial brasileiro”, esclarece.

Há 19 anos, o dossiê já alertava para as ameaças que pairavam sobre essa tradição. A diminuição do número de artesãos e a escassez de materiais tradicionais são riscos que colocam em xeque a continuidade dessa prática, além da competição com instrumentos industrializados, outra barreira que as comunidades precisam superar. Para isso, são propostas medidas de salvaguarda, como programas de formação de novos artesãos e eventos culturais que ajudem a manter viva a visibilidade do instrumento.

O reconhecimento de todas as manifestações que envolvem a viola de cocho, desde o modo de fazer até o uso, é uma responsabilidade que reafirma a importância de proteger a herança cultural e de incentivar políticas públicas que garantam sua preservação. O instrumento é a voz de uma região, de um povo que encontra no som de suas cordas a continuidade de sua história e de sua identidade. Preservá-la é garantir que essa voz nunca se cale.

Histórias de resistência e persistência

Em 2024, no âmbito das ações de salvaguarda do bem cultural, o Modo de Fazer Viola de Cocho foi o tema do vídeo documental produzido pelo IPHAN de Mato Grosso. A produção, intitulada *Modo de Fazer Viola de Cocho: os saberes dos Cururueiros*, contou com a parceria do Instituto ECCOS/Museu de História Natural de Mato Grosso e da Secretaria de Estado de Cultura, Esporte e Lazer (Secel/MT). O documentário foi exibido pela primeira vez no mês de julho, em Cáceres (MT), dentro da programação do Festival Internacional de Pesca Esportiva (Fipe), evento promovido pela Prefeitura Municipal de Cáceres.

O curta priorizou os artesãos mais antigos em atividade no ofício e um casal de cururueiros, com destaque para a cururueira Zilda da Silva, cuja trajetória foi marcada pela resistência. Ela foi uma das poucas mulheres a participar das rodas de cururu tradicionalmente ocupadas por homens.

A produção fez parte de um conjunto de ações propostas no Plano de Salvaguarda do Modo de Fazer Viola de Cocho, e contemplou, de modo mais preciso, dois pontos do plano: realizar exposições e apresentações com detentores, utilizando parceiros estratégicos com experiência na realização de eventos culturais locais, valorizar a história de vida dos detentores mais experientes e idosos e promover a transmissão de saberes por meio dos materiais produzidos.

No que diz respeito à política de licenciamento ambiental brasileira, o IPHAN é um órgão interveniente, o que significa que não tem o poder de embargar uma obra ou empreendimento diretamente. No entanto, ele pode avaliar se um projeto, baseado em pesquisa contratada, terá um impacto negativo ou positivo no bem cultural em questão. Em 2020, Francimário Vito dos Santos, antropólogo do Iphan/MT, recebeu alguns em-

“Elas cantam para perpetuar a toada dos seus ancestrais. Quem não possui, não tem problema, criamos aqui. Focamos nos santos e no empoderamento das mulheres. Estamos, inclusive, organizando uma toada que foca na importância de Nossa Senhora, que é uma mulher, mãe de Jesus e mãe de todos nós.”

Celi Minas



Alunas de viola-de-cocho da Associação de Manifestações Folclóricas de Mato Grosso de Várzea Grande

preendimentos por meio de relatórios que destacavam as mulheres por trás do cururu, especialmente, o trabalho da Dona Zilda. Esse material chegou em um momento oportuno e revelou a importância de preservar a essência do bem cultural sem descaracterizá-lo.

“O que me chamou mais a atenção foi a narrativa de resistência de Dona Zilda, que é extremamente forte e tocante. Sua história de não reconhecimento, mas persistência, mesmo em uma comunidade majoritariamente masculina, é inspiradora. Ela continuou lutando por seus princípios e levando seu trabalho a outros lugares. Quando surgiu a oportunidade de produzir o documentário, essa narrativa foi a principal motivação para seguir em frente”.

As guardiãs

Iniciada em 1996 e formalizada em 2003, a Associação de Manifestações Folclóricas de Mato Grosso de Várzea Grande (AMFMT) tem uma missão clara: preservar e promover as tradições culturais matogrossense, com destaque para a transmissão de saberes sobre a confecção da viola de cocho, o ganzá e o mocho, o Siriri, o Cururu, a Dança do Chorado e a Dança da Peneira. Enraizada na comunidade de Várzea Grande, a associação também leva suas ações para o interior do Estado.

No ano passado, a AMFMT deu início a um projeto concentrado em aulas de cururu para mulheres. O que começou com três alunas, hoje já conta com dez e a tendência é aumentar. “Eu e a professora Carmen Maria escrevemos um livro em que mapeamos os cururueiros de Várzea Grande. Quando fizemos as entrevistas, percebemos que tinham muitas mulheres envolvidas no Cururu, e que, muitas delas diziam não cantar por sentir vergonha ou medo de entrar na roda, pelo fato de só existir homens nesse meio. Então eu sugeri as aulas”, conta Celi Minas Nova, professora de história, mestre em ciências da educação e uma das fundadoras da associação.

Celi, que vive na comunidade há mais de 20 anos, trabalha incansavelmente para fortalecer a presença feminina no Cururu e Siriri. Todas as quintas-feiras de manhã as mulheres se reúnem, se apoiando mutuamente. “Aqui é uma apoiando a outra e o meu trabalho é incentivar, porque eu acredito que um povo sem cultura e que não mantém as suas tradições, perde a sua identidade. Se antes as mulheres eram impedidas de fazer tantas coisas, hoje nós vamos aonde a gente quer para também ser um exemplo para as meninas”.

A neta de Celi, Valeska, toca mocho, um instrumento também tradicionalmente masculino. “Ela diz: ‘vó, eu toco mocho, porque eu vi a professora Cecília tocando”.

Entre as cururueiras que conversaram virtualmente com a *Revista Memorial Cultural*, se destacam figuras como Dona Sinhá, filha de um dos maiores cururueiros do Mato Grosso, e Dona Antônia, que ensina a viola de cocho. Dona Antônia lembra dos tempos em que apenas homens tocavam, mas hoje se sente realizada. “Agora está acabando um pouco dos preconceitos. Eu toco e canto desde os meus 7 anos. Faz 60 anos essa caminhada. Hoje eu fico agradecida e feliz por estar à frente dessa cultura”.

Dona Ana, que possui a viola de seu falecido pai, Antonio Miguel de Figueiredo, não falta a nenhuma aula. Cecília, professora e historiadora, está na AMFMT há sete anos e trabalha com crianças, garantindo a continuidade da cultura. Célia, uma das coordenadoras do projeto que apoia as mulheres, distribui cópias das letras das canções.

As músicas, muitas vezes passadas de geração em geração, são um ponto central do trabalho da AMFMT. “Elas cantam para perpetuar a toada dos seus ancestrais. Quem não possui, não tem problema, criamos aqui. Focamos nos santos e no empoderamento das mulheres. Estamos, inclusive, organizando uma toada que foca na importância de Nossa Senhora, que é uma mulher, mãe de Jesus e mãe de todos nós”, explica Celi.

A timidez de dona Ilda não esconde sua felicidade em fazer parte do grupo. “Agradeço sempre pela paciência na hora de ensinar”, diz ela. Dona Nilza, natural do Paraná e que voltou para Várzea Grande após 14 anos longe, também integra o grupo com bastante alegria. “Ninguém da minha família toca, eu fui convidada pela Celi e estou aqui. Gosto muito da cultura deste lugar”.

Quando questionadas sobre o medo e a vergonha iniciais, Dona Sinhá responde prontamente. “Quando a gente entra na roda, alguns homens ainda olham de lado, debocham uns com os outros e alguns até criticam. Fazem gestos desmerecendo nossa roda. Mas nós seguimos. Se Deus quiser, vamos tocar no Mato Grosso inteiro. Nós temos coragem e vontade. Ninguém me pega. Eu vou. Eu sei do meu trabalho”.

Durante as apresentações, as alunas se juntam aos cururueiros formando um grupo. Uma das orientações passadas a elas é clara: usar saia, vestido bonito e colocar uma flor no cabelo para marcar presença. A professora sempre reforça: “fiquem sempre juntas. Quando nos apresentamos, permanecemos unidas, apoiando umas às outras. Se alguém nos olhar de maneira atravessada, erguemos a cabeça e seguimos em frente”, finaliza. •



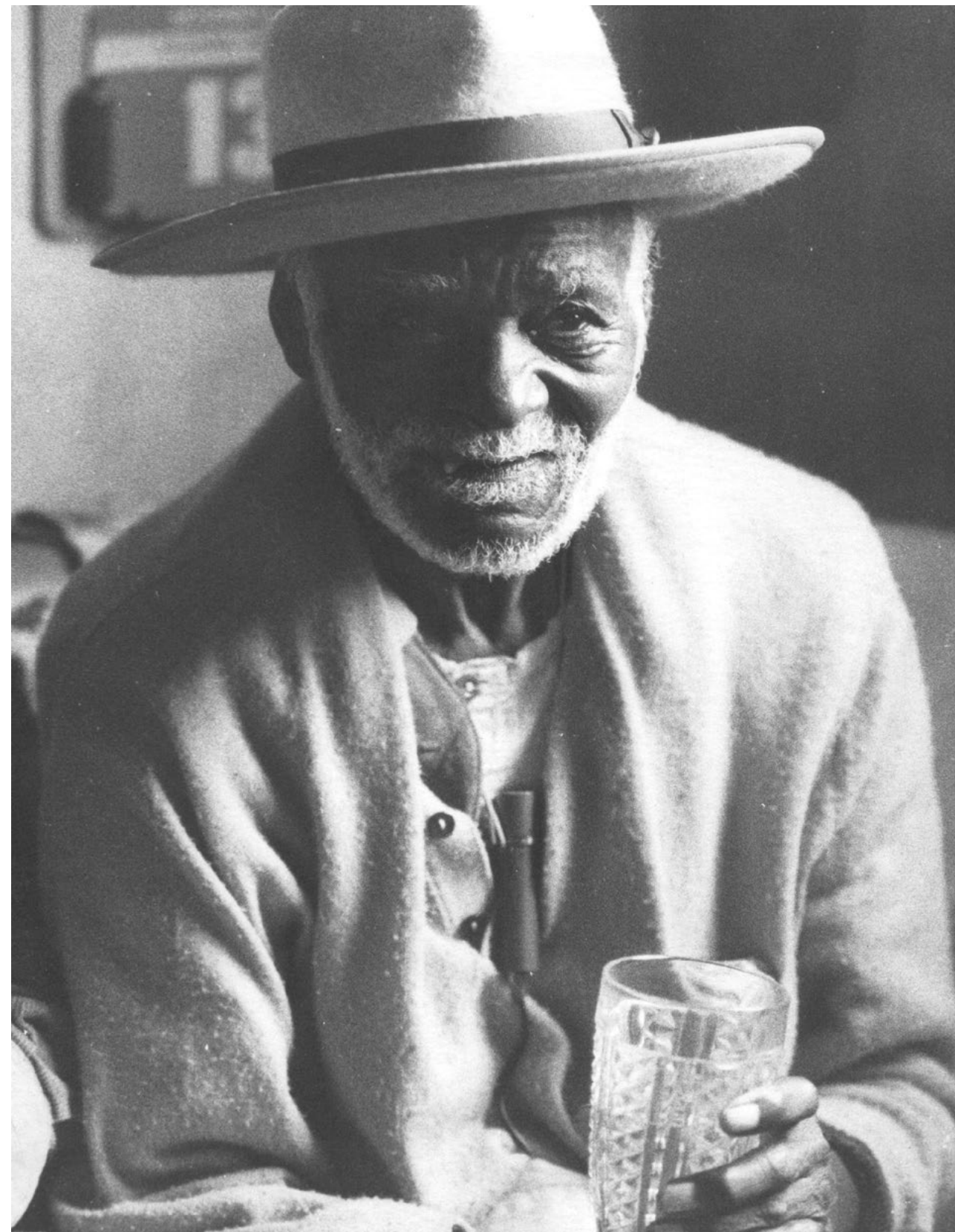
Texto por:
Isabella Vilela
Jornalista, pós-graduada em Jornalismo Cultural e de Entretenimento com foco em diversidade, narrativas imersivas e análise crítica.

Largo da Banana:

O berço do samba,
mas não só dele

*O Largo da Banana é conhecido como berço do samba,
mas ele também abriga outros fatores muito relevantes
para compreender a sociedade brasileira*

Foto: acervo S. Marino



Dionísio Barbosa

O Largo da Banana não tem uma localização totalmente precisa, se enquadra próximo da onde foi construído o Viaduto Pacaembu. Entretanto, a imprecisão não está apenas na sua localização, mas também na sua história. O nome remete ao comércio de bananas nas imediações da estação da Barra Funda e se consolidou apenas na década de 1950. Hoje, tal nome é muito associado à história do samba paulista, na medida em que é mencionado em muitas músicas, como as do militante negro Dionísio Barbosa, um ícone do gênero musical e inventor dos antigos “cordões” de carnaval.

Muito da importante história da região se perdeu ao longo dos anos. Por isso, a *Revista Memorial Cultural* convidou a arquiteta Renata Siqueira que, durante seu doutorado na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, pesquisou o tema e finalizou o curso com uma tese que contou com relatos e horas de estudo sobre a história e memória da região.

Existe uma versão pouco contada que ficou escondida na grande importância do Largo para o samba: a do dia a dia dos trabalhadores do pátio de carga presente no local e como estes viviam durante o processo de modernização do país no século XX. Era comum que se alterasse o cotidiano de trabalho braçal pesado com as famosas rodas de sambas. Muitas vezes, os que estavam ali eram chamados de “negros valentes” e tinham que encarar um estigma que durou não apenas no começo do século, mas em todo período de modernização da capital paulista.

A região – que hoje é símbolo do carnaval e da resistência negra –, nem sempre carregou os ânimos e as festividades. A maioria dos frequentadores eram trabalhadores informais que viviam em estado precário e vulnerável. O lugar era estigmatizado e símbolo de violência, conhecido por ser casa de “marginais”.

Dito isso, o território, que é apresentado como o berço do samba, não era tratado como símbolo de admiração durante os anos 1960. Renata Siqueira nos contou que nos anos 1950, o lugar concentrava trabalhadores pobres que, em geral, moravam nas periferias e eram alvo de muita vigilância, represálias e violência policial. “Isso é uma história que também faz parte do Brasil e que o Largo da Banana ajuda a contar”, diz a especialista.

Renata explica também que seus estudos demonstraram que o local foi de relevante para resistência negra e território de samba, contando com muitas imagens importantes. Zezinho da Casa Verde, sambista renomado, chama o Largo de “pátio”, pois, para ele, era o lugar em que trabalhava, era o pátio de carga, o samba veio depois. Ou seja, o espaço foi muito importante para a história do samba, mas também para compreensões que vão além do ritmo musical.

Foi a partir dos anos 1960 que se começou a escutar artistas falando sobre o Largo da Banana como um local do samba em São Paulo. O disco de 1974 intitulado *Nas Quebradas do Mundaréu* conta sobre a chegada do samba do interior para a capital paulista e o sambista Plínio Marcos não esquece de mencionar que o ritmo musical chegou lá pela estação.

No começo na primeira música, *Tiririca*, o artista pede licença para os mais velhos para começar. Para os que fizeram samba na rua e sofreram

“A coisa mais linda que eu aprendi com o Largo da Banana que encontrei é justamente como ele permite compreender as lutas e aspirações de uma grande variedade de personalidades negras de diferentes gerações.”

Renata Siqueira

com a polícia também. São esses mesmos sambistas mais velhos que, quando falam sobre o samba na época, mencionam que nem todos que estavam lá queriam participar das rodas. Na verdade, a maior parte eram trabalhadores que viviam em situação de constante incerteza, alguns participavam, outros não.

O que de fato essas pessoas compartilhavam era um processo de modernização com marcas de discriminação racial e muita violência. Hoje, a história do Largo da Banana é repassada como a história do samba, mas contou com muitas outras histórias importantes para entender a sociedade brasileira e suas dinâmicas que refletem até os dias atuais. Sendo a do ritmo musical, uma delas.

Renata conta especificamente sobre como o time de futebol da região, chamado São Geraldo, era, muitas vezes, associado a sambistas e moradores do Largo da Banana, mas essa associação não refletia a realidade. Na verdade, torcer pelo time era um costume regional e os jogadores não eram necessariamente músicos. Além disso, o largo é descrito como um lugar com uma história diversificada que abrigava pessoas com diferentes perfis ao longo dos anos.

Foi depois da construção do Viaduto, em 1958, que de fato a região começou a contar com ensaios do samba. Não é um fenômeno anterior à construção e sim posterior, explica Renata. A “morte” do Largo do Banana acontece enquanto, na verdade, ele ainda existe e é colocado distante para que possa fazer

sentido na narrativa, para ser um símbolo. Mas, na verdade, ele ainda estava vivo quando o mataram nas músicas, os trabalhadores ainda estavam lá.

Mas, ao fazer isso, é criado um estereótipo, além de reduzir esse espaço, quando, na verdade, o local é um símbolo de heterogeneidade, com muitas pessoas diferentes. O conhecido “berço do samba”, foi também berço de muitas pessoas, como quaisquer outras, que viam naquele espaço apenas seu duro cotidiano. Existe uma complexidade muito grande, muitas vezes tentam colocar diversos personagens em um só, mas não é isso que de fato aconteceu.

Renata finaliza dizendo que “a coisa mais linda que eu aprendi com o Largo da Banana que encontrei é justamente como ele permite compreender as lutas e aspirações de uma grande variedade de personalidades negras de diferentes gerações”. Essa frase simboliza a história do Largo da Banana como berço do samba e muito mais, um lugar que era ambiente de trabalhadores informais, que viviam das incertezas e sofriam com a violência. Muitos eram do samba, muitos não. Mas, de qualquer maneira, as histórias são importantes para compreender o Brasil.

O Largo da Banana tem muitas camadas: é símbolo de resistência e samba. Ele reflete aspectos das experiências sociais negras em São Paulo durante o século XX. Entre elas, as condições de trabalho precário, violência policial e marginalização de espaços da cidade. É um local importante para estudar música, mas também as dinâmicas sociais do Brasil. •



Texto por:
Juliana Castro
Formada em Relações Internacionais pela FGV e aluna de pós-graduação em jornalismo cultural e do entretenimento. Apaixonada em ler e escrever, Juliana se descobriu uma amante de assuntos políticos e culturais.

“Fiquei sem o terreiro da Escola
Já não posso mais sambar
Sambista sem o Largo da Banana
A Barra Funda vai parar

Surgiu um viaduto, é progresso
Eu não posso protestar
Adeus, berço do samba
Eu vou-me embora
Vou sambar noutro lugar”

Geraldo Filme



Foto de acervo do Largo da Banana

Foto: acervo Centro de Documentação e Memória do Samba

Intolerância Religiosa no Brasil

A informação como desafio e solução para combater o problema

O retrato da religião na América Latina

De acordo com pesquisa feita pelo instituto Latinobarômetro em 2023, 53,8% da população da América Latina é católica, sendo a religião predominante na região. Entre 2020 e 2023, percebe-se também um salto de evangélicos – protestantes, pentecostais e neopentecostais –, que, na última pesquisa, representam 23,4% da população. Por mais que essas duas religiões sejam as predominantes, a América Latina conta com uma variedade delas: mórmons, judeus, agnósticos, ateus, candomblecistas, umbandistas, entre outras.

A diversidade de religião deve ser motivo de orgulho de uma região. Entretanto, ao olhar para os dados de denúncias dos últimos anos, percebe-se que a intolerância religiosa ainda é muito presente no continente. Por isso, a *Revista Memorial Cultural* convidou a repórter Anna Virginia Balloussier, especialista em religião, direitos humanos e política, para falar sobre o tema e explicar a relevância dele na América Latina.

Intolerância religiosa e seus males

Anna Virgínia explica que “a intolerância religiosa é todo o preconceito que você tem contra alguém por conta de sua fé. Ela pode ser praticada por qualquer um que desmereça alguém, óbvio, por conta de sua crença”. De acordo com o Disque Denúncia no Brasil, quem mais sofre de intolerância religiosa são os grupos de matriz africana, como a Umbanda, o Candomblé ou o Ketu. Mesmo sendo todas da mesma matriz, as religiões são divididas em subgrupos no Brasil, com as brasileiras, afro-brasileiras e afro-descendentes, afirma a especialista.

Não são apenas tais religiões que sofrem preconceito. Anna explica que no Brasil existe outro fenômeno comum. Muitos evangélicos relatam sofrer intolerância religiosa. “Muitos evangélicos afirmam serem alvos de preconceito por serem cristãos. Em pesquisa recente do Instituto Datafolha, que eu ajudei a preparar e que publiquei em julho, mais de 50% dizem sofrer preconceito”. O que ela explica em seguida é que, por mais que, de fato, haja a generalização e incompreensão da religião que taxa o evangélico como reacionário, concitando em preconceito, existe também um fenômeno de muito medo dos praticantes de tal religião: “Diversos evangélicos que frequentam universidades relatam, por exemplo, que eles preferem não falar a sua fé na turma, pois se sentem desrespeitados”.

Religião e política: Uma interseção complexa

Ao falar sobre como começou seu interesse pelo tema, Anna Virgínia traz um tópico importante: política. Ela conta que se interessou por religião quando, em 2010, estava cobrindo as eleições presidenciais brasileiras e sua editora da época a colocou para visitar cultos evangélicos e missas católicas para que pudesse compreender como alguns assuntos que orbitam as eleições eram vistos nesses locais e como assuntos religiosos esbarram na percepção da política.

Com essa oportunidade, a jornalista passou a olhar para o tema com outros olhos e entender sua complexidade: “Eu acabei me interessando pela cobertura, especificamente dos evangélicos. As matérias feitas anteriormente empobreciam o fenômeno que eu tinha visto nos cultos, era algo muito com-

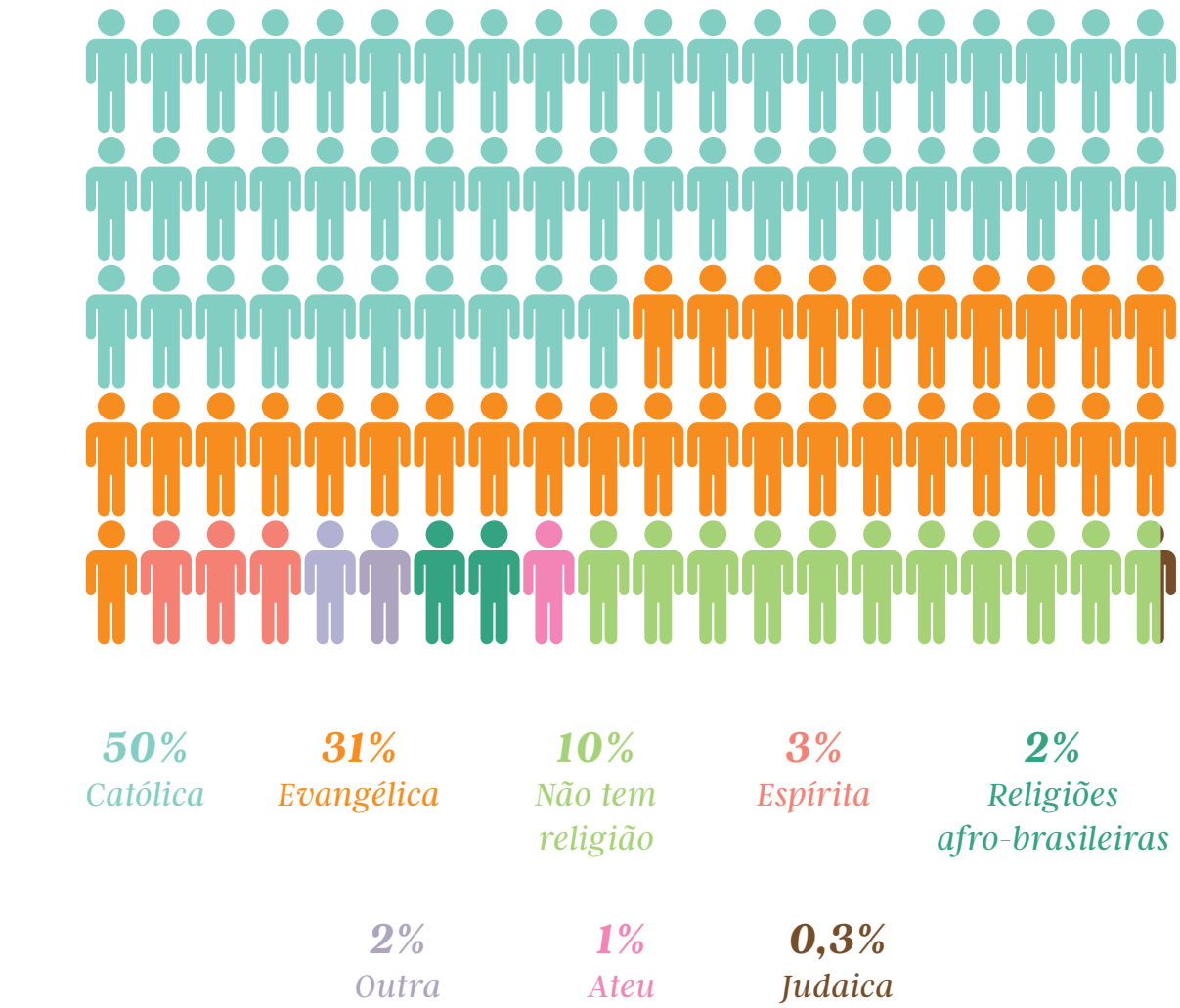


Gráfico: Myko Jordan | Pesquisa: Datafolha 2020

plexo, um retrato de um Brasil que pouca gente estava vendo e acompanhando. Foi a partir daí que comecei a me interessar nessa cobertura religiosa, que acabou inevitavelmente se entrelaçando com a questão política”.

Anna Virgínia fala sobre como as notícias falsas são usadas para prejudicar candidatos de todos os lados. Muitas vezes espalham informações que não condizem com a realidade para incentivar votos de grupos religiosos e gerar medo: “muitas *fake news* que atingiram grupos religiosos, grupos evangélicos, os católicos conservadores, elas partiam dessa premissa do medo, essa fomentação da ideia de que o cristianismo estaria em perigo, ainda que seja um medo imaginário”.

A importância da informação

Com base nos graves problemas de notícias falsas, questionamos a especialista sobre qual a im-

portância da informação de qualidade para combater a intolerância religiosa na América Latina. Anna responde à pergunta afirmando que “a informação de qualidade vem justamente para que você possa combater esse ecossistema de desinformação que circula nos subterrâneos e eu acho que é com a informação que você cura isso. A questão toda é como fazer a notícia correta alcançar tanta gente quanto a mentira, esse é o grande desafio que a gente tem. Vemos que é muito mais fácil você circular uma inverdade, uma *fake news*, do que o fact-checking, a checagem de dados. Então, eu acho que é um trabalho de campo importantíssimo, desafiador, mas que precisa ser feito. E, de repente, entender como o algoritmo das redes sociais funciona, adaptar a linguagem e alcançar o máximo de pessoas”, finaliza. •



Texto por:

Juliana Castro

Formada em Relações Internacionais pela FGV e aluna de pós-graduação em jornalismo cultural e do entretenimento. Apaixonada em ler e escrever, Juliana se descobriu uma amante de assuntos políticos e culturais.

Entre ondas e segredos

A ótica representativa do diretor peruano Javier Fuentes-León

“Em celebração ao bicentenário da Independência do Peru, em parceria com o Consulado Geral do Peru, o Memorial da América Latina apresentou a Mostra de Cinema Peruano no mês de julho. O evento rodou o Brasil ao longo do ano e reuniu uma seleção de cinco filmes que caracterizam a produção cinematográfica recente do país, que cresceu bastante a partir dos anos 2000.

As exibições deram ênfase na qualidade do cinema peruano, que costuma ter menos destaque em comparação com os cinemas do Brasil, da Argentina e do Chile. No entanto, para quem acompanha o cenário, é impossível falar sobre cinema latino-americano sem mencionar Javier Fuentes-León, diretor peruano em ascensão conhecido por superar com criatividade as limitações orçamentárias da pequena indústria cinematográfica de seu país.

Contracorriente, de 2010, pode ser considerado uma obra-prima latina que navega pelas águas turbulentas da identidade e aceitação. O filme foi o representante peruano no Oscar e conta a história de Miguel, um pescador casado em uma vila conservadora, que vive um relacionamento secreto com Santiago, um pintor. A narrativa se desenrola com a morte súbita de Santiago, cujo espírito per-

manece na vila interagindo com Miguel, o único que pode vê-lo. O enredo, que mistura realismo mágico com drama, aborda a dualidade entre tradição e desejo, colocando em jogo o conflito interno de Miguel entre sua vida pública e seus sentimentos privados.

A escolha de Fuentes-León de ambientar a história em uma vila de pescadores no Peru não foi por acaso. O diretor utiliza o cenário como uma reprodução das pressões sociais enfrentadas pela comunidade LGBTQIAP+ no país. A presença do espírito de Santiago representa a constante batalha interna e a necessidade de aceitação que muitos enfrentam, mesmo 14 anos depois do lançamento do filme. Muito além disso, o longa explora como a homofobia internalizada e a expectativa de conformidade social podem afetar profundamente as relações pessoais e a autoaceitação.

Em várias entrevistas, Javier mencionou que *Contracorriente* é inspirado em parte por sua própria experiência como um homem cis gay no Peru. Ele buscou criar uma história que, apesar de sua especificidade cultural, ressoasse universalmente com qualquer pessoa que já tenha se sentido dividida entre o que a sociedade espera e o que realmente deseja.

Fotos: reprodução



Cenas e backstage do filme *Las Mejores Familias*

Já em *Las Mejores Familias* (2020), o cineasta volta sua atenção para a dinâmica familiar e as diferenças de classe com um toque de humor ácido. O filme segue duas famílias ricas em Lima cujas vidas são viradas de cabeça para baixo quando segredos são revelados em um jantar. Dentre esses segredos, está a revelação da sexualidade de um dos personagens, que desafia as normas conservadoras das famílias de elite.

Curiosamente, em *Las Mejores Familias*, a homossexualidade é abordada de uma maneira mais leve e sarcástica, contrastando com o tom sério de *Contracorriente*. O diretor utiliza o humor para criticar a hipocrisia das classes altas e a superficialidade das aparências sociais, permitindo que o público reflita sobre a aceitação e o preconceito de uma forma acessível e, ao mesmo tempo, incisiva.

O contexto local é essencial para entender a profundidade das obras de Fuentes-León. O Peru, com sua for-

te herança católica e uma sociedade que ainda luta com questões de igualdade de direitos para a comunidade LGBTQIAP+, serve como um panorama um tanto quanto desafiador para as narrativas do diretor. *Contracorriente* se consolidou como uma espécie de líder moderno ao trazer a temática gay de maneira explícita para o cinema peruano, enquanto *Las Mejores Familias* continua a tradição de questionar normas sociais e familiares.

As obras de Javier Fuentes-León são recheadas de curiosidades que engrandecem a experiência cinematográfica. Por exemplo, durante as filmagens de *Contracorriente*, a equipe enfrentou desafios técnicos ao filmar cenas subaquáticas no mar agitado, o que metaforicamente reflete as inquietações emocionais dos personagens. Já em *Las Mejores Familias*, o diretor utilizou locais reais de Lima, como as luxuosas casas de bairros tradicionais para intensificar a sensação de autenticidade e crítica social.



Cenas e backstage do filme *Contracorriente*



Fotos: reprodução

Javier Fuentes-León segue se destacando como uma voz importante no cinema latino-americano e utiliza sua plataforma com maestria para explorar e provocar as normas sociais. Ao apresentar narrativas que são ao mesmo tempo, pessoais e universalmente ressonantes, seu trabalho acaba agindo como um depoimento da luta por visibilidade e aceitação da comunidade LGBTQIAP+ no Peru.

Vale conferir:

O Elefante Desaparecido (2014)

Diretor: Javier Fuentes-León

Edo Celeste é um renomado romancista policial, que está escrevendo o último livro da série sobre seu alter ego, o detetive Felipe Aranda. Edo é obcecado com o desaparecimento de sua noiva Celia, ocorrido no dia do terremoto de 2007 na costa sul do Peru. Sete anos depois, uma mulher enigmática traz a Edo dezenas de fotos criptográficas que podem ajudar a resolver o mistério do desaparecimento de Celia. Edo sente que está sendo tentado a entrar em um jogo perigoso, mas acredita que essa é a única maneira de encontrar sua noiva viva. Um labirinto de pistas coloca o escritor em uma corrida pelas ruas de Lima e pelas praias desertas de Paracas. Seu destino o confrontará com o maior enigma que qualquer escritor poderia enfrentar.



Além disso, a escolha de elenco em ambos os filmes é o combustível que dá força às histórias. Manolo Cardona, que interpreta Santiago, é um ator colombiano conhecido que trouxe visibilidade ao filme internacionalmente. Em *Las Mejores Familias*, além de trabalhar novamente com a atriz Tatiana Astengo, o diretor reuniu um elenco diversificado que representa a pluralidade social do Peru, utilizando atores que, além de suas performances de alto nível, trouxeram suas próprias perspectivas sobre os temas abordados.

Javier Fuentes-León segue se destacando como uma voz importante no cinema latino-americano e utiliza sua plataforma com maestria para explorar e provocar as normas sociais. Ao apresentar narrativas que são ao mesmo tempo, pessoais e universalmente ressonantes, seu trabalho acaba agindo como um depoimento da luta por visibilidade e aceitação da comunidade LGBTQIAP+ no Peru. •



Texto por:

Isabella Vilela

Jornalista, pós-graduanda em Jornalismo Cultural e de Entretenimento com foco em diversidade, narrativas imersivas e análise crítica.

REVISTA

MEMORIAL

CULTURAL

Contato

+55 11 3823-4600

memorial@memorial.org.br

www.memorial.org.br

Sobre eventos

mercado@memorial.org.br

Av. Mário de Andrade, 664, Barra Funda, São Paulo, SP,
Brasil. CEP: 01156-001.

Governo do Estado

MEMORIAL DA AMÉRICA LATINA 2024

Siga-nos no Instagram: @memorialdaamericalatina

2ª edição | Novembro de 2024

Impressão | Gráfica xxx

Tiragem | Mil exemplares

Papel do miolo | Couchê 115g/m²

Papel da capa | Couchê 210g/ m²

Tipografia | Caslon Pro, Argent CF e Open Sans





MEMORIAL



CULT**SP**

Cultura que
vira você.



SÃO PAULO
GOVERNO DO ESTADO
SÃO PAULO SÃO TODOS